

Romance do  
espírito  
Roboels

Psicografia de Eurípedes Kühl

Transplante  
de amor



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

## Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org).



[www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org)

**Romance do  
espírito  
Roboels**

Psicografia de Eurípedes Kühl

**Transplante  
de amor**

TRANSPLANTE DE AMOR  
Espírito Roboels  
pela psicografia de Eurípedes Kühl

Data da publicação: 30/10/2017

CAPA: Cláudia Rezende Barbeiro

REVISÃO: Cíntia Cortegoso

PUBLICAÇÃO: EVOC – Editora Virtual O Consolador

Rua Senador Souza Naves, 2245

CEP 86015-430

Fone: (43) 3343-2000

[www.oconsolador.com](http://www.oconsolador.com)

Londrina – Estado do Paraná

Dados internacionais de catalogação na publicação

R56t Roboels (Espírito)  
Transplante de amor / Pelo espírito Roboels,  
psicografia de Eurípedes Kühl; revisão de Cíntia  
Cortegoso, capa de Cláudia Rezende Barbeiro. - Londrina,  
PR: EVOC, 2017.  
201 p.

1. Literatura espírita. 2. Doação de órgão e transplante-  
espiritismo. I. Cortegoso, Cíntia. II. Barbeiro, Cláudia  
Rezende. III. Título.

CDD 133.93  
19.ed.

Bibliotecária responsável Maria Luiza Perez CRB9/703

“O Cristo não pediu muita coisa, não exigiu que as pessoas escalassem o Everest ou fizessem grandes sacrifícios. Ele só pediu que nos amássemos uns aos outros.”

Chico Xavier

# Índice

Introdução.....	6
1 Mármore Verde .....	7
2 Dois Centros.....	25
3 De Volta aos Descaminhos.....	32
4 Emoções Trincadas .....	36
5 Onde estão os doadores? .....	49
6 Caminhos da vida, estradas do destino .....	53
7 Equipe invisível... ..	69
8 Linhas tortas .....	76
9 Estrelas falsas .....	91
10 Cama de mármore verde .....	101
11 As várias faces da vida.....	116
12 Qual o perfume? .....	138
13 Bendita dor .....	151
14 O lar e o ninho .....	163
15 Doação de órgãos e transplantes – Enfoques científicos e espirituais .....	184
16 Três Marias .....	198

## Introdução

Prometendo não tomar muito tempo do leitor, para não atrasar-lhe a leitura desta obra, nela compareço, a convite do Autor Espiritual, nosso irmão ROBOELS.

Somos amigos de há muito e lembro-me que o conheci, quando juntos, no Antigo Egito, passamos a lutar pela conquista do desprendimento dos bens terrenos, ou melhor, pela conquista de nós mesmos, com poucos resultados de minha parte.

Muito mais tarde, ROBOELS, diretor da Instituição Espiritual "SEARA DOS ESPÍRITOS", situada na psicosfera de Marselha, então, tive a felicidade de ser-lhe aluno e auxiliar.

Chegada a hora de um novo mergulho seu na romagem terrena, antes de reencarnar, devidamente autorizado pelo Plano Maior, passou-me a direção da "SEARA".

Estávamos na metade do século XIX...

Seus profundos conhecimentos de Medicina (espiritual e física) credenciaram-no a integrar, atualmente, a equipe do inestimável "Médico dos pobres", cuja ação se desenvolve principalmente na Pátria Brasil.

Como sempre, com ROBOELS, agora aprendi mais.

Assim, amigo leitor, quando você chegar ao fim deste livro, talvez concorde comigo, na reflexão, que não é minha, pobre que sou de memória e de poesia, mas que ouvi de alguém:

*"Fortuna juvat cor unum et animæ unæ, dei gratia"*

(A sorte contempla um só coração e duas almas, pela graça de Deus).

Claudinei - Espírito

# 1 Mármore Verde

Quando a luxuosa limusine deixou-os à entrada da sua mansão, Ari e Luíza sentiram enorme angústia ao descer, pois naquele momento, o lar era o inexorável fim da brilhante recepção da qual acabavam de vir.

Eleito, por unanimidade, “homem de negócios do ano”, Ari tinha sido louvado por centenas de convidados, selecionados pelo alto padrão social, isto é, todos muito ricos.

A festividade fora deslumbrante. Chegada triunfal, na mesma limusine que agora o demitia; espocar de *flashes*, de várias empresas de jornalismo e propaganda; repórteres de TV, nacionalmente conhecidos e especialistas em entrevistas com altas autoridades, vieram ao seu encontro, algo submisso; amigos e clientes, às dezenas; desconhecidos, às centenas, impedidos de transpor a barreira de segurança, olharam-no embevecidos, hipnotizados mesmo, por tão expressivo acontecimento, do qual jamais participariam, mas, lá compareceram, a bordo de enganosa esperança, pois quem sabe “Deus daria um jeito de entrarem”.

Sim, a festa fora inesquecível. Mas agora, terminara.

Ao transporem a soleira e fechar a porta, adentrando no aconchego do lar, mas despedindo-se do mundo de fantasias daquela noite, cresceu-lhes na alma a angústia pela ausência dos holofotes que tanto e tanto os evidenciaram.

Mudos, ambos, marido e mulher.

O mordomo e serviçais haviam sido dispensados do plantão naquela noite, pois tanto Ari quanto Luíza queriam privacidade para degustarem as homenagens a eles prestadas: “não ficava bem” os subalternos ver-lhes a felicidade, a ilusão de felicidade.

Em seus corações reverberavam ainda os acordes da triunfal celebração.



Aliás, músicos competentes da orquestra sinfônica local brindaram a todos com peças de expressiva qualidade. Logo à chegada do casal, encheu-se o ar dos acordes suntuosos quanto vibrantes, emoldurados por coral, da marcha "Pompa e Circunstância", de Sir Edward Elgar, compositor inglês (1857-1934).

Se Ari era "o homem do ano", Luíza julgava-se "a mulher do século", pois sua inquestionável beleza era pedestal no qual se enquistara, desde jovem, provocando deslumbramento e franquias totais para o poder.

Tamanho era o magnetismo que irradiava daquele par que os circunstantes, de que classe social fossem, invejavam-no; o homem, inteligente, dinâmico, riquíssimo; a mulher, dentre tantas qualidades a serem consideradas, só uma se destacava, de duvidoso valor, estonteante beleza, drapejando suspiros masculinos nas bordas do manto de etiqueta que os revestia e gerando crescente inveja nas outras mulheres, chegando muitas delas a sentirem-se humilhadas até.

Aliás, não fora essa a primeira e preponderante "virtude" que levava Ari, vinte e tantos anos atrás, a sentir-se irremediavelmente atraído por Luíza?

Já detentor, então, de considerável fortuna, por herança, com o diploma de geólogo, foi destacado para, em missão oficial, realizar prospecções numa região agreste do interior do país. Realizadas as análises, emitiu o respectivo laudo, que foi arquivado no departamento competente. Buscava-se, à época, desesperadamente, petróleo, face à crise mundial irrompida a partir do brutal aumento de preços, decidido de forma unilateral, pelo conglomerado dos países produtores.

Um ano após, varrida da memória aquela expedição, patrocinada pelo Governo, Ari sentiu um inexplicável impulso para retornar àquelas paragens agrestes. Qual bandeirante moderno formou por conta própria uma expedição, que logo seguiu rumo às distantes terras selvagens. Com excelente infraestrutura que sua fortuna propiciou, a aventura teve mesmo sabor de aventura.

Percorreu os sítios nos quais estivera há um ano, realizou caçadas e pescarias. Antes de retornar à capital do seu estado, decidiu fazer um sobrevoo de helicóptero – que ele mesmo pilotava –, ampliando as vistas na região, indo além dos pontos até então conhecidos. Pois bem, foi aí que aconteceu. Seus argutos olhos, de geólogo por vocação, deram-lhe a ver algo fantástico. Mal acreditou no que via. Estando a pouca altura, quase a ponto de tocar no cume da descomunal e deslumbrante montanha, extasiou-se.

Verdes. Nas fendas, eram verdes as rochas. Nelas entreviu os fragmentos calcários, com listras brancas, mas a cor predominante era mesmo o verde – um verde fantástico, inesquecível.

O verde estava engastado em grandes áreas da montanha.

Com o coração exaltado, uma vez mais a mente sobrepujou a emoção e, disciplinado, norteou o que fazer.

Encontrando um ponto favorável para pouso, apeou da aeronave e qual o histórico pisar do homem na Lua, há poucos anos, também ele pisou ali no recôncavo virgem. Seus pés foram, talvez, os do primeiro homem a contatar a fabulosa obra realizada pela natureza, ao longo dos milhões de milênios: mármore verde.

Com os poucos recursos técnicos disponíveis, ainda assim conseguiu colher algumas amostras, de antemão sabendo que, sob seus pés, dormia incalculável fortuna.

Na sequência de providências, demarcou a área e através dos seus contatos, todos estrategicamente posicionados nos órgãos federais, obteve permissão de lavra mineral daquele sítio, cujas pedras calcárias, maciças, eram de um verde incomum, deslumbrante.

Nos anos seguintes, o dinheiro que acumulou em ganhos com o raro e por isso mesmo requisitadíssimo mármore verde, cujas amostras mandou para o mundo todo, recebendo encomendas sem parar, levou-o às culminâncias da riqueza.

Além do mármore com aquele verde, a vida apresentou-lhe outra preciosidade, Luíza. Conheceram-se e tamanhas e tantas

eram coincidentes suas ideias que, da simbiose mental, partiram para a física, casaram-se.

Verdade seja dita, se ele era “o homem do dinheiro” e ela, “a mulher mais linda”, podem até terem sido outros os referenciais da atração que os envolveram, mas em ambos, havia algo mais, como fator de união, a simbiose espiritual, aquela que acontece quando se aproximam dois seres que vibram em padrões intelectuais e morais uníssonos.

Muitos outros fatores aproximam as criaturas, contudo, quando essa aproximação ocorre em momento vivencial específico, psicológico, de dois seres de sexos opostos, na maioria das vezes a resultante tem sido sua união, com ou sem casamento.

Tão forte é o impacto na alma do homem e da mulher, em ocasiões tais, que não há força no mundo capaz de impedir-lhes a aproximação e fusão de ideais. E de corpos.

Se impedidos fisicamente de se aproximarem por fatores vários, familiares ou sociais, em espírito se buscarão e se encontrarão. E se unirão.

Anderson, 23 anos, e Meire, 21, os filhos de Ari e Luíza, já haviam deixado o lar e viviam desgarrados de quaisquer sentimentos que demonstrassem o menor amor filial. O único ponto de contato com os pais era a mesada que recebiam, creditada diretamente em suas contas bancárias.

Ambos moravam em casa própria, presente de Ari.

Anderson, em união não oficializada legalmente, morava com Ane, de sua idade. Meire, com duas colegas, cobrando-lhes aluguel.

Embora convidados, os filhos não compareceram à grande cerimônia social de homenagens ao pai. E podia ser esta a questão:

– Ir lá fazer o quê? Bater palmas para o “homem do ano”? Não bastavam os longos anos que a isso os obrigaram?

Os sentimentos relativos aos pais, de certa forma, eram confusos, contraditórios: admiração e repulsão. Admiração ao pai, pelo dinamismo, inteligência e arrojo; à mãe, pela beleza egoísta, que nem mesmo por “obrigação genética” fora repartida com eles,

principalmente com Meire, já que sempre ouviam no lar a própria Luíza dizer que "mulher de verdade tem obrigação de ser bonita".

Nesse quadro, tamanho e tanto era o desgaste familiar, que nenhum dos quatro era feliz. Ao contrário. O pai, envolvido com a administração comercial dos bens, requisitando-lhe constantes viagens internacionais, não tivera tempo para dedicar-se aos filhos, desde que nasceram. Quando ocorria alguma vaga na sua agenda, era acometido de compulsão, tendente a manter-se atado aos negócios. Determinava aos diretores reunião de emergência, elegendo algum lugar turístico. Com isso, agradava às famílias dos convocados, que iam às expensas da empresa. Mas, aos seus auxiliares, sugava-lhes ao máximo as energias físicas e intelectuais, transformando tais viagens em tormentos reais, pois nelas só se falava e tratava de um assunto: mármore.

Muitos cristãos, de forma sofisticada, unilateral, buscando justificativa para aumentarem suas fortunas, alegam que Jesus disse: "*Bem-aventurados os que são brandos porque possuirão a Terra*" (Mateus, 5:5). Aqui, esquecendo-se da brandura, interpretam que "possuir a Terra" é ter muito dinheiro. Acontece que esses ricos encontram azedos críticos dessa interpretação, alegando, em contraposição, que Jesus também declarou: "*De que proveito será para um homem, se ele ganhar o mundo inteiro, mas pagar com a perda da sua alma?*" (Mateus, 16:26).

Desavisados, uns e outros, não percebem que a sabedoria do Mestre recomenda que, enquanto encarnado, nada objetiva ao homem usufruir dos bens terrenos, preparando-se para quando desencarnar, gozar dos bens celestiais.

Desavisados porque Jesus faz da brandura a condição indispensável "à posse da Terra", e não da fortuna. E brandura pressupõe amor ao próximo, entre ricos e pobres, reciprocamente.

Dessa forma, se alguém recebe do Criador o empréstimo da riqueza, não deverá renunciar a ela, mas sim, administrá-la com brandura, beneficiando aos que não a têm, seja proporcionando-lhes trabalho com remuneração digna, seja edificando e mantendo

obras assistenciais. Nessa administração, jamais considerar os bens "da Terra" mais importantes do que os bens "do céu".

No caso de Ari, por exemplo, a ponto de até renunciar aos cuidados com a família.

De fato, o lugar onde menos Ari ficava era no lar.

Os filhos não lhe perdoaram esse alheamento paterno, mal entrando na juventude, deram um jeito de se afastarem, indo cada um "viver sua vida".

Luíza, equipada das duas mais poderosas armas do orgulho feminino – beleza e riqueza –, se autointitulava "primeira dama", não de direito, mas de fato. Não perdia um acontecimento social. A exemplo do marido, se não havia nenhum previsto, ela se incumbia de arrumar algum, sob qualquer pretexto. Falava muito em "caridade", o que garantia presenças.

Perguntavam-lhe as colunistas sociais, nas constantes recepções das altas rodas:

– Então, como a nossa primeira dama da beleza consegue ficar mais bonita, a cada dia? Qual o segredo?

Do alto desse equivocado pedestal, condescendia em revelar:

– "Consciência tranquila"...

Os filhos, testemunhas da realidade, revoltavam-se quando viam ou presenciavam tais entrevistas na TV, nas revistas, ou nos jornais. Ou em todos. Perguntavam-se, cada um para si mesmo:

– "Como mamãe pode ter consciência tranquila se nem ao menos conversa com os filhos? Que caridade é essa que ela faz"?

Na verdade, a grande preocupação de Luíza, com relação aos filhos, houvera sido sempre matriculá-los em alguma escola. De preferência, em duas, simultaneamente, de forma a ocupar-lhes todo o dia. Isso, desde o pré-maternal, jardim da infância, primeiro e segundo graus, cursos de línguas, piano e quantos mais fossem possíveis.

Dessa forma, Anderson e Meire embaralhavam a tal ponto as ideias, que nenhum dos dois chegou a concluir os cursos superiores nos quais se matricularam. Falavam fluentemente o inglês, italiano,

espanhol e francês, pois, por decisão materna, juntos passaram estudando nos Estados Unidos, na Itália, na Espanha e na França. Um ano, mais ou menos, em cada país. Foram tempos felizes para Luíza, que sem “o fardo filial”, mais alto planava na glorificação de si mesma.

Somados os anos que os filhos viveram no Brasil, deles subtraídos os estágios e as viagens internacionais, feitas duas ou três vezes ao ano, em grupos de turismo “só de jovens”, na verdade tinham também passado mais tempo fora do que dentro do lar.

Nesse contexto, o amor e a paz familiar eram difíceis presenças.

Pouco antes de o dia raiar, um breve ruído de sirene, à porta, seguido da campainha que soou insistentemente, acordou-os. Ari já ia xingar os serviços que não haviam cumprido sua tarefa de atender, quando se lembrou de que os havia dispensado. Contrariado, não lhe restou alternativa, levantou-se e foi atender os inoportunos. Eram dois rapazes. Um, bem vestido, desceu do carro e cumprimentou-o:

– Bom dia, doutor Ari, meu nome é Andrade, sou segurança do “Hawai”. Perdoe-me perturbá-lo a essa hora, mas...

– Não perdoe, não. Nada justifica essa desrespeitosa atitude sua. Diga logo o que quer, mas já vou informando, para encurtar a conversa e economizar o meu tempo, que a resposta é *não!*

– Mas, doutor...

– Será possível?!

Andrade, *segurança* do famoso clube noturno, o “Hawai”, era treinado para manter a calma, em situações desagradáveis, como aquela. Sem dizer palavra, num gesto psicológico, voltou o olhar lentamente para o interior do carro. Ari, por imitação, acompanhou o olhar. Sem entender exatamente o que se passava, pôde, entretanto, perceber que havia alguém no banco traseiro. O motorista, que agora deixara também o veículo, deu a volta e abriu a porta, de forma a que Ari pudesse ver melhor. Meire. Era sua filha que estava estendida no banco, desmaiada.

Ari teve duas reações, simultâneas, constrangimento e raiva. Sentimentos esses provocados, o primeiro, pela humilhação a que ele, “todo poderoso”, estava sendo submetido diante de dois simples empregados de clube, e o segundo, por isso estar acontecendo pela irresponsabilidade da filha, a quem, agora, não poderia punir devidamente.

Não estando nenhum serviçal a postos, e como os rapazes não se mostrassem de boa-vontade, o jeito foi ele próprio e Luíza, que ocorreu, desajeitadamente os dois, tirarem Meire do carro e levá-la para dentro da casa. Quando foram tirar a filha do carro entenderam por que os rapazes se mostravam tão chateados: Meire havia sujado os bancos, regurgitando. O cheiro acre, característico de bebida alcoólica expulsa do estômago, denunciava que a jovem houvera abusado.

– Essa menina está bêbada e toda suja – exclamou Ari, em grande desconforto, com nojo.

– Não foi só bebida... – aduziu Alípio, o outro *segurança*.

– Mas então, o que mais?

– Melhor o senhor levá-la ao médico... parece que andou se drogando... E nesse estado, se foi *overdose* (alta dosagem), pode ser fatal.

– Quem disse?

– Provas não temos, mas pela experiência, é quase certo que misturou bebida com drogas, cocaína talvez...

– Tem certeza?

– Certeza não, mas os sintomas...

Quando Meire foi deixada no sofá, Ari determinou à esposa:

– Chame o doutor Américo e peça uma ambulância. Diga que é urgente. Vou despachar aqueles dois.

Foi até seus pertences, apanhou várias notas de dinheiro e ao entregá-las aos *seguranças*, que as receberam de bom grado, “aconselhou”, ameaçador:

– Para o bem de todos, esqueçam tudo isso!

– Sim, senhor. Aliás, viemos direto para cá, ao invés de procurar um pronto-socorro, pois lá a moça seria fichada e a ocorrência teria que ser comunicada à polícia.

– Só uma perguntinha: o que vocês estavam fazendo na hora em que minha filha, digamos... se perturbou dessa forma?

– Já que o senhor perguntou, não se ofenda, mas saiba que ela chegou ao clube bastante alterada, em companhia de duas amigas. Quando nós impedimos a entrada das três, armaram a maior confusão e voltaram para o carro. Pensamos que tinham ido embora, mas cinco minutos depois, as duas amigas, apavoradas, vieram nos chamar, pedindo socorro. Disseram que o senhor era o pai dela e por isso, em respeito à sua família, viemos para aqui e não para o hospital.

– Essas duas amigas... qual o nome delas?

– Não sabemos, pois assim que colocamos sua filha no carro elas se retiraram, pedindo que nós a trouxéssemos para este endereço, dizendo que era a casa dos pais dela.

– Aguardem um minuto.

Ari foi até seu escritório e apanhou mais dinheiro que a seguir entregou aos dois *seguranças*.

– Mandem lavar o carro e fiquem com o troco. Quando o carro estiver limpo, tudo o que se passou deve também estar fora da memória de vocês.

– Sim, senhor, sim senhor.

Mal os dois jovens se retiraram, chegou a ambulância. Ari explicou aos atendentes que a filha se excedera “nas comemorações” e tivera uma forte indisposição. Treinados, os enfermeiros logo acomodaram Meire na maca da ambulância e conduziram-na ao pronto-socorro.

Nem o pai, nem a mãe, acompanharam a filha.

– Eis aqui o meu telefone – disse Ari ao chefe da ambulância, entregando-lhe um cartão de visitas, e anexo a ele, uma boa quantia em dinheiro. Telefone-me logo que puder. E não deixe que falte nada para minha filha.



– O senhor ou sua esposa não querem acompanhá-la? Na ambulância há lugar para um parente.

– Não, não queremos. Estamos muito abalados e confiamos em sua competência. Quando tudo isso passar, mostraremos melhor “nossa gratidão” a você e seus auxiliares.

Quando também a ambulância deixou a mansão, Ari e Luíza olharam-se, mudos, como que desacreditando dos fatos daqueles últimos minutos. Finalmente, Ari explodiu:

– Droga, por droga, Meire não vale nada, é uma ingrata. Fazer uma coisa dessas com o pai, justamente nesse dia glorioso.

– Dia glorioso? Que glória maluca é essa que uma simples fedelha conseguiu emporcalhar? Nem sei se é pecado, mas será que vale a pena ter filhos como os que nós temos?

– Não me interessa a vida desses dois ingratos, mas por que “tinham” que estragar meus momentos de felicidade?

– Anderson não estragou nada...

– Hoje! Mas, na verdade, ele também vem me atormentando, há tempos, fazendo dívidas. Esta semana dei para ele uma camioneta importada, “zero quilômetro”, tentando atraí-lo para trabalhar comigo. Mas, demonstrando ingratidão sem limite, anunciou que está apaixonado e que estará melhor onde está, inclusive que já tem “outra família”... Uma falsa família, isso sim, deve ser esta com a qual se enredou.

– Dívidas? Que dívidas são essas a que ele se referiu? E a mesada que nós damos para ele?

– Andou fazendo uns negócios mal feitos na área de genética e segundo declarou, teve prejuízos. Nem teve a dignidade de me procurar, para explicar pessoalmente e pedir ajuda. Mandou a própria firma de investimentos que fez o empréstimo para ele contatar comigo. Para evitar andanças com cobrança judicial, paguei o prejuízo.

– Você não tinha me contado isso...

– Para quê? O que você poderia fazer para resolver o problema, senão pagar?

- Ao menos, daria uns conselhos para nosso filho.
- Mas eu fiz isso: mandei buscá-lo e quando chegou à empresa, mal me cumprimentou. Ao tentar mostrar-lhe o disparate em que se meteu, em menos de dois minutos, começou a gritar como um louco, destratando-me na presença dos empregados.
- Mas não é possível! Então você queria o quê? Foi repreendê-lo lá na firma? Eu não acredito: vocês deveriam ter ido a algum lugar reservado, para conversarem a sós, sem testemunhas, num diálogo positivo de pai para filho.
- Vejam só quem está falando! Você, por acaso, é especialista em educação filial? Então, diga-me, quando foi a última vez que teve um diálogo “de mãe para filha” com Meire?
- Você está querendo me culpar pela má educação dos nossos filhos?
- E por que não, “senhora primeira dama”? Se eu cumpro minha obrigação de ganhar dinheiro para sustentar minha família, considero que seria justo a senhora, ao menos, educar os filhos, já que largou a casa também.
- O que você está insinuando?
- Isso que você ouviu. E não é insinuação: é afirmação! Você, preocupada com sua maldita beleza, esqueceu-se de ser mulher...
- O quê?! Quem é você para me criticar? Ajudei-o a subir onde está, sabia?
- Ah, é? Indo a salões de beleza, querida? Ou fazendo suas duas ou três plásticas, todo ano?
- Não admito que você me fale nesse tom, muito menos que tente pôr a culpa nos meus ombros. Filhos nascem de duas pessoas, sabia? E devem viver num lar, com pai e mãe. Se o nosso lar fracassou, não foi por minha culpa. Mas eu concedo: se tenho alguma culpa, é só meia culpa: a minha beleza, sim. E a outra metade, queridinho, sabe de quem é? É sua! Sabia?
- Pare de me perguntar “sabia?” “sabia?”... a toda hora. Você não tem nada para me ensinar.

Nesse ponto, Ari avançou para Luíza. Completamente transtornado, pelas fortes emoções, desencontradas, perdeu o tradicional sangue-frio e autocontrole. Não pretendia ofendê-la, fisicamente. Apenas dar-lhe algumas sacudidelas. E foi o que fez: segurou Luíza pelos ombros e sacudindo-a energicamente gritou:

– Sua ingrata, mulher fútil, mãe relaxada... não venha me dar lições de moral. Não admito...

No auge da indignação, eclodiu-lhe crise cardíaca, fruto de insuspeitada doença, motivada esta, pelos anos acumulados de descuidos com a saúde.

Na verdade, há alguns dias Ari vinha sentindo algumas tonturas passageiras, por vezes seguidas de dor a irradiar-se levemente pelo braço esquerdo. Mas, como sempre, ocultara isso de todos e não ligara a menor atenção aos sintomas. Trabalhando por vezes até dezesseis horas diárias, julgava-se indene de comprometer a boa saúde que sempre gozara.

Sábua, a natureza socorreu-o. O infarto valeu por dez mil alertas, pois o cérebro, percebendo a insuficiência de oxigênio, decretou instantânea interrupção de toda atividade muscular, desonerando por instantes o coração, do abastecimento sanguíneo a todo o organismo.

Quando Ari estava agitando-a qual galho de árvore submetido a forte temporal, Luíza espantou-se com o olhar dele, injetado de sangue. Em segundos, porém, o grito abafado dele, levando as mãos ao peito, noticiou a irrupção do colapso; em gemidos, acusando dores agudas, arqueou-se, cambaleou e por fim tombou pesadamente.

Em meio àquela acalorada discussão com Luíza, Ari sentiu a dor aguda que lhe alcançou o braço esquerdo, com resposta ainda mais dolorosa no centro do peito. Teve a sensação de que saíra do chão e qual foguete ensandecido, rumava para frente, para o alto, para baixo e para trás de onde estava – tudo ao mesmo tempo.

Quis gritar, para dar vazão ao supremo desconforto que sentia, mas o mais que conseguiu foi gemer. Braços e pernas

cessaram a obediência e ele nem sequer pôde amparar-se em algo, antes de estatelar-se no tapete, que pela espessura, amorteceu-lhe a queda.

Não conseguindo erguê-lo do chão, Luíza voltou a telefonar para o doutor Américo implorando-lhe que viesse com urgência, quando soube que já estava a caminho.

Américo, já beirando os trinta anos, tendo prestado bons serviços nas empresas de Ari, tornara-se "o médico da família".

Seguida de dor, sobreveio a Ari inusitada experiência: não conseguia falar com a esposa, mas ouvia tudo – os gritos de angústia dela, ao vê-lo tombado –, sabia-se atingido por misterioso e invisível impacto, mas não conseguiu atinar como é que surgiram, literalmente do ar, pessoas jamais vistas por ele.

Intuiu, de pronto, que com elas poderia conversar.

Maior era seu espanto ao verificar que embora desconhecidas, aquelas pessoas "não lhe eram de todo estranhas". Pensou na palavra *paradoxo*, que sempre utilizava para expor aos seus clientes, os efeitos decorativos dos contrastes, caprichosamente listrados pela natureza, nas peças que comerciava, extraídas dos blocos marmóreos de sua gigantesca lavra, onde o verde predominava. Ademais, sempre que se apresentava uma situação de mistério ou de dois contrários, Ari sapecava a palavra *paradoxo*, para pôr ordem nas coisas.

Naquele momento, para ele, o que estava acontecendo era um *paradoxo*, o maior que já vivenciara: estava vivo, mas com "ação zero", isto é, de um morto.

Outro paradoxo: como é que *aquelas pessoas* vieram do ar se ninguém consegue voar, atravessar paredes e menos ainda ser invisível aos demais circunstantes (no caso, só Luíza)?

Mais um: se nunca os vira, sendo-lhes desconhecidos, pois, como é que teve a nítida impressão que já convivera com eles?

De repente, desistiu de decifrar tantos mistérios: "*um paradoxo ainda vai, mas tantos assim!*".

Enquanto a esposa tentava erguê-lo para acomodá-lo no sofá, percebeu que os "estranhos" formavam uma equipe socorrista, pois estavam vestidos de branco, certamente eram médicos e enfermeiros.

O chefe deles olhou-o com bondade e sem abrir a boca disse-lhe:

– Sim, Ari, somos socorristas. Tenha fé em Deus e eleve o pensamento a Jesus, que sobre ser o Mestre dos mestres, é, também, o Médico dos médicos, o bálsamo para os sofredores e aflitos, enfim, o Amigo eterno.

Novos paradoxos. Falar sem abrir a boca e o mais complicado: ele ouvir. Abandonando esse rápido pensamento, Ari imaginou três vertentes simultâneas para explicar aquilo, em parte:

1ª – o homem chamou-me pelo nome, logo me conhece;

2ª – o que diz e ao que me convida, conduzem à religião;

3ª – a presença deles me dá segurança e fez a dor cessar.

Tocado no mais íntimo de sua alma, elevou o pensamento "lá no alto, onde Jesus tem assento, ao lado de Deus", e rogou mentalmente: "se o Senhor puder deixar Seus afazeres por uns instantes, agradeceria de coração que viesse socorrer-me, sendo certo que saberei recompensá-Lo".

Percebeu, entre aflito e aliviado, que um suave torpor visitou-lhe o corpo todo e que dentro de instantes iria fechar os olhos e dormir. Antes, o chefe da equipe, ainda telepaticamente, esclareceu-lhe:

– Ari, Ari... Jesus não é um grande industrial, ou o presidente de extensos conglomerados comerciais, mas sim, o Bom Pastor, que está em permanente contato com Seu rebanho.

– Se eu não abri a boca, como o senhor consegue adivinhar o que penso?!

– O pensamento tem linguagem infinitamente mais comunicativa que todas as palavras de todos os idiomas do universo, pois não tem barreiras, de tempo e espaço.

Ari entendeu que esteve conversando "mente a mente", como raciocinou, com acerto. Agradável perfume feriu-lhe as narinas.

Para si mesmo, "pela mente", disse: vou dormir...

Dormiu.

Para Luíza, com Ari desmaiado, ouvir a campainha tocar naquele preciso momento, vendo chegar o doutor Américo, foi como se anjos estivessem pedindo para entrar. Logo atendeu e em estado de choque, não conseguiu falar, para dizer que Meire já tinha sido levada para o pronto-socorro e que o problema, agora, era do marido, ou para manifestar sua alegria em ver o médico. Apenas indicou Ari, caído. Américo examinou-o presto e pela cor dos lábios, além da quase ausência de pulsação, e sobretudo vendo-o com as mãos crispadas sobre o peito, como se quisesse arranhá-lo, diagnosticou de pronto e corretamente: infarto do miocárdio. Apanhou sua maleta de emergência e dela retirou um comprimido que colocou sob a língua de Ari, mantendo-o ali, até dissolver-se, fazendo pressão com o indicador e o polegar.

Fator fundamental de auxílio a Ari foi a rápida chegada do doutor Américo.

Levado ao hospital no carro do médico, acompanhado de Luíza, foi prontamente encaminhado à sala de emergências. Medicado convenientemente, retomou parte da pulsação. Monitorado por aparelhos de sobrevivência, assim deveria permanecer por algumas horas, quando a equipe de atendimento cardíaco estivesse toda a postos.

Vendo o marido socorrido, Luíza recobrou algum equilíbrio.

Contou sobre Meire para o doutor Américo, que se prontificou a ir em seguida acompanhar o que estava acontecendo com ela. Sugeriu:

– O melhor, no momento, é você ir para casa, tomar um banho quente e dormir algumas horas. Eu irei visitar a Meire e em seguida voltarei para ficar ao lado do Ari.

Entregou um comprimido para Luíza, informando ser um calmante fraco, que a ajudaria repousar. Quando ela deixou o hospital, retornando ao lar, nem sequer percebeu no céu a magia das cores com as quais a madrugada saudava a chegada do amanhecer.

Mostrando que cada novo dia é mesmo uma grande festa, o Sol, ator principal desse ato de esplendor, que se repete há bilhões de dias, despachava emissários multicoloridos – seus raios –, para, em silêncio, mas com júbilo inaudito, despertar os seres da criação. Chegará um dia em que os homens, a partir de então, imitando a maravilha de cada amanhecer, também conseguirão com seus atos e pensamentos iluminar os céus de claridades, quais rojões cheios de amizade e paz, e talvez nesses dias, ao invés dos estrondos, tais foguetes derramem melodias nos ares.

Quando Ari despertou, custou a reconhecer onde estava.

Perspicaz, contudo, passados alguns instantes e vendo o movimento ao seu redor, identificou o local: estava num hospital, na unidade de tratamento intensivo (UTI).

Intenso pavor invadiu-o.

Nesse instante lembrou-se do que acontecera.

A dor! Oh, a dor: voltou de repente...

Gemeu a princípio e logo conseguiu emitir um cavernoso ruído, noticiando grave desconforto físico. Foi socorrido de pronto, pelo jovem médico plantonista. Delicadamente, colocou-lhe um minúsculo comprimido sob a língua. De efeito instantâneo, o remédio trouxe-lhe alívio à dor. Mas não à angústia que o dominou. Balbuciou:

– Onde?... Há quanto tempo?... Luíza?

– Já, já, doutor Ari, vou providenciar.

Logo após ser convocado, o cirurgião-chefe do departamento de cardiologia adentrou na UTI e dirigiu-se a Ari:

– Ora, ora, meu amigo Ari: dormiu um bocado, hein?  
– ?!  
– Pois então, há muitas horas que está conosco... até parece que fazia uma semana que você não dormia...

Mil pensamentos entrecruzaram-lhe a mente, mas de todos, o mais importante era saber seu real estado de saúde.

Como que lhe adivinhando a tormentosa dúvida, o cirurgião incutiu-lhe ânimo:

– Sou o doutor Renato e neste hospital chefo o departamento que cuida "dos apaixonados", isto é, daqueles que chegam aqui com o coração machucado.

Naquele momento de tão grave realidade, a maneira bondosa de se expressar do doutor Renato conseguiu algo difícilimo: fazer o paciente sorrir, diminuindo assim a tensão emocional ao confirmar o problema grave no coração.

"Doutor Cupido", pensou Ari.

– "Doutor Cupido" é como sou tratado pelos meus pacientes.  
– Será que ultimamente todo mundo resolveu adivinhar meus pensamentos? – indagou Ari.

– Não entendi...

– É que...

Ari desistiu de contar o que se passara na sala de sua casa, quando o quase fulminante ataque cardíaco derrubou-o.

O médico não insistiu e a seguir esclareceu:

– Estamos concluindo uma bateria de exames clínicos e é provável que em dois dias tenhamos um diagnóstico preciso do seu estado. Você está na UTI não só por precaução ante eventual nova crise que possa irromper sem aviso, bem como aqui pode permanecer em repouso absoluto, longe de ruídos e afastado de visitas, que no seu caso, seriam prejudiciais.

– Luíza...

– Sim, ela e seus filhos poderão vê-lo, uma vez por dia, e assim mesmo por poucos minutos.



Silenciosas, mas carregadas de intensa emoção, lágrimas borbulharam nos olhos de Ari.

## 2 Dois Centros

Voltando ao exato momento em que eram acesas as fortes luzes dos cinegrafistas e repórteres de TV, para documentar a chegada triunfal de Ari, o "homem do ano", no Centro da Indústria e Comércio da Capital, naquele exato instante – vinte horas –, eram apagadas fracas luzes de outro Centro, na mesma capital.

Com efeito, distante na periferia, cerca de trinta quilômetros do luxuoso Centro da Indústria, no "Centro Espírita Tarefairos de Jesus", de singular humildade, as luzes principais se apagavam, pois se iniciavam os afazeres da noite: reunião mediúnica de desobsessão. Na pequena sala, apenas a luminosidade de duas lâmpadas coloridas, abraçadas por arandelas, ofertavam clima de reflexão e paz.

Ali, todas as quintas-feiras, abrigavam-se os médiuns que compunham o grupo de desobsessão, reunidos caridosamente para recepcionar espíritos necessitados.

A expressão "espíritos necessitados" poderá soar falsa a desavisados, religiosos ou analistas, sem estudo da Doutrina dos Espíritos – o Espiritismo. Talvez perguntem eles: "necessitados de quê?". Sem nos alongarmos, podemos afirmar, a grosso modo, que todos os homens, na verdade, somos necessitados: de amor, de paz, de felicidade.

E naquele singelo ambiente espírita extravasava amor.

Protetores missionários, desencarnados, superando barreiras de toda monta, conduziam para ali espíritos também desencarnados, porém mergulhados no ódio e com ideia fixa em vingança, geralmente contra encarnados. Estes, sofrendo tal assédio, invisível, poucas defesas podiam opor a tais verdugos.

Sabem os estudiosos da obsessão que ela não é de origem espontânea, mas sim, resultado de relacionamento bilateral, no qual uma das partes lesa a outra, em bens físicos ou o que é pior, em

bens morais. Como consequência, o aviltado, numa espécie de ruminância mental, afoga-se em pensamentos de revide, por dias, semanas, meses, anos e décadas. Assim procedendo, energiza de tal forma as cenas mentais criadas, referentes à vingança que ardorosamente deseja, que tais cenas criam vida. São as chamadas “formas-pensamento”, criações astrais mantidas vivas pelo fluxo energético do qual se alimentam, que nada mais é do que o pensamento fixo e prolongado do candidato à desforra. Têm vida própria e obedecem ao fim para o qual foram criadas.

Agravante do processo é a desencarnação daquele que almeja vingança: se quando encarnado é-lhe impossível realizar a infeliz pretensão, por fatores vários, geralmente sociais, aí se incluindo o fator financeiro, ao desatrear-se do corpo físico vê-se com maior amplitude de visão e de ação. E mais ainda, depressa, acumplicia-se com auxiliares que voluntariamente dele se acercam, pela sintonia do desejo de vingança, formando poderoso grupo obsessivo – verdadeira quadrilha de malfeitores invisíveis. Juntos, força triplicada, vão em grupo atingir uma vítima de cada vez, promovendo nelas estragos psíquicos, com danos físicos. É assim que sem nem conhecer o encarnado, a ele, sob orientação de um, atiram-se todos, em ataques sistemáticos e cruéis.

Triste corporativismo esse, celebrado no além.

Mas de incrível eficiência, terríveis danos ao alvo de seus dardos mentais, alvo esse quase sempre sem o escudo evangélico – o único eficiente.

Essas “formas-pensamento” que podem durar até séculos, desaparecem no mesmo instante em que for interrompida a emissão do fluxo energético, pela fonte da qual se suprem. E, via de regra, justamente o fim desse aporte é o que acontece nas reuniões mediúnicas desobsessivas: o visitante espiritual, recebido com respeito e carinho, fato que há muito tempo não vinha experimentando, confia no anfitrião (o médium doutrinador) e relata seu drama.

Sente-se “justiceiro”, e não, algoz.

Está equivocado, mas está também sendo sincero.

É fato notório, avalizado inclusive pela Psicologia, que se alguém com um problema tem oportunidade de narrá-lo, quando finaliza o desabafo, já tem delineada a solução, na mente. É nesse preciso momento "espiritual", ou "psicológico", se quiserem, que o médium doutrinador faz ver ao espírito comunicante a excelência do perdão, lembrando-o exemplo do Mestre Jesus. Aí, a força do Evangelho desata o nó. E isso é tão poderoso dissolvente de formações mentais pastosas negativas, que não raro, em tais momentos, o obsessor compenetra-se que o melhor mesmo é seguir outro rumo, ir em busca do seu progresso, confiando na Justiça Divina, não para punir aquele que ele julga ser culpado da sua desdita, mas para "dar a cada um segundo suas obras". No caso dele, por exemplo, o melhor será olvidar a vingança e promover o bem possível. O que acontece, então?

O encarnado, há tempos atormentado, agora experimentando alívio, deverá, ele também, ouvir do mesmo doutrinador, em outro momento (e não na referida reunião, pois colocados frente a frente obsessor e obsedado, pode este se desequilibrar mais ainda do que já esteja), os mesmos conselhos de se auto-reformar, construir seu porvir em bases evangélicas e orar pelos que o perseguem ou perseguiam.

Infelizmente, não é o que amiúde ocorre. Ao ver-se dispensado das aflições, o ser humano tem a tendência de procurar outras, de forma inconsciente. Por isso, de fundamental importância no tratamento de qualquer processo obsessivo, é que as duas partes têm que ser trabalhadas, no sentido de que despertem seu viver para as clarezas evangélicas, que preconizam o perdão das ofensas, em primeiro lugar.

Outro não é o motivo pelo qual mais e mais os Centros Espíritas se veem frequentados por pessoas aflitas e sofredoras, que ali comparecem, em "última instância", buscando reencontrar a paz, e não raro a saúde, há muito perdidas, sem que nenhum exame médico alcance sequer diagnóstico, menos ainda cura.

Mas, falávamos dos dois Centros: o primeiro, a luxuosa sede de empresas industriais e comerciais; no segundo, local simples, palco de luzes espirituais, estas iridescentes, isto é, da cor do arco-íris. Neste, uma hora após o atendimento fraterno aos desencarnados, que para ali foram levados por Protetores do Plano Maior, um destes repassou:

*Irmãos em Jesus:*

*No trato diário dos problemas humanos, um que vem ocupando saudável preocupação de pessoas propensas à caridade, é a questão da doação de órgãos. Sobrepassando os termos das leis terrenas, ajuizadas todas elas e candidatas sinceras ao bem, situam-se as Leis Divinas, dentre as quais pontifica a do Amor, como mãe das demais.*

*O assunto é delicado e por isso mesmo, só o coração de cada pessoa poderá ser o conselheiro fiel para sugerir resposta à angustiante pergunta: "doar ou não doar?".*

*Encontraremos em **O Livro dos Espíritos**, à questão nº 723, um ponto de reflexão, prestimoso auxiliar para mobilizar parte da buscada resposta: "... Dada a vossa constituição física, a carne alimenta a carne, do contrário o homem perece..."*

*Conquanto o tema central da pergunta se referisse à ingestão da carne, pensamos não cortejar sofismas, eufemismos, sequer trocadilhos, se apropriarmos o raciocínio, transplantando-o para a questão ora sob nosso enfoque, a doação de órgãos. Não para serem comidos... mas para salvar vidas.*

*Senão, vejamos: se por enquanto nos alimentamos de carne a vida toda, sem quaisquer remorsos, por que, em atitude que nos remete ao egoísmo, tememos doar alguns dos nossos órgãos, quando do encerramento do ciclo existencial terreno, que a Medicina, algo ansiosa, consigna ocorrer já na falência cerebral, encerrando inapelavelmente a etapa reencarnatória?*

*Não deveremos apelar para o contundente argumento de que, de uma forma ou de outra, o corpo será decomposto pelos*

*vermes e pelas leis naturais. Podemos, antes, raciocinar sim, que aquela é a forma engendrada pelo Criador para a sequência da vida, fazendo retornar à origem a vestimenta orgânica. Contudo, se a Medicina – supervisionada esta por Espíritos Siderais, não temos dúvida – de progresso em progresso, consegue aliviar sofrimentos, via transplantes, tal avanço decorre de autorização de Deus, o Senhor da Vida.*

*E nesse caso, se o Espírito retorna para o plano espiritual, onde continuará em pujante dinamismo vivencial, por que tentar manter o comando da posse daquela vestimenta que já não lhe será de qualquer utilidade, e que apenas foi emprestada para a jornada na Terra?*

*Pois, corolário desse raciocínio é o fato, deslembado, que o corpo é um empréstimo feito pelo Supremo Arquiteto, pelo que, após o devido uso, penhorá-lo à decomposição, com ordens expressas a respeito, não seria apropriação indébita?*

*Não haverá infração à Lei Divina da Destruição (decomposição orgânica), no aproveitamento moral de parte(s) de um corpo que já cumpriu sua missão, a parte aproveitada, cedo ou tarde, terá o mesmo endereço da matriz. Pensem nisso.*

*Pensem em Jesus.*

A lição da noite fora de grave filosofia.

E fora dada porque várias pessoas vinham perguntando aos dirigentes "qual a posição do espírita diante dos transplantes?".

Humberto, o presidente do Centro Espírita, responsável encarnado pelas reuniões semanais de desobsessão, abriu breve diálogo:

– Meus irmãos, como vimos, em resposta espontânea a tantas indagações, o recado do amigo espiritual não deixa larga margem para debates, conquanto não tenha fechado questão, posicionando-se mais como simples comentarista. Mas considero oportuno que dentro deste clima de paz, opinemos também. De minha parte, confesso que não sou, ou melhor, até aqui, não era

defensor das doações de órgãos *post-mortem*, e sim, em vida, seja de sangue, de um rim, de parte do fígado...

– Humberto – apartou Rosa, médium vidente –, sinto-me no grato dever de informar que o Espírito que nos deixou tal mensagem ainda se encontra aqui, em atitude de ouvinte e em preces. Pelo seu traje, pude observar que é médico.

– Deus o ilumine cada vez mais. Como dizia, vejo no fato da doação "*inter vivos*", indiscutivelmente, elevada expressão de amor. Não são raros os transplantes de rim, parte do fígado (órgão que se regenera), medula, e por que não incluir aí a própria doação de sangue? Contudo, o que não me dá segurança é a doação, feita espontaneamente em vida por alguém, referente ao aproveitamento de órgãos, quando da sua morte...

– Também eu, senhor Humberto – atalhou Marisa, jovem psicóloga, ali nas funções de médium esclarecedor –, atrapalho-me com redobrada dúvida ante a seguinte pergunta, para mim ainda sem resposta: o doador não sabe quem será herdeiro do seu órgão; sabemos, que cada espírito, no caso encarnado, vibra em patamar fluídico individual; assim, como harmonizar um órgão estranho, quase que com certeza de teor vibratório diverso? A rejeição física, na verdade, não seria reflexo da rejeição espiritual? Ou, aprofundando o entendimento, a incompatibilidade não o é de ordem perispiritual, considerando que a matriz (o perispírito) situa o órgão recebido como imprudente invasor, comprometendo a harmonia do conjunto?

Humberto sopesou a transcendência das colocações de Marisa e após alguns instantes de reflexão, sugeriu:

– O tema é de elevada complexidade e não considero prudente que nos estendamos nesta noite, nos seus desdobramentos e consequências. Sugiro que estabeleçamos outro horário, para publicamente discutirmos esse assunto, pois não o imagino de curto horizonte, mas sim, de enorme repercussão na humanidade toda. E como nossos frequentadores, de todas as atividades deste Centro Espírita, são na verdade a "nossa

humanidade", por que não os convidar a participar desses estudos, nos quais desde já devemos aprofundar nossas pesquisas e reflexões? Aliás, não são poucos os que têm dúvidas sobre o tema "transplantes".

– Apoiado! – exclamou Mário, encantado ante a oportunidade de ver o assunto "doação de órgãos e transplantes" ser evidenciado por "muita gente". Comentou. – Sempre quis obter conhecimentos sobre isso, mas, para ser sincero, não tive coragem ainda. Não tenho medo da morte, mas por outro lado, é-me algo angustiosa a perspectiva de algum órgão meu vitalizar um desconhecido.

Ficou decidido que uma comissão agendaria uma noite de debates sobre tão fascinante tema. Para otimizar tal encontro, seriam convidadas pessoas conhecedoras do assunto, nas suas várias implicações técnicas, sociais e legais. Em particular, seria convidado um cirurgião de equipe médica de transplantes, que ali viesse para explanar sobre os aspectos técnicos dessa especialidade.

Como todos os frequentadores do Centro Espírita estariam convidados a participar do evento, seriam alertados da conveniência de estudar a matéria.



### 3 De Volta aos Descaminhos

Meire refez-se parcialmente, recebendo alta à tarde daquele mesmo dia, após visita e intercessão do doutor Américo. Foi-lhe recomendado realizar urgente tratamento de "desintoxicação", eufemismo para na verdade deixar a toxicomania.

Cavalheiro, o médico da família nada disse à jovem durante o trajeto até à casa dela, embora quisesse aconselhá-la bastante, mas Meire, por suas atitudes, erguera uma barreira entre ela e ele, desencorajando qualquer diálogo. É que sabia, se palavras fossem ditas, necessariamente seriam ou de aconselhamento ou de repreensão.

E ela não estava disposta a ouvir, nem umas, nem outras.

Chegou em casa só pensando em dormir, mas a mãe, após agradecer ao doutor Américo, foi até o quarto da filha e ordenou-lhe que a acompanhasse, pois retornariam ao pronto-socorro para conversar com o médico que a atendera.

Atordoada ainda, Meire não teve como desobedecer.

Ao chegarem procuraram aquele médico e dele ouviram, sem rebufos:

– Sua filha, dona Luíza, tem dois caminhos a seguir: um, submeter-se a um tratamento médico especializado, que promova remoção dos malefícios já causados pelas drogas e que elimine, por inteiro o vício, hoje configurado por devastadora dependência física e psíquica.

– O outro caminho... – balbuciou Meire.

– Graves consequências, gravíssimas!

– A morte?

– Sim. Perdoem-me a contundência, mas não posso aplinar tamanho nódulo comportamental e acenar para procedimentos paliativos. Seu caso, repito, é grave. Gravíssimo!

– O que o senhor sugere? – inquiriu Luíza.

O médico indicou clínica especializada. Luíza acatou a sugestão e providenciou, em menos de duas horas, a internação da filha. Para tanto, usou o pátrio poder, na circunstância de Ari estar impossibilitado de fazê-lo, sequer de participar de tão grave decisão.

Por incrível que pareça, Luíza não contou para a filha sobre Ari.

*"Para quê? Para me dar mais problemas? O que ela poderá fazer a não ser drogar-se ainda mais, para esquecer seus problemas, agravando os meus?"* – pensou.

Aliás, Meire perturbou-se demais ao ouvir o médico do pronto-socorro.

Compenetrou-se, de repente, que não passava de um corpo caindo num abismo sem fim. Assim, em estado de choque emocional, não fez oposição à internação, que Luíza providenciou também rapidamente.

Logo uma equipe médica veio buscá-la, em uma ambulância.

Completamente apática foi conduzida à Clínica sugerida pelo neurologista que a atendera no pronto-socorro, na qual adentrou olhando sistematicamente para o teto.

O tormento de um toxicômano nessa fase crítica, em que não lhe resta opção, entre o abandono do vício ou cruzar a fronteira da vida, é-lhe punição atroz: de um lado, o corpo, molécula a molécula, exigindo a droga para adentrar e estagiar no mundo de soberbas ilusões, onde experimentará o falso esplendor do êxtase; de outro lado, cessado o efeito estupefaciente, o drogado assemelha-se ao mendigo que para enfrentar a madrugada gélida, acende fogueira e por instantes se deita sobre ela.

Referindo-nos ao "falso esplendor do êxtase", que a droga propicia, reportamo-nos ao desencadeamento de processos descontrolados, fraturando impiedosamente a harmonia das energias fluídicas sutis que funcionam como liga entre o espírito e a mente. O mundo mental, íntimo e individual, uma vez invadido e destrambelhado — e é isso que o tóxico faz —, deixa de ser o

governador sensato dos nossos pensamentos e ações. Daí, advêm danos aos revestimentos espirituais: perispírito, duplo etérico e corpo físico (estes dois, obviamente, quando encarnado).

A droga, alterando a justaposição dessas camadas energéticas, descontrola-as, por transferi-las de nível por algum tempo, situando-as em campos vibracionais "infra" ou "ultra", surgindo *novidades*.

Existem emoções que se perpetuam, felizes, no ser humano. Uma delas, para não espaçarmos exemplos, é aquele notável primeiro encontro de alguém com o mar, cuja vastidão adentra-lhe na alma, via olhar, encantando-o. Daí para frente, buscar o mar, estar nele, contemplá-lo, amá-lo, molhar-se dele, será desejo salutar e permanente.

No drogado, no transe artificial, por vezes o perispírito é expulso abruptamente do ninho físico e embora a ele jungido pelo cordão fluídico, é arremessado a alguma altura geográfica, além nuvens, onde vê "um mar de algodão" – na verdade, é outra dimensão, mas é assim que o drogado interpreta essa "viagem". Compelido por irresistível desejo, mergulha nesse mar e de repente percebe que tudo não passa de vácuo, ilusão; sistematicamente, atrai outros mergulhadores, como ele, sintonizados na enganosa delícia "daquele mar". Só que, estes, desencarnados...

Não se estranham.

A simbiose lhes é facilitada pela sintonia da mesma busca.

Unem interesses e vão à cata de "mais energia", não raro sorvendo-a de outros viciados, encarnados, naquele momento drogando-se. Tristíssimo quadro esse, quando encarnados tornam-se sócios de outros encarnados, uns em fatídico desdobramento espiritual e outros, encaminhando-se para idêntico destino.

Tudo, sob indução de mais sócios, invisíveis.

Sim: uns e outros, ainda no fardo orgânico, eficientemente escoltados e incentivados por espíritos desencarnados, formando devastadora sintonia triangular, lançando fagulhas incendiárias nas

mentes de uns e outros, estejam ou não se drogando – logo o vício ocupa-lhes o espaço integral do dia.

A esse consórcio, o Espiritismo denomina *obsessão*.

À trajetória, a Medicina denomina de "dependência química".

## 4 Emoções Trincadas

Somente no dia seguinte ao problema do pai, foi que Anderson ficou sabendo que ele estava hospitalizado, ocorrendo em procurar a mãe, que ao vê-lo, numa explosão de soluços, contou que a irmã estava internada numa clínica de recuperação de drogados.

– Mãe, embora não me sinta bem nesta casa, vim correndo para saber se a senhora quer que eu faça alguma coisa.

– Oh, meu filho, foi tudo tão de repente...

– Por isso estou aqui. Cheguei de viagem e quando soube, imaginei que a senhora estaria angustiada e isso mexe comigo, pois eu a amo muito!

Abraçaram-se, ternamente.

A doença de Ari e o destino de Meire os houvera sensibilizado.

– Além do mais – prosseguiu – não acho justo que a senhora, sozinha, administre esses dois problemas. Quero ajudá-la a superar esses momentos difíceis.

Luíza, até então apenas abalada com a doença do marido e contrariada com o vício da filha, pinçou das palavras do filho a expressão "não acho justo" e adequou-as ao que estava acontecendo, sim, "não era justo" que isso tudo tivesse acontecido com ela. A revolta apresentou-se em seu espírito, logo sendo acolhida, expressamente convocada que fora por essa negativa postura mental. Assim, quem falou, agora, foi a mulher *injustiçada*:

– Sabe, Anderson, foi bom você ter vindo hipotecar-me solidariedade e carinho, bem no meio dessa tempestade que se abateu sobre nossa família. Só tenho você e o doutor Américo para me ajudarem a superar tantos problemas. Aliás, o doutor Américo ficou de telefonar-me tão logo nós possamos visitar seu pai, pois ontem ele tinha ido para a UTI e não podia receber visitas.

A mãe foi até o porta-revista e apanhou um jornal, mostrando ao filho um destaque na coluna social:

***Pai e filha na pior...***

"Drogas e poder, levaram o poderoso industrial Ari..., 47 anos, horas após ser aclamado "o homem do ano", juntamente com sua filha Meire, de 18 anos, a se internarem em clínicas especializadas, separadas.

O que se questiona é se ambos estavam drogados: a filha, sabe-se, é cocainômana declarada, mas quanto ao pai, eis aí uma novidade que precisa ser melhor apurada.

– Será que ele consumiu só uísque, na noite da sua consagração? Por que sua mulher, a bela Luíza, não quis declarar nada a respeito e nem sequer ficou no hospital ao lado do marido?"...

– O que os médicos estão escondendo?...

– Infames! Ouvi hoje de manhã, na TV, sobre o papai e Meire, mas não nesses termos. Por isso vim até aqui.

– Cruéis, esses repórteres – choramingou Luíza.

Após meditar um pouco, Anderson assumiu:

– A melhor maneira de acabarmos com essas fofocas é solicitar ao doutor Américo, que há tantos anos cuida de nós todos, que esclareça qual a doença do papai. Quanto à Meire, não há mesmo nada a acrescentar ou modificar. Infelizmente. Ela é viciada e por isso mesmo, que assuma as consequências.

– Meu filho, meu filho... você tem razão quanto ao doutor Américo desfazer intrigas, mas no que diz respeito à sua irmã, ela precisa do nosso apoio...

– Não o meu... não concordo com o que ela faz e o pior é que agora, esse tratamento vai nos custar uma fortuna. E como não trabalha, imagina quem vai pagar a conta?

– Quanto a isso não se preocupe... "eu" e seu pai somos muito ricos e o tratamento da Meire nem sequer vai abalar a solidez

da nossa fortuna. O problema, na verdade, é o brilho da nossa família.

O mordomo, delicadamente, interrompeu-os:

– Perdão, senhora; com licença, senhor Anderson, está à porta um motociclista que quer falar com alguém da família.

– Veja o que ele quer.

– Cheguei até a forçar, senhora, mas ele insiste em ser atendido por algum familiar. Diz que é sobre Meire...

– Vou ver de que se trata – adiantou-se Anderson.

Quando o motociclista viu-o, foi logo dizendo:

– Sua irmãzinha é uma boa freguesa, quando se trata de comprar e apreciar nossos produtos, mas na hora de pagar, já não é a mesma...

– Olhe aqui, companheiro, não sei quem você é nem o que pretende. Aliás, não estou gostando do seu jeito, sabia? Se a Meire comprou e não pagou, me dê a nota fiscal e eu pago.

– Irmão, você não entendeu... ficou nervosinho depressa e isso não faz bem para a saúde. A mana tem crédito aberto, mas agora que "entrou em recesso" precisa zerar a conta.

– Você está se tornando inconveniente. Ou me dá o recibo da compra, seja lá quanto a Meire gastou, ou então vai dando o fora. Não tenho tempo a perder, ainda mais com estranhos.

– No seu lugar eu dobrava a língua, antes de ofender quem não conhece. Vou abrir o jogo com você, pois não costumamos conversar muito.

– Amigo, já não quero vê-lo mais aqui. Sua conversa não me agrada e sua pessoa, menos ainda. Caia fora! Já! Ou prefere que eu chame a Polícia?

O motociclista sorriu com sarcasmo e retirou-se.

– Quem era?

– Um bobo, mamãe, cobrando despesas feitas pela Meire. Despachei-o logo, pois não tinha a nota fiscal do que ela comprou. Tanto era um golpe que foi embora depressinha quando falei em chamar a Polícia.

Eram quase dez horas quando Luíza atendeu ao telefone:

– Sim, doutor Américo...

– ...

– Pelo amor de Deus, pode dizer. Meu filho, inclusive, está aqui.

– ...

Luíza desligou lentamente após ouvir o que o médico tinha dito. Anderson colocou a mão em seu ombro e aguardou.

– Seu pai... vai precisar fazer um transplante de coração... e essa é a única esperança...

Cobriu o rosto com as mãos e começou a chorar.

Anderson confortou-a como pôde.

Passados alguns instantes, indagou:

– Mãe, ele é tão forte, tão saudável, nunca ficou doente... não pode ser, deve haver algum equívoco. Vou agora mesmo para lá, conversar com a equipe médica.

– Vou com você!

À saída, quando chegou à rua, o luxuoso automóvel foi interceptado por dois motociclistas, cada um com um carona. O motorista desviou das motos, que logo emparelharam com o carro, uma de cada lado. Os homens que estavam na "garupa" das motos, com os demais dedos encolhidos, quase encostaram o indicador no vidro das portas traseiras, no gesto clássico de atirar. Embora sem armas nas mãos, o pavor da ameaça provocou pânico nas três pessoas no interior do veículo. Por pouco, o motorista não perdeu a direção, pois manobrou rápido demais e acelerou fugindo deles. Olhando pelo vidro traseiro, Anderson identificou que um dos homens era aquele que há poucos instantes estivera na casa dos seus pais.

Os quatro sorriam malignamente.

Já no hospital, o doutor Américo esperava-os, à porta:

– Sinto muito, dona Luíza, e meu caro Anderson, mas considere inadiável dar a vocês a notícia sobre o Ari. Após procederem a minuciosos exames, os médicos que o assistiam



reuniram-se, em junta, para decidirem qual o procedimento a ser realizado. O doutor Renato, presidente da junta médica, ouviu um a um os diagnósticos apresentados por seus colegas. Consideradas todas as condições do paciente e as possibilidades de tratamento, não restou senão um único caminho: substituição do coração.

Respirou fundo e continuou:

– Os vários exames específicos e os complementares, com equipamento de ponta, conduziram à conclusão e ao diagnóstico preciso: miocardiopatia dilatada, acrescida de células inflamatórias e necrose miocárdica parcial.

– O quer dizer isso?

– Quadro grave. Gravíssimo, aliás! A miocardiopatia, por alguns denominada de cardiomiopatia (insuficiência cardíaca), é um estado em que o miocárdio, principal músculo do coração, apresenta-se muito enfraquecido e sem forças para as contrações normais, pelo que aumenta de tamanho.

Verificado o estado clínico geral do paciente, doutor Renato indicou o transplante, enquadrando os procedimentos necessários na categoria de "urgentes".

– Vamos falar agora mesmo com o dono do hospital – atalhou Anderson.

– Não, meu amigo – acalmou-o o médico – não é com o dono do hospital que temos que falar e sim com o chefe da equipe médica do departamento do coração.

– Muito bem, convoque-o!

– Anderson, talvez você desconheça a forma segundo a qual um grande hospital como este desenvolve suas atividades, ao longo das 24 horas, em todos os dias do ano. Não podemos, simplesmente, chegar aqui e convocar esse ou aquele médico, ainda mais os chefes de clínica. O doutor Renato, chefe da cardiologia, neste momento está realizando cirurgia e só poderemos entrevistá-lo quando sua agenda permitir.

– Mas o caso do meu pai é grave...

– Todos os casos da cardiologia o são, uns mais, outros menos.

– O de papai...

– Está no "mais", porém os transplantes, embora inevitáveis, até poderem ser realizados, sempre possibilitam aos pacientes uma sobrevida, desde que sob controle médico.

Luíza, até então só ouvindo, interveio:

– Vamos agendar uma entrevista com a secretária do doutor.

– Já providenciei isso, antes de vocês chegarem...

Com efeito, o doutor Renato atendeu-os à tarde:

– Dona Luíza, Anderson, Américo, a melhor maneira de administrarmos esses momentos é conceder-nos o máximo de confiança, reciprocamente. O tempo está contra nós no tratamento do nosso Ari. Já concluímos vários exames complementares, confirmando que ele está com placas da substância gordurosa chamada colesterol depositadas nas paredes das artérias coronárias, obstruindo-as. Em consequência dessa obstrução o miocárdio foi se enfraquecendo, não tendo força para se contrair normalmente e infartou, privando o coração de receber sangue.

– Doutor, meu marido nunca se queixou de nada...

– É comum, dona Luíza, que pessoas atarefadas, como ele, produzam sobrecarga de adrenalina e de endorfina, num prejudicial processo de mascarar os sempre amigos sintomas; com a endorfina, o indivíduo julga que aquela "pequena dorzinha" não era nada, só ligeiro mal-estar. E isso porque a mente determina ao cérebro que ele acredite nisso, e as glândulas suprarrenais recebem ordem "do chefe" (o cérebro) para produzirem a adrenalina, que é despejada na circulação sanguínea.

Fez pequena pausa e prosseguiu:

– Dessa forma, com esse equilíbrio artificial e enganoso, quanto arriscado, o cidadão prossegue em sua faina, sempre acelerada. É algo parecido como alguém tomar um anestésico local e logo se machucar naquele local, nada sentindo...

Olhou-os com serenidade e completou:

– Se me permitem uma outra comparação, é como se uma pessoa que tem uma bela conta bancária começasse a sacar sempre mais e mais, sem fazer depósitos. Confiante no saldo, de início alto mesmo, vai sacando e o gerente do Banco, receoso de "ofender" tão ilustre correntista, mas também não sendo omissivo, quando pode, com muito tato brinca com ele: "Olá, doutor, faz tempo que o Banco não tem a honra de recebê-lo". Tal cliente nem sequer toma conhecimento do eufemismo embutido na frase e segue sacando. Para silenciar o gerente, dá-lhe presentinhos. Um dia, de forma sempre inesperada, recebe um comunicado irreversível: "sua conta está encerrada, pois seu débito é vultoso".

O doutor Renato, gostando da própria historinha, fez-lhe o fecho:

– O saldo elevado é a saúde; o Banco, o corpo; o gerente, o coração; os saques contínuos, sem reposição, os excessos de trabalho; os avisos e telefonemas do gerente, os sintomas; os presentinhos, a adrenalina e a endorfina; o encerramento da conta, sem aviso: infarto!

Anderson atalhou:

– E a reabertura da conta?...

– Não há reabertura. Só com um novo gerente, abrindo uma nova, desconsiderando a anterior, já irreversivelmente condenada...

– O senhor está dizendo que meu marido só se salva... com um transplante?

– Sim, dona Luíza. O caso do doutor Ari é grave e a mim me ocorreu de noticiar-lhes isso de forma figurada, na historinha que contei. Na verdade, a tal historinha é a realidade dele. Nos dias atuais, o homem não tem medidas, nem para o trabalho, nem para o lazer, nem para o descanso, nem para uma alimentação saudável. Arrisco-me a afirmar que é tão tumultuada a vida moderna que o lazer, longe de proporcionar um refazimento de energias, físicas e mentais, na verdade provoca é um sobreesforço. Viagens em excursões, via de regra, são tiranizantes módulos de chegadas e

partidas, em total desrespeito aos relógios biológicos do pobre turista, que por um determinado número de dias, vê-se obrigado a alimentar-se em locais estranhos, em horários diferentes, com cardápios compulsórios, além disso, as noites calmas da sua residência inexistem, pois o tempo urge e é preciso bem aproveitá-lo. Assim, o quadro é perverso: refeições noturnas, poucas horas para dormir (em camas estranhas) e alvoradas forçadas. Tudo isso, ao retorno, dão o tom do passeio: foi bonito, muitas novidades, mas descanso mesmo que é bom, nenhum. Ao contrário, só desgastes.

O cirurgião olhou-os longamente e como ninguém dissesse nada, questionou:

– Como sei disso tudo?

Respondeu ele mesmo:

– Quase a metade dos meus clientes enquadram-se no quadro que acabei de pintar dos nossos dias.

– Mas papai não faz turismo coletivo...

– Viaja a passeio por conta própria?

– Não, só viaja a negócios.

– Pois é, o desgaste é o mesmo, ou maior. Tanto num quanto no outro caso, a consequência é o estresse, a terrível epidemia que vem afetando "metade do mundo". Quando não é por excessos, o é por escassez.

– Como assim, excessos ou escassez?

– Riqueza e pobreza: esses são os dois maiores catalisadores do desgaste mental a que hoje se vê submetida metade da população mundial.

Encerrando a entrevista, doutor Renato foi bondoso:

– Não fiquem preocupados em excesso... Eu os mantereirei informados de todos os passos. Ari não é o primeiro paciente que apresenta esse quadro e em todos eles, esses "super-homens", após o transplante, continuam vivendo e trabalhando, agora respeitando mais a saúde, dosando as horas trabalhadas e sendo felizes.

– Deus o ouça! Podemos ir vê-lo?

– Claro! Só recomendo que antes de cumprimentarem-no, preparem-se mentalmente para não deixar as ideias penderem para nenhuma preocupação. Refiro-me aos negócios... e à Meire, pois o doutor Américo contou-me sobre o problema dela.

Então, na UTI (Unidade de Terapia Intensiva), Ari estava respirando com auxílio de aparelhos. Quando viu a mulher e o filho, pela janela de vidro, olhando-o pesarosos, compreendeu, em menos de um centésimo de segundo, que sua vida, até ali, vinha sendo um enorme equívoco. Não soube definir na hora, mas teve a sensação de ter dado umas sete ou oito voltas em redor do mundo, como que a gritar que a vida é pujante e bela. Sim, queria viver! Não queria morrer.

Captou, inteligentíssimo e observador que sempre fora, que a vida dele se esvaía. Talvez, logo morresse. E naquele momento, viu a morte assim, ele dando, não as mesmas voltas ao redor do mundo, mas infinitas, e sem poder pôr os pés no chão.

Luíza e Anderson, monitorados pelo doutor Américo, adentraram na UTI e ao aproximarem-se dele, o médico adiantou-se:

– Ari, viemos vê-lo, por um minutinho, para dizer-lhe quanto bem o queremos. Doutor Renato está avaliando o seu quadro de saúde e em breve decidirá qual o melhor procedimento.

A seguir, fez um gesto com a cabeça para Luíza e Anderson se aproximarem. Luíza falou primeiro com Ari:

– Meu bem, meu amor...

– Pai... – balbuciou Anderson.

O paciente respondeu a ambos e grossas lágrimas assomaram-lhe, escorrendo pelas faces, em substituição a palavras. Em todos os anos de convivência familiar, nenhum momento teve a expressividade daquele instante. Na linguagem universal dos corações, ali, os três conjugaram o verbo amar, no tempo *presente* e no *infinitivo pessoal*, significando "*estamos aqui para amar...*".

Indeclinável, no contexto da evolução espiritual daquela família, deixar de entender como a dor leciona mansuetude e traz progresso.

Doutor Américo, cuidadoso, encerrou a breve entrevista:

– Voltaremos em breve, Ari. Por enquanto, procure não abrigar nenhum pensamento negativo. Tenha confiança no doutor Renato e sua equipe.

Retiraram-se.

Quando Luíza e o filho se despediram do doutor Américo e adentraram no luxuoso automóvel, antes de ordenar ao motorista para onde queriam ir, assustaram-se com a palidez do empregado. Anderson brincou com ele:

– Que é isso, Marcelo? Parece que viu um fantasma.

– É que... Os quatro rapazes das motocicletas passaram por aqui e deram três voltas no "nosso" carro...

– Mas o que é isso?! Onde estamos?! – exclamou Luíza.

– Mãe, não é hora para desespero. Com certeza são chantagistas, aproveitando-se das maluquices da Meire.

Ainda com o carro parado, foram os três surpreendidos por um ensurdecedor ronco de motos, que pararam ao lado do carro. Um dos rapazes, sem o menor cuidado de cobrir o rosto, passou um bilhete para Marcelo, cuja janela estava aberta. Com um gesto expressivo, determinou que o bilhete fosse entregue à mulher. Marcelo, aterrorizado, obedeceu.

Ao receber a folha de papel, dobrada, Luíza teve ímpetos de jogá-la fora. Contudo, receosa de abrir a janela, sufocou o gesto e determinou ao motorista que pusesse o veículo em movimento:

– Vamos embora, já!

Antes mesmo de Marcelo dar na partida, as motos se afastaram, com grande estardalhaço. O gesto do dedo indicador puxando um imaginário gatilho foi repetido pelos quatro rapazes.

Anderson, entre irritado com aquele atrevimento, mas temendo alguma violência, pegou o bilhete das mãos da mãe. Com espanto, reconheceu a letra: de Meire. Tratava-se de uma cópia de

Nota Promissória, no valor de onze mil reais, cujo prazo de resgate já estava vencido. No verso, havia ameaças:

*Quem deve tem que pagar: sua filha está nos devendo R\$11.000 e já passou da hora de quitar; ela é boa freguesa, e só teve crédito porque deu-nos garantia de que a mãe pagaria a conta.*

*Vocês podem fazer duas coisas:*

*1ª - pagar a conta*

*2ª - ir à Polícia.*

*No primeiro caso, o assunto morre na hora.*

*No segundo, quem morrerá será a "freguesa", não na hora, mas assim que sair da "boa prisão" que está agora.*

Anderson mostrou o documento para Luíza, que ao lê-lo xingou:

– Aquela desmiolada, arruma encrenca e joga nas minhas costas.

– O que a senhora vai fazer?

– Nada! Não vou pagar dívidas malucas da sua irmã, como se ela fosse uma garotinha comprando um carrinho de chocolate no supermercado.

Marcelo, até então só ouvindo, não se conteve:

– Perdão, dona Luíza e senhor Anderson...

Luíza aborreceu-se com a intromissão do empregado, totalmente fora de hora, mas Anderson encorajou-o:

– Diga, Marcelo, o que você quer? Sabe de alguma coisa da Meire e desses bandidos?

– Peço desculpas por dar opinião, mas o caso é muito mais sério do que se possa imaginar... Com toda certeza, aqueles quatro não passam de "aviões", ou melhor, de "funcionários" de algum traficante...

– Você está querendo dizer – cortou Luíza – que por causa de minha filha ser viciada a dívida dos onze mil reais é porque eles forneceram drogas para ela?...

– Perfeitamente – confirmou Marcelo, completando. – Essa gente não desiste jamais de receber o pagamento, inclusive...

- O quê? – indagou aflita Luíza.
- Quando não recebem, matam o devedor, para servir de exemplo aos demais fregueses. Assim procedendo, desencorajam futuros maus pagadores.
- Como é que você sabe disso? – perguntou Anderson, desconfiado.
- Aconteceu com minha família. Meu sobrinho, de apenas dezessete anos, tornou-se viciado, começando a fumar maconha aos treze. O pai, meu irmão, fez de tudo para tirar o filho do vício. Mas não adiantou, ao contrário, passou a consumir cocaína. Deixou os estudos e várias vezes dormia fora de casa, em local ignorado. Como não tinha dinheiro para pagar a droga, chegou até a furtar o videocassete de sua casa e entregá-lo como amortização da dívida, pois os traficantes não deixaram de fornecer.
- Como sabem que foi ele que furtou?
- Porque meu irmão deu queixa na Polícia e dois dias após um informante disse aos investigadores onde estava o aparelho. Os policiais foram até o endereço e de fato recuperaram o aparelho, devolvendo-o ao meu irmão. Só que...
- Sim, o que aconteceu?
- Meu sobrinho parou de sair de casa, alegando que brigara com os fornecedores de tóxicos e que queria se libertar do vício. Meu irmão e minha cunhada até choraram de alegria quando ouviram isso, dando graças a Deus.
- Mas, e daí?
- Após um mês, tudo parecia resolvido e esquecido. Até que, de repente, o rapaz começou a sair de casa, às vezes ficando dias e dias ausente. Meu irmão se desesperou e novamente foi à Polícia, pedindo auxílio. Então...
- ?!
- A Polícia passou a investigar as atividades do rapaz e logo descobriu que ele se transformara em "avião" dos traficantes. Preso com pequena quantidade de cocaína, alegou que era para uso próprio e assim, na condição de menor de idade e "usuário", não de



"traficante", pouco tempo passou no Instituto de Menores. Quando saiu, voltou a procurar os traficantes, que o readmitiram. Foi mandado fazer "uma entrega", num determinado endereço, sem saber que o "freguês", na verdade, era inimigo mortal dos seus chefes. Não deu outra, quando fez a entrega, foi identificado e analisada a mercadoria que portava, o destinatário viu que era vidro moído, misturado com giz em pó. Meu sobrinho recebeu o pagamento e retirou-se, sem desconfiar de nada. Naquela mesma noite, ao chegar à porta da sua casa, para dormir, foi fuzilado por um homem que da garupa de uma motocicleta, passou lentamente por ali, atirando várias vezes.

– Como a família ficou sabendo de tantos detalhes?

– Porque os traficantes para os quais ele trabalhava e aos quais devia, telefonaram para meu irmão e contaram tudo. Jogando com a revolta do meu irmão, imaginaram que ele, por vingança, iria eliminar o responsável pela morte do seu filho. Mas meu irmão, cristão praticante, não se vingou.

– E depois? Não foi procurado?

– Antes disso mudou-se, indo para outro Estado.

## 5 Onde estão os doadores?

No dia seguinte, saindo da UTI, Luíza, Anderson e Américo foram convidados a comparecer à sala do cirurgião-chefe, que cautelosamente explanou:

– Meus amigos, convoquei-os para esta reunião tendo em vista que o estado clínico do nosso Ari é grave, mas não desesperador.

Luíza exclamou algo, muito de surpresa e angústia.

– Nosso caro Ari – continuou doutor Renato –, como já expliquei, há pouco, após examinadas todas as possibilidades de ajudá-lo, meus colegas e eu, em conjunto e por unanimidade, decidimos por indicar o transplante, como hipótese mais indicada.

– Então – interveio Anderson, aflito –, haveria outra forma de tratamento?

– Chegamos a pensar numa cirurgia reparadora, para retirada de parte do coração, segundo técnica recente desenvolvida por um brilhante colega nosso, brasileiro. Esse procedimento vem sendo indicado para os casos em que o coração está com volume aumentado em demasia, incompatível com a caixa torácica, como aliás ocorre com o Ari. Mas, infelizmente, há outros danos no coração de Ari, comprometendo o órgão por inteiro e tal cirurgia não resolveria o problema.

– Mas, doutor Renato, estive pensando e pergunto ao senhor se meu marido não se submeter a esse transplante, o que pode acontecer?

– Estará conosco por algum tempo, difícil de ser dito quanto, e assim mesmo, desde que mantido sob estreitos cuidados médicos, isto é, praticamente permanecendo internado, com monitoração e vigilância médica permanentes.

Luíza não conseguiu impedir o choro.

– Doutor Renato – falou-lhe doutor Américo – até então só ouvindo, com sua permissão, pergunto e gostaria que o senhor nos informasse qual a chance de o transplante ser efetuado?

O tratamento extremamente respeitoso demonstrava quanto o cirurgião era conceituado entre seus pares.

– O maior obstáculo: doadores. Por isso convoquei-os. Como sabe, há lei federal regulando o assunto, estabelecendo normas rígidas, em todos os passos dos transplantes, a começar pela retirada do órgão do doador em potencial.

– Sim, sim, conheço a lei. O que peço ao senhor, por gentileza, é uma estimativa de espera na fila?

– Nada posso adiantar. Os receptores são muito mais numerosos do que os doadores. A fila de receptores é estritamente fiscalizada pelas autoridades, contudo muitas são as nuances de atendimento, a começar por duas, não excludentes: a urgência do paciente em receber o órgão e a compatibilidade orgânica com o órgão disponível. Há casos de pacientes que, infelizmente, mesmo nos primeiros lugares da lista, vêm a óbito pela ausência de órgão compatível; no entanto, outros, recém-ingressos, são logo atendidos, somadas as características da necessidade e da disponibilidade.

Anderson interrompeu:

– Doutor Renato, não sei se o senhor pode nos informar, mas gostaríamos de saber quanto tempo de sobrevida meu pai terá se realizado o transplante...

– Estimativamente, em média, pelos dados estatísticos atuais, a Medicina considera possível, um período de 10 a 15 anos.

Recompondo-se, Luíza murmurou:

– O Ari precisa ser operado... com urgência...

– Devo acrescentar – disse doutor Renato — que a cirurgia de transplante é sempre de alto risco, pois o novo coração é considerado pelo organismo do receptor como um invasor. Assim, os procedimentos para conter a rejeição, tentada permanentemente pelo sistema imunológico do organismo, têm também que ser

permanentes. Em outras palavras, desencadeia-se um combate, entre a defesa natural do paciente e os efeitos imunossupressores das drogas, tendentes a causar algumas sequelas.

Sopesando a reação de cada um dos três ouvintes, aduziu:

– Graças a Deus, contudo, com as técnicas atualmente desenvolvidas, têm sido raríssimos os casos de óbito durante ou logo após a operação.

Chamando a secretária, o doutor Renato passou-lhe instruções e enquanto era servido um cafezinho, logo retornou, com um documento que a auxiliar preparou. Dirigiu-se a Luíza e explicou:

– Esse é o outro motivo pelo qual os convoquei a retornarem à minha presença, pois temos aqui uma "declaração" para apreciação da senhora.

Luíza apanhou o papel e leu assinando-o, declarava estar ciente do estado clínico do marido, bem como ter sido informada, com detalhes, das possibilidades de tratamento e cura. Com relação ao procedimento médico, concordava com a indicação da junta médica, isto é, com a realização do transplante cardíaco. Ainda, deveria declarar a opção entre manter o marido no hospital, ou no lar, sob supervisão da junta médica, até a realização da cirurgia.

Luíza leu por três vezes aquela declaração.

Passou-a a Anderson, que também se demorou em lê-la.

Finalmente, foi entregue ao doutor Américo, que a leu de um golpe.

Quando os três se entreolhavam, doutor Renato adiantou:

– Não decidam sem antes pensar bastante. Embora dona Luíza seja responsável e única a assinar, sugiro que troquem reflexões. Vou sair por uma hora e logo retornarei, para saber a decisão de vocês.

Aos três não passou despercebido que o médico se cercava de amparo legal, ante surpresas desagradáveis, expondo que a operação trazia riscos, nem sempre possíveis de serem evitados, conquanto a reconhecida competência de toda a equipe.

Desacostumada a tomar decisões cruciais, Luíza não conseguiu controlar-se e tão logo se viu a sós com o filho e com o médico da família, entrou em pranto convulsivo. Anderson vinha fazendo tremendo esforço para manter a calma, mas, colocado diante de tão terrível quadro, igualmente entregou-se ao desespero:

– O que foi que fizemos para merecer isso?!

Doutor Américo, solidário mas controlado, sugeriu:

– Vamos fazer uma prece, pedindo a Jesus que ampare o Ari e que nos assista também?

O silêncio de Luíza e Anderson funcionou como concordância.

O sagrado nome do Mestre Jesus, pelos lábios de Luíza e de Anderson, há meses não era pronunciado, demonstrando que não visitava suas almas, nem mesmo em pensamento.

Américo, em sentida oração, suplicou:

– *"Mestre amado, permita que sejamos abençoados pelas tuas luzes e por teu amor. Em primeiro lugar pedimos pelo nosso irmão Ari, ora atravessando dura expiação, mas abençoe-nos também, inspirando-nos em nossos passos, nessa difícil quadra de nossas vidas".*

A prece de Américo evidenciava, com clareza solar, que ele se irmanava aos momentos críticos de toda a família.

Comovidos, Luíza e Anderson abraçaram-no, em lágrimas.

Uma grande paz, agora sim, visitou a todos, em especial Luíza e o filho, que reconfortados por energias espirituais que lhes foram dispensadas por Protetores espirituais, em atendimento à prece.

Bem que Jesus assegurou que quando estivéssemos aflitos, que fôssemos até ele, pois nos consolaria.

Pena que quase sempre nos esquecemos dessa bênção.

## 6 Caminhos da vida, estradas do destino

*Oh, vaidade, vaidade... Que te esforças para alcançar o vento: por que não ouves o Eclesiastes ("O Pregador"), que no seu livro sapiencial, conforme relata o Velho Testamento, nos ensina a filosofia de vida, cujo tema é "Tudo é vaidade", mas tudo vem da mão de Deus?*

Três dias após, a situação clínica de Ari apresentou séria recaída, pois os remédios não conseguiram proporcionar o efeito desejado. Sendo paciente de UTI, com permanente monitoração do seu estado físico, ao primeiro sinal de alerta o doutor Renato foi convocado pelo plantonista. Ao chegar, avaliou as condições do paciente, diagnosticando a necessidade urgentíssima do transplante cardíaco.

Luíza e Anderson foram também chamados e acorreram ao encontro do cardiologista, que sem quaisquer delongas informou:

– O quadro clínico do "nosso" Ari se agravou, de ontem para hoje, demonstrando que os remédios não estão agindo como esperávamos...

Aflita, Luíza interrompeu-o:

– Mas, doutor Renato, não existem outros remédios?  
– Sim, sim, tanto que mudamos a receita e com outros medicamentos e doses mais elevadas, mas nem assim houve reação...

– O que o senhor sugere? – indagou Anderson.  
– No patamar que está, não há reversão – respirou fundo e complementou. – Só um transplante, no máximo em 72 horas, poderá salvá-lo.

– Oh, meu Deus! – gritou Luíza, já aos prantos.

Anderson amparou-a, acercando-se dela e envolvendo-a num abraço carinhoso. Também o doutor Renato consolou-a:

– Por sorte, este hospital está aparelhado e credenciado pelo Ministério da Saúde e pela Central de Transplantes para realizar esse tipo de cirurgia. Agora, é esperar que surja um doador.

– Onde... Onde... – soluçava Luíza, clamando – Onde vamos encontrar um coração para meu marido?

– Não há motivo para desespero, dona Luíza. Embora a Medicina já esteja apta a salvar vidas, pelos transplantes, nem por isso a maioria das pessoas se dá conta de como é importante ser doador de órgãos. No caso dos transplantes de coração, a dificuldade maior reside justamente nesse ponto: doadores. Há uma fila de espera, rigidamente controlada pelos Órgãos Federais e Estaduais. Pela gravidade da situação em que está o Ari, vou consultar se há possibilidade legal de que ele passe na frente dessa lista. O que não se pode, de forma alguma, é perder a esperança.

– Então... o senhor está nos dizendo que o Ari está numa fila de espera? Mas... O Ari jamais precisou enfrentar filas...

– Sim, só que agora a fila é pela continuidade da vida.

"*Oh, vaidade, vaidade...*", orgulho, poder, tudo desabou no mundo interior de Luíza. Pela primeira vez, talvez na vida toda, entendeu como são frágeis e temporais os bens terrenos. Não conseguiu impedir que pela mente perpassasse revolta: "Como é que tanta gente pobre tem o coração sadio e agora o Ari precisa de um e não acha...".

Seu pranto impediu que a entrevista prosseguisse.

Foi conduzida para casa sob orientação do doutor Renato, que se prontificou a notificar qualquer novidade sobre a situação de Ari.

À porta da residência, Luíza e Anderson tiveram desagradável surpresa, uma ambulância estacionada. O acompanhante do motorista desceu do veículo e dirigiu-se a Luíza:

– Senhora, sou o "relações públicas" da *Clínica de Recuperação Santa Ângela*, na qual sua filha Meire foi internada há dias.

– Sim, sim, o que fazem aqui?

– Infelizmente, não tenho boas notícias: sua filha deixou-nos, sem permissão.

O eufemismo significava que Meire tinha fugido.

– O quê? – atalhou Anderson, completando. – Vocês deixaram-na sair? E o tratamento, pelo qual já pagamos a metade?!

– Por isso estou aqui, senhor Anderson. Não deixamos sua irmã sair, ela evadiu-se!

– Mas como isso foi possível? Não têm vigilância?

– Como explicamos antes da internação dela, como de resto explicamos para todos os demais candidatos, a *Santa Ângela* não é um presídio, e sim, um local aprazível, devidamente equipado, em pessoal e material, para proporcionar aos pacientes desassimilação física dos efeitos nocivos de drogas, bem como, em paralelo, ministrar aconselhamento psicoterapêutico.

A repreensão, velada, mudou o tom do diálogo.

Controlando-se, Anderson inquiriu:

– Minha irmã... vocês sabem para onde ela foi?

– Estou aqui, maninho...

Era Meire, que assomando à cena, vinda do interior da casa, com a maior tranquilidade, andando "em câmara lenta" e com voz sussurrante sentenciou:

– Esta é minha casa, vocês são minha família e não é justo que me atirassem numa clínica qualquer, só porque eu tenha cometido um ou outro excesso. Aliás, vejo que fiz bem em retornar ao ninho, pois fiquei sabendo pelos serviços que papai está doente, internado. E é incrível como vocês não tenham me contado isso.

Evidenciando a ausência de sintonia espiritual entre os três, Luíza e Anderson se entreolharam, indecisos quanto ao que fazer.

O atendente da *Santa Ângela*, no estrito cumprimento do seu dever profissional, adiantou-se:



– Como mãe e responsável pela paciente, solicito que a senhora providencie, agora mesmo, o retorno dela à Clínica, para continuidade do tratamento.

Meire, apeando da frágil postura de equilíbrio, gritou:

– Ninguém é responsável por mim... sou maior de idade e dona do meu nariz. O que quer que eu faça, o problema é só meu. Assim, meu prezado "carcereiro", pode retornar ao seu empreguinho e nos deixar em paz, pois com papai entre a vida e a morte, há muito que discutir, decidir e fazer por aqui.

O atendente olhou para Luíza e Anderson, aguardando-lhes o parecer.

Mãe e filho, atônitos, não sabiam o que decidir.

Meire, do alto da soleira, firme e impassível, olhava-os, a todos, com manifesto desprezo, qual se fosse uma imperadora diante dos súditos.

– No caso da paciente não retornar, sob estrita responsabilidade da família, trago comigo uma declaração, para ser assinada pela senhora, isentando a *Santa Ângela* de qualquer consequência, bem como a família abrindo mão de reclamar devolução da quantia já paga.

Anderson interveio:

– Você deve estar brincando. Pagamos uma fortuna pelo tratamento de três meses e agora, em tão pouco tempo, vocês já querem nos dar esse golpe baixo?

– Perdão, senhor, mas ninguém quer dar golpe em ninguém. Se o senhor se der ao cuidado de verificar no contrato assinado pelas partes no ato da internação, cuja via original está com a família, constatará que todas essas eventualidades são previstas. Agora, inclusive, peço-lhe moderar os termos, pois além de uma queixa-crime por ofensas morais, a *Santa Ângela* poderá, de futuro, negar-se a acolher sua irmã, numa outra eventual crise. E, apenas para seu conhecimento, convém esclarecer que se a "minha" clínica recusar a internação, dificilmente outra a aceitará.

Bailaram no ar, duas hipóteses, ambas ruins: indenização por ofensas morais e dificuldades futuras para tratar da toxicomania da Meire que, com certeza, não iria deixar o vício de uma hora para outra.

Anderson moderou:

– Pedimos-lhes quarenta e oito horas para decidirmos o que fazer.

– Pois não. Vou retirar-me agora, mas peço à senhora Luíza que telefone imediatamente para a direção da Clínica, informando que a paciente estará por dois dias sob responsabilidade materna, após o que será decidido se retornará ou não ao tratamento.

Ao despedir-se, esclareceu, com propriedade e segurança:

– Apenas para esclarecimentos futuros, julgo prudente informar que seu telefonema será gravado.

Logo após, na grande sala de visitas, os três olhavam-se alternadamente, como se nunca tivessem se visto.

Pensamentos, desencontrados, borbulhavam-lhes nas mentes.

Havia no ar insuportável tensão pela proximidade física dos três.

Qualquer um que dissesse palavra – uma única palavra –, por certo provocaria algo assim como a rebentação das comportas de uma represa de emoções e sentimentos, já acima do nível e começando a derramar pelas bordas.

Ninguém poderia prever como acabaria aquela reunião familiar que sequer fora inaugurada, menos ainda convocada.

Naquele lar, há tempos, Meire só conseguia dialogar e, assim mesmo, raramente com o pai. E Ari não estava agora ali. Seu retorno, inclusive, era dolorosa incógnita, esta, comum aos três.

Anderson, de há muito, nem via o pai. Só agora, no hospital.

Luíza, de repente, estava com os dois filhos à frente, mas sem a menor chance de dirigir-lhes a palavra, expondo triste falta de autoridade materna. Ou, ao menos, de carinho materno.

O energético emocional da mãe e dos dois irmãos, tresandando frustrações, revolta e críticas recíprocas, formou ambiente espiritual deletério no lar.

É comum, que por força de sintonia fluídica afastada do equilíbrio, estejamos mesmo sempre rodeados por invisíveis "nuvens de testemunhas", as quais, julgando-se nossas convidadas de honra, passam a nos acompanhar os passos nos caminhos da vida. Por vezes, quase sempre, afastando-nos da boa estrada do destino.

Não são culpados. Nós os convidamos, inconscientemente.

Tais companhias – espíritos desencarnados de pouca evolução, assim como nós próprios –, sentem-se bem à vontade conosco, repartindo os resultados dos nossos empreendimentos morais. Somos nós que lhes damos guarida na mente, num entrelaçamento que nada tem de subjetivo, pelo contrário, tudo é entretecido nas linhas das ideias definidas.

Não é cambiante tal associação, é ingênuo conluio.

Da mesma forma que uma simples moeda atirada num lago espelhado, em qualquer área da lâmina da água, provoca ondas concêntricas que irão se alargando rumo às margens, também nossos pensamentos se espraiam, rumo à nossa atmosfera mental. Só que, se no lago as margens interrompem o fluxo da irradiação das ondas, no vastíssimo "lago" da psicofera que nos envolve, o que pensamos é absorvido por Espíritos que comungam conosco dos mesmos ideais, ou dos mesmos propósitos – positivos ou negativos –, e com isso vivificam ainda mais o que ainda não passava de simples cogitação.

Daí, à efetiva materialização do projeto, um passo.

E sempre alcançando o fim buscado porque contando com assessoria ímpar de congêneres, invisíveis, mas ativos e eficientes nos seus interesses e nos fins buscados.

Sem dizer palavra, os filhos dirigiram-se cada um ao seu antigo quarto, mantidos como sempre foram.

Luíza sentiu-se só. Extremamente só. Acabou recolhendo-se.

Percebendo que o irmão e a mãe estavam em seus quartos, com porta fechada, Meire, meia hora depois, solicitou ao motorista que a conduzisse ao hospital, pois queria ver seu pai. Somente no trajeto é que ficou sabendo pelo motorista o grave estado do pai, que só um transplante cardíaco salvaria.

Chegando, não foi autorizada a falar com Ari, sendo informada que estava sedado e quando despertasse não seria aconselhável emocionar-se. Dispensou o motorista e andou a esmo. Com a mente fervendo, frustrada por não ter sequer dado um "alô" ao pai, a jovem só entreviu uma forma de aliviar a tensão, já se tornando insuportável, "fazer uma viagem", isto é, drogar-se.

Assim como um extrato de perfume recende no ambiente quando o frasco é destampado, também da aura de Meire escaparam fragrâncias astrais, deletérias. Em menos de um segundo, três Espíritos aproximaram-se, como que literalmente vindos do ar. Os três, formando um grupo infeliz que havia desencarnado pelo uso excessivo de drogas, captaram, de pronto, que a jovem era toxicômana e que a "irmãzinha" estava carente. Confabularam:

– *Até que enfim vamos sair do sufoco...*

– *É sim! Mas não podemos esperar que tudo venha de bandeja: temos mais é que ajudar a "irmãzinha" aqui "a viajar"...*

– *E quanto mais longa for a "viagem", melhor para nós!*

Das reflexões, passaram à ação quase que colados a Meire, iniciaram o sempre equivocado, triste e infeliz processo obsessivo de indução mental. Disse um deles:

– *Linda garota, com essa tristeza toda você não vai longe... É preciso ver o céu, ficar nas nuvens, longe de tantas coisas ruins que a atormentam.*

Logo um segundo Espírito incentivou:

– *Você sabe, querida, e sabe melhor que todo mundo, que só há um meio de sufocar as mágoas... relaxar, mandar a tensão embora, flutuar num longo êxtase...*

O terceiro adjunto, conclusivo:

– *Só dessa vez, só mais uma vez! Isso mesmo: só uma vez! Você sabe onde mora a felicidade... é só ir lá buscar sua parte... mas vá logo, que o relógio não para e as mágoas esticam as horas!*

Impressionante fenômeno espiritual aquele. Absolutamente sem ver e sem ouvir quem lhe falava, Meire assimilou palavra por palavra, pensamento por pensamento, de tudo quando lhe fora sugerido.

Nos trâmites invariáveis da lei de sintonia, que tanto são percorridos pelos bons quanto pelos maus propósitos, a jovem, sem pronunciar uma única palavra, também falou com os visitantes do além, os quais não conhecia:

*"Sim, sim, é preciso fugir dessa triste realidade".*

No mesmo instante, dirigiu-se a um telefone público, fez uma ligação e em menos de uma hora dois motociclistas se apresentaram, trazendo-lhe uma "encomenda".

Ávida, Meire foi ao encontro dos dois:

– Que bom que vocês vieram. Trouxeram?

– Sim, mas...

– O que estão esperando para me entregar?

– O chefe quer que você, primeiro, pague o que ficou devendo... onze mil...

– Oh, não! Agora, não! Não façam isso comigo! Estou no meio de uma crise e se não "zoar" logo, fico doente, vou ao desespero... sei lá... faço alguma bobagem... ou me levam de volta para a clínica...

– Nada disso, mocinha. Pegue seu cartão de crédito e vamos ao Banco sacar "algum". Depois, veremos o que se pode fazer...

Foram à agência bancária e Meire, com alegria, viu que sua mesada fora depositada, automaticamente. Sacou o limite máximo

possível e entregou aos motociclistas que, só então, lhe entregaram três envelopes, contendo cocaína em pó.

– Levem-me para casa, por favor! Estou sem condução.

– Não será prudente... seu irmão é muito chato e não colabora. Se formos vistos juntos vai complicar.

Ao deixar Meire, advertiram:

– Você está devendo e se não pagar não será mais atendida. E é bom ficar sabendo que não vai adiantar procurar outra "fonte", pois estaremos vigiando-a dia e noite. Como sabe, a paciência e a assistência social não fazem parte das nossas qualidades e, por isso, você tem uma semana de prazo para saldar seu débito.

– Mas eu não conseguirei esse dinheiro todo de uma vez... sempre paguei o que pude... agora papai está doente e minha mãe não me ajuda, nem meu irmão... se vocês me negarem, vou ficar desesperada e aí será ruim para todo mundo. Antes de vocês me prejudicarem, apronto "uma boa"... não duvidem!

– Você é quem sabe, querida. Adoramos suas ameaças.

Os três Espíritos que não a haviam deixado, assopraram-lhe uma ideia:

– *Não discuta com quem lhe ajuda. Se o seu problema é com sua mãe e seu irmão, é lá que você deve buscar a solução.*

Meire "ouviu" o conselho. Abrandou junto aos dois rapazes:

– Estou nervosa com tanta coisa ruim à minha volta. Darei um jeito!

– Assim é que se fala, doçura. Uma semana, hein?

Sem poder resistir à urgência, Meire entrou num restaurante e pedindo algo, para disfarçar, ali mesmo se drogou com uma dose. Depois foi até seu apartamento, trancou-se e com o restante da droga, pensando que era para si, consumiu-o.

Na verdade, não se poderá afirmar que Meire não passou de agente passiva, eis que seus acompanhantes invisíveis, em ânsia incontida, quase arrancavam de seu hálito, por aspiração boca a boca, uma nuvem invisível para encarnados, mas para eles

esfumaçada, quase pastosa, quente, que dali evolava, sorvendo-a com sofreguidão vampiresca.

Nos seus desdobramentos espirituais, perambulando pelas trevosas regiões umbralinas, Dante Alighieri, (1265-1321), entreviu cenas terríveis de espíritos sofredores em desvario, registrando-as na visão que teve ao atravessar os "nove círculos do inferno", no imortal clássico da Literatura: *A Divina Comédia*.

Mas ali, a cena vista do plano espiritual – inacreditável consórcio da jovem a dividir o corrosivo fulgor energético da droga com personagens viciadas, desencarnadas – poderia perfeitamente enquadrar-se no texto do imortal poeta e escritor italiano, talvez com os personagens de agora exibindo algo ainda mais espantoso, terrivelmente infeliz.

Dormiu algum tempo e depois retornou à casa dos pais, procurando manter-se estabilizada, de forma a não dar a perceber que havia se drogado há poucas horas.

Luíza, ao telefone, falava com Angelina, avó de Meire:

– Mãe, a senhora não precisa vir morar aqui, é só até nós conseguirmos resolver essa questão...

A interlocutora por certo concordou, pois Luíza despediu-se:

– Vou pedir para o Marcelo ir buscá-la amanhã cedo. Arrume algumas coisas suas, pois até o Ari sair do hospital, a senhora "precisa" ficar aqui. Até amanhã.

– Vovó vem morar aqui?...

– Foi bom você voltar, querida, pois precisamos ter uma conversa muito séria.

– Ih, mãe, não me venha com sermões, pois não aguento mais suas ideias "quadradas"... meu mundo é outro... mais redondo, mais feliz, sem as suas caretices.

– Meire, não quero saber do seu mundo. No momento estamos no meio de uma tempestade, com seu pai em perigo de vida, não sendo ajuizado falar em mundo redondo ou quadrado. Há

uma realidade da qual você não pode fugir: tornou-se escrava das drogas e só conseguirá libertar-se com ajuda especializada.

Respirou fundo e sentenciou:

– O que quero dizer é que você precisa voltar para a clínica, e quanto antes, melhor!

– Nem morta! O que a senhora pensa que eu senti quando a senhora me levou para lá, aproveitando que eu estava meio desacordada? Quando despertei, senti-me uma prisioneira, julgada e condenada. E qual foi o meu crime?

Exasperando-se e dando vazão à revolta que subitamente a visitou, pelas lembranças do passado, explodiu de vez:

– Odeio aquela clínica, esta casa, odeio você e sua beleza! Correu para o quarto, onde se trancou.

Nem seriam necessários profundos conhecimentos de Psicologia para se depreender, daquele desabafo, que na raiz das infelicidades, do desajuste familiar, das frustrações todas de Meire — tudo desaguando na toxicomania —, estava a inveja, orquestrando os desencontros da personalidade.

À simples menção da palavra "beleza", Luíza se deixou envolver pela imagem que o espelho lhe ofertava, no mínimo, a cada dez minutos, pois esse era o tempo máximo que conseguia ficar sem se olhar.

Sim, sabia-se bela! Esplendorosamente bela! E esse seu patrimônio, não o dividia com ninguém. Aliás, nem era preciso pensar em divisão ou subtração, "*pois se Deus assim a fizera, ladrão algum lhe roubaria o que a natureza lhe doara, com tanta generosidade*".

Luíza só vivia o momento presente, passado e futuro jamais fizeram parte de suas reflexões. O "agora" era seu senhor absoluto, exigindo-lhe prolongados estágios no salão de beleza que instalara no próprio lar. Era ali que, diariamente, passava a maior parte do tempo, metade com esteticistas contratadas e outra metade,



sozinha, mirando-se, embevecida, ante a própria imagem, de corpo inteiro, que reproduziam os vários espelhos ali instalados.

A sós na grande sala, remoendo o frio tratamento da filha, veio-lhe à lembrança sua momentaneamente esquecida beleza invulgar.

Correu para os espelhos que, na sua casa, os havia por toda parte.

Mirando-se, percebeu alguns ligeiros, muito ligeiros traços, diferentes, fruto das preocupações dos últimos dias. Preocupada com a chegada do novo tom à sua face, olhou a penteadeira e viu uma Bíblia. Num gesto deslembado por anos, abriu-a ao acaso e leu: "*6. Aonde foi teu querido, ó mais bela entre as mulheres?*".

O trecho referido consta de "*O Cântico dos Cânticos*", 6-1.

Intensa vaidade veio se somar ao culto à sua beleza, que Luíza permanentemente vivia a celebrar. Esqueceu-se das ofensas de Meire.

De todas as provas por que passa o Espírito, quando enfeixado de vestes físicas femininas, podemos afirmar que a beleza constitui aquela que mais vem reprovando criaturas submetidas aos testes morais que dela decorrem.

Três Marias interpretam, melhor com suas vidas, sobre aquilo que queremos expor. Foram belas e a História consagrou-as, não pela beleza, mas pelo muito que souberam amar:

- Maria, Espírito puríssimo, o passaporte sublime de que se valeu o Mestre Jesus para nos visitar, aqui deixando-nos o Evangelho qual mapa da felicidade – o Reino dos Céus –, alcançável quando estivermos a bordo do veículo que faz esse transporte – o Amor –, sendo a Caridade a chave da porta de entrada daquele Reino;

- Maria Madalena, a pecadora, cuja autorreforma (renúncia ao passado libertino), após o apoio pessoal de Jesus, livrando-a de "sete demônios" (espíritos obsessores), passou a segui-Lo, juntamente com os doze Apóstolos. Maria Madalena, então, trocou

a vida de seduções e sedições pelo amor ao próximo. Seu exemplo de arrependimento e conversão à caridade, que até os últimos dias de sua existência passou a praticar, dificilmente encontrará paralelo mais eloquente em toda a história do Cristianismo. Estando com Jesus, suas lágrimas molharam os pés do Mestre, aos quais ela perfumou com o caríssimo óleo de *nardo genuíno* (planta aromatizante). Após derramar o óleo nos pés de Jesus, passou a beijá-los ternamente e a seguir os enxugou com o próprio cabelo.

- Maria, de Betânia, irmã de Marta e de Lázaro (que fora curado pelo Mestre e "ressuscitou" quando já era julgado morto), que se punha aos pés de Jesus para ouvir Seus ensinamentos, com enlevo inexecedível.

Três Marias:

- Maria – Espírito Puríssimo, Mãe de Jesus.

- Maria – aquela, que no dizer do Cristo, teve "os pecados perdoados pelo muito que soube amar".

- Maria, a irmã de Lázaro e de Marta – é de se imaginar quanto amava ao Cristo e com que pureza. A ponto de Jesus dizer a Marta que Maria (a irmã dela) "fizera a escolha da boa porção" (o alimento da vida eterna).

Marias, Marias... todas belas, todas excelsas.

"Três Marias"! Três estrelas, da Constelação de Órion, que na harmonia e quietude do céu estrelado pontificam simbolizando: a primeira, o incomparável amor de todas as mães; a segunda, a beleza de Madalena, advinda do reencontro da paz interior, e a terceira, a felicidade, pelo entendimento da Boa Nova.

"Três Marias". Sóis de eterno deslumbramento.

Maria. Dulcíssimo nome da mulher sublime, que dentre tantas, foi escolhida pela Divina Providência para ser a Mãe de Jesus e Mãe Celestial da humanidade.

Reverberam pelos séculos exemplos de a quantos arrastamentos a beleza conduz.

A poeira da História não apagou as letras que registraram, "no livro da vaidade", as infelicidades geradas pela beleza feminina, quando administrada pelo espelho. Nesse triste livro, de tantas e tantas autoras, mais uma triste página vinha sendo escrita por Luíza.

Horas depois, voltando a remoer-se pelas últimas palavras de Meire, empinou o queixo em gesto lento e alisou as sobrancelhas.

Foi ao quarto da filha e com ares de rainha das rainhas, condescendeu:

- Minha filha, minha filha, você também é bonita...
- Deixe de hipocrisia, dona Luíza, poupe-me da sua piedade, aliás, se veio aqui é por que quer ser minha amiga, então vamos falar de dinheiro.

Quando Meire chamou a mãe de "dona Luíza", como que luzes de advertência se acenderam no cérebro da dona da casa, pois captou que entre ela e a filha mantinha-se profundo o abismo que há tempos as separara e que, a seu ver, só o dinheiro poderia se constituir em ponte. Enganosa ponte.

- Muito bem, mocinha... falemos de dinheiro. Estou ouvindo.
- Ser chamada de "mocinha" também sinalizava à jovem que a mãe estava do lado de lá do extenso vale que havia entre ambas, de que a separação e o abandono do lar eram bem o símbolo. Deu-se conta que sem dinheiro não poderia ser feliz. E, ser feliz, para ela, era drogar-se. Drogas... drogas... tão logo pensou nisso, dois grupos de espíritos desencarnados surgiram "do nada", atraídos compulsoriamente que foram para junto dela. Um dos grupos era formado pelos três que há poucas horas haviam se tornado "sócios" da sua entrega ao vício.

Olharam-se raivosos, os dois grupos de desencarnados.  
Iminente, combate próximo.

O chefe do segundo grupo (de cinco espíritos) advertiu ao trio, tão intruso como ele próprio e seus companheiros:

– A "irmã" aqui é nossa fonte há muito tempo. Não há vagas para novatos, pois nós a treinamos bem para nos atender. E só a nós... estamos sabendo que hoje vocês estiveram "nos roubando", enquanto estávamos empenhados numa outra "festinha".

– Ah, é? Pois fiquem sabendo que ela se deu muito bem conosco.

– Foi por isso que essa idiota chegou aqui "sem apetite"... já tinha se fartado, traindo-nos...

O líder dos cinco olhou para os três "invasores" e com um gesto seu, os outros companheiros os agrediram com brutalidade.

Os agredidos, desencarnados ainda jovens e participantes de árduos treinamentos em lutas marciais, considerados "mestres", julgaram que para eles a luta ia ser fácil, pois com sua técnica, seus "golpes mortais" dariam uma lição exemplar naqueles cinco "alunos" atrevidos.

Mas, triste ilusão. Ali, de forma inexplicável, seus golpes pouco valiam diante do ódio que envolvia e servia de "munição" ao outro grupo. Não por ser maioria, mas sim, por inacreditáveis projéteis mentais que, partindo do peito deles atingiam os "mestres", estes, em questão de segundos, jaziam inermes, desfalecidos, mas conscientes.

Os tombados não entendiam o que se passara nem como surgiram aqueles mini torpedos? Como não podiam se mexer, sem desmaiar?

O chefe dos vitoriosos, com soberba, como que lhes adivinhando a perplexidade, esclareceu-lhes:

– Bobos! Vocês se julgam os tais só porque viviam dando murros e pancadas em mais fracos, depois desses cursos em que o controle e o equilíbrio estiveram ausentes da sua cabeça. Devem ter sido mandados para cá por causa das sucessivas brigas que arrumavam...

O líder do trio, ainda sem entender, perguntou:

– Vocês mais se parecem com aqueles lutadores dos jogos eletrônicos... O que é isso que sai do peito e nos derrubou?

– Onde vocês pensam que estão?

– Pouco importa se aqui é seu território, vamos para outro local, apenas queremos saber como é que vocês arranjaram essas armas?

– Vocês não me responderam: onde estamos agora?

Pensando um pouco, um dos caídos adiantou-se:

– Numa casa de luxo, onde a "irmãzinha" mora... aliás, foi ela que nos convidou para sermos seus *sócios*.

– Vejo que vocês não sabem de nada... digam-me, apenas onde estavam antes de conhecê-la?

Após meditar bastante, o líder questionou:

– Na verdade, não sabemos direito. Há algum tempo nos metemos numa briga à saída de um bailinho. Eram muitos, mas com nossa técnica, derrubamos todos que se atreveram a nos desafiar... só que... depois fomos embora... e logo de manhãzinha... alguém arrombou nosso quarto e entrou atirando... não me lembro de mais nada...

– É isso, vocês estão na dimensão onde a vida não é vida.

– Mortos?!!!

– Isso mesmo. Agora já falamos demais e é hora de ação. Levantem-se e sumam.

Os três, cambaleantes, ergueram-se e com dificuldade afastaram-se, ganhando a rua e indo em busca do nada. Os que ficaram acercando-se de Meire determinaram-lhe mentalmente que agradasse à mãe e que ficasse esperta, à espreita, para arrumar dinheiro. Ordenavam: "*drogas exigem dinheiro! Use o expediente que for necessário, finja obediência e humildade, depois, use o cartão do banco dela*".

A jovem captou a ordem e meditou: "*preciso dar a impressão à mamãe que estou arrependida, para depois... como é que não pensei nisso antes? Vou pegar seu cartão de crédito e transferir dinheiro para minha conta*".

## 7 Equipe invisível...

Em meio à madrugada Ari acordou. No mesmo instante viu aquela equipe de socorristas que surgiu à sua frente, outra vez vindo do céu, isto é, de cima, do teto da UTI.

– Vocês...

Dessa vez Ari conseguiu falar, tanto que o médico plantonista acorreu pressuroso:

– O que o senhor está sentindo? Precisa de algo?

– Não, não, estou bem... apenas estava "pensando em voz alta"...

Ari captou claramente que o médico não via os visitantes. Quando ele se afastou, a "equipe invisível" acercou-se. Aliás, para ele – só para ele (!) – de invisível aquele grupo não tinha nada, mas foi assim que passou a denominar os estranhos visitantes. O chefe deles, dessa vez o instruiu:

– *Sou Abdiel, seu amigo. Agora vamos conversar, de outra forma: você vai nos ver e falar, mas não responda por palavras, e sim, apenas por pensamentos. Tente.*

– Mas como isso é possível?!

Novamente o médico plantonista atendeu-o, presto:

– Posso ajudá-lo?...

— Oh, desculpe-me, estou meio bobo, falando sozinho...

Ari aguardou o médico afastar-se, notando que ele ficara bastante apreensivo, contudo, foi inspecionar o estado de outro paciente.

O chefe da "equipe invisível", Abdiel, brincou com ele:

– *Viu só, o que você está aprontando? Eu não lhe pedi para só falar conosco pelo pensamento? Tente fazer isso.*

Ari pensou:

– *Está bem, vou falar só pelo pensamento...*

– *Assim está melhor* – anuiu Abdiel, prosseguindo naquela fantástica forma de conversar. – *Estamos no limiar de um acontecimento que mudará "nossa" vida. Mais do que em qualquer outra ocasião, "nosso" pensamento deverá direcionar-se para o Alto, em busca de Jesus, o Médico das almas.*

Ari, assustando-se bruscamente, ia interromper, falando, mas conteve-se a tempo e apenas pensou: “Das almas?!”

Os aparelhos que monitoravam Ari acusaram alteração.

O plantonista, que de soslaio observava o paciente, ocorreu.

– Estou bem – disse-lhe Ari, tranquilizando-o, o que de fato conseguiu, pois os indicadores retornaram ao normal.

Ari deixou passar alguns minutos e como Abdiel permanecia ali, apenas olhando-o, dirigiu-se a ele, "em pensamento", como ele pedira:

– *Vou morrer?! Vocês... São mortos?!*

– *A calma é a mais fácil das virtudes, quando tudo está tranquilo, não é mesmo? Entretanto, no momento de agitação, física ou mental, o que acontece? Nós a expulsamos, concorda? E aí, o desequilíbrio, nem sempre a maldade, assume o comando dos nossos atos. Por que o homem age assim?*

Ari foi pego de surpresa, pois Abdiel, ao invés de responder às suas ardentes perguntas, promovera guinada na conversa. Aliás, foi o próprio perguntador que respondeu:

– *É porque, agindo pelo instinto, não o instinto natural que garante a sobrevivência, mas o instinto distorcido, porque acoplado de mau uso da inteligência, num deplorável retrocesso espiritual, o homem despreza a sabedoria, de forma integral, cedendo-lhe espaço para o melindre e a vaidade, gêmeos filiais do orgulho. Aí a maldade aflora no homem, coisa que nos animais não existe. Assim, nessas horas, não se compare o homem ao animal, pois este não tem inteligência abstrata, formadora de ideais e planos, no caso, de vingança. Animais têm, sim, integral, o instinto na sua expressão mais genuína. Não têm melindres e nem sentimentos de vingança.*

Novamente Ari se complicou, para entender o que Abdiel dizia.

O Espírito amigo, não obstante, prosseguiu:

*– O homem que conseguir avançar um centímetro no cumprimento da Lei do Amor, reta divina e de extensão infinita, não cederá espaço aos impulsos da réplica, a qual lhe oferta veículos de discórdia, quais a postura agressiva, o tom de voz mais alto, imperativo, arrogante, tudo isso a bordo de argumentos "de certeza definitiva". E, nessas horas, convenhamos, resposta ou réplica, logo se transformam, uma ou outra, em ideias de vingança.*

Abdiel interrompeu o que dizia por instantes e logo seguiu:

*– Não! Esse homem que avançou no bem, ampara-se na mansuetude, sem que isso configure covardia física, tanto quanto jamais oculta a verdade, o que, do contrário, seria outro tipo de covardia, mais danosa do que aquela: a hipocrisia. E o que faz? Disciplinado mental, não se permite arroubos de gladiador, mas sim, transforma o palco do encontro de correntes antagônicas – a dele e a de outrem –, em correntes congruentes, isto é, busca um dos inesquecíveis exemplos de Jesus, o modelo de comportamento fraterno ofertado por Deus aos homens.*

Abdiel colocou a destra sobre a fronte de Ari e voltou o olhar para cima e pronunciou uma única palavra: "Jesus"!

Ari, olhos arregalados a princípio, sentiu-se invadir por jamais experimentada paz, que sutil, mas constante, envolveu-o, como se fosse uma agradável nuvem, silenciosa e quase imperceptível.

Abdiel disse-lhe brandamente:

*– Como você pode observar, ao falarmos de Jesus todas as dores se acalmam, a paz nos visita célula a célula e a Vida adquire sua verdadeira expressão, deixando atrás tudo o mais.*

Ari surpreendeu-se refletindo sobre o que ele próprio sentiu:

*– Se morresse agora, morreria tão feliz... Sim, sim, sei do que fala Abdiel: ele fala de mim, de como sempre tenho me conduzido. Até com minha família tenho agido com dureza. Meus filhos... nem quiseram mais morar comigo e com a mãe. Luíza...*



*será que estive sempre ao seu lado, como o companheiro que reparte todas as alegrias e as tristezas com a amada? Meu Deus! Sei agora o que é a calma e o seu grande poder. É precisamente o que experimento neste momento. Jesus... Era tão calmo!*

Abdiel, já se despedindo, ainda proclamou:

*– E Jesus não é uma miragem de fanáticos, como temerariamente alguns imaginam... não brigou com ninguém, foi uma das pessoas mais ofendidas e longe de se vingar, com todo o poder que detinha, perdoou seus ofensores; jamais impôs suas ideias, nunca escreveu uma única palavra dos seus ensinamentos, entretanto suas lições, alicerçadas no exemplo, sobreviveram porque a Razão lhes dá vida eterna.*

Viu Abdiel afastar-se, com seus amigos até desaparecerem.

*"Vou morrer... Esse perfume... tão agradável... lembro-me dele..."*

Dormiu.

Horas mais tarde, os aparelhos acoplados ao paciente acusaram, por discreta sonoridade e pelos painéis eletrônicos, crise grave. O médico plantonista, que mantinha permanente observação nos pacientes, aplicou de imediato um medicamento sublingual e, pelo telefone celular, ligou para o doutor Renato.

Quando pouco depois o cirurgião-chefe da cardiologia chegou, avaliou o quadro clínico de Ari e franzindo a testa diagnosticou:

– Nosso paciente precisa de um milagre...

Na manhã esplendorosa, pujante de Sol – de vida, pois –, Luíza e os filhos foram autorizados a conversar alguns instantes com Ari, devendo aguardar que ele despertasse. Disse-lhes o doutor Renato:

- Nosso Ari não resistirá por muito tempo...
- O transplante...

– É sua única chance! Só que ainda não recebi resposta da minha solicitação à Central de Transplantes do Estado, para que o Ari seja atendido em caráter urgentíssimo...

Só por volta das onze horas Ari despertou.

A família foi admitida junto ao leito, para breve diálogo.

Ao vê-los, com o semblante incapaz de disfarçar o que lhes ia na alma, Ari compreendeu que "ainda" não tinha morrido.

Luíza não podia falar; as lágrimas impediam-na.

Meire beijou-o ternamente, como há muito não fazia:

– Paizinho, o que o senhor aprontou dessa vez?

– É uma incógnita – murmurou Ari –, saber que Deus é tão bom e uma coisa dessas me atingir...

– "Atingir-nos" – emendou Anderson, tomando a mão paterna.

– Há algo de inexplicável na vida, tão cheia de surpresas, de coisas boas, mas também de coisas ruins...

– Só pense nas boas, paizinho. O senhor vai sair dessa, o senhor é forte, é valente, nunca ninguém o venceu...

– Será, minha filha? Nem o coração? E você, como está aqui? Alguém me disse que havia sido internada, para desintoxicação... interrompeu o tratamento?

– Ah, meu pai, interrompi sim. Algumas doenças, como essa que inventaram para mim, existem apenas para dar emprego aos médicos.

– Meire, Meire... não é bem assim, você me chama de valente, vitorioso sempre, mas sua visão, do ângulo em que estou agora, perde toda a substância. Imagine se eu morrer nos próximos dias... do que valeu toda a minha fortaleza e o império que construí? Se me acabei de tanto ajuntar poder e fortuna, terá valido a pena?

– Não fale assim – interrompeu Luíza –, você não pode nos deixar! O que será das nossas empresas? O que será de nós?

– Vocês vão administrar tudo, com dificuldades no início, mas com o tempo aprenderão.

Olhou para o teto, como se estivesse alguém lá o ouvindo e sentenciou:

– Só que... um dia, assim como eu, vão se dar conta de que tudo, talvez, não valeu a pena.

Luíza atalhou:

– Como não valeu a pena?! Então a nossa vida não tem sido tão confortável? Não somos estimados pela sociedade? E o respeito que nossa fortuna nos confere?

– Sociedade... respeito... fortuna... só queria que meu coração estivesse bem, até trocaria tudo, tudo mesmo, por um coração saudável. Às vezes, quantas pessoas se julgam pobres e nem sequer avaliam quanto vale um coração sadio: nem nossa fortuna toda pode me comprar um agora... e o meu lar? O nosso lar? Estamos separados... se eu conseguir sobreviver, vocês vão se enjoar de tanto amor que tenho para lhes dar.

Dirigiu-se ao filho:

– Se não... cuide delas, principalmente de sua irmã...

Meire começou a soluçar, descontroladamente. Ali mesmo Anderson começou a obedecer ao pedido do pai, pois a amparou, estreitando-a num abraço. Anos e anos de isolamento fraternal entre ambos foram ali interrompidos.

Luíza, literalmente atirou-se ao peito de Ari e também o abraçou.

Prova irrefutável que até do mal Deus tira um bem, a doença de Ari estava servindo-lhe de novas lentes para ver o mundo, pois acabara de testemunhar a fatuidade do dinheiro e do poder, quando empregados apenas a benefício próprio. Mas, sobretudo, os quatro reencontraram o sentido da fraternidade na convivência familiar.

O plantonista, sempre tão controlado, dessa vez sensibilizado e envolvido, delicadamente pediu à família que se retirasse, pois, mesmo aquelas felizes emoções, poderiam deixar o paciente alterado.

Antes dos três se afastarem, Ari olhou-os profunda e demoradamente. Apenas conseguiu falar baixinho:

– Adeus! Sempre os amarei...

## 8 Linhas tortas

Saindo, mudos, em direção ao estacionamento, os três nem sequer se olhavam.

A angústia que lhes ia à alma falava mais alto, compungindo-os, levando-os a reflexões, dolorosas, todas. Anderson e Meire pensavam nas palavras do pai.

Meire, fragilizada psicologicamente, foi acercada pelos espíritos obsessores que a comandavam. Obediente à indução que captou deles, deixou a mãe e o irmão, sem dar-lhes qualquer explicação, praticamente se evadindo da companhia deles.

Anderson ainda intentou alcançá-la, mas Luíza lamentou:

– Deixe que ela se vá... já é maior de idade e não quer dividir conosco seus sentimentos, ao contrário, neste momento tão triste, sua atitude demonstra que pouco se importa com a família.

E completou, amargurada:

– Ao invés de unir-se a nós, o que vai fazer, sabemos, é atolar-se ainda mais na lama das drogas, acrescentando dissabores às nossas vidas.

De fato, Meire foi à busca de drogas.

Era urgente refugiar-se no tóxico, atenuando de forma tão equivocada a crise que a envolveu, ante a iminente perda do pai.

Para sua segurança e também segundo instruções dos traficantes, teve que esperar pela chegada do crepúsculo, o que alterou cada vez mais seu estado emocional. Nas longas horas de espera do escurecer, naquela praça onde sabidamente encontraria "seus fornecedores", sequer olhou para as flores, nem lhes sentiu o delicado perfume, graciosamente ofertado. Quando o sol despediu o dia, eles chegaram. Eram os dois motociclistas. Viram-na. Zombaram dela:

– Então, mocinha rica, esperando o namorado?

– Por favor, não brinquem... meu pai está mal... eu estou pior... preciso logo de uma dose forte... aqui está o que consegui...

Entregou aos marginais o saque possível que fizera do cartão do banco da mãe.

– Ah, é? Só isso? É pouco! Já se esqueceu da dívida? Nós não lhe avisamos que só após pagar o que deve teria novo crédito?

– Mas... eu vou arrumar mais dinheiro sim, só preciso de tempo.

– Qual é, agora? Está esperando a morte do seu pai?

– Não sei... Não sei... Preciso me acalmar para poder pensar. Se vocês me negarem ajuda agora, quando eu pegar na grana, vou simplesmente ignorá-los.

– Hum, ameaças... não gostamos disso, sabia? E quando não gostamos, sempre damos uma aula de boas maneiras...

Assim falando, o jovem desceu da moto e aproximando-se de Meire, com absoluta calma abraçou-a e forçou um beijo, constringendo-a pela força muscular dobrada em relação à dela.

Meire tentou livrar-se daquela infame agressão, mas quanto mais se esforçava, mais se via imobilizada pela brutalidade do rapaz.

O outro jovem, até então passivo, considerou desmedida a atitude do colega e descendo também da moto colocou a mão no ombro dele e determinou:

– Pare com isso!

O agressor, de fato, soltou Meire. Fuzilando com o olhar ao companheiro, desafiou-o:

– Você não sabe o que está perdendo... essa pombinha está pedindo carinhos, tão desamparada, tão lindinha...

– Nem pensar, nem pensar! Se o chefe souber disso, será o nosso fim. Você está louco? Não misture as coisas, negócios com prazer, pois essa é a maneira mais rápida de irmos morar para sempre no "campo santo".

E essa era uma dura realidade do mundo dos tóxicos: de um lado, os "clientes", e do outro, toda uma corrente de fornecedores,

cujos elos, se rompidos em qualquer parte, sempre acarretam enorme prejuízo à criminosa contabilidade dos lucros. Nesse contexto, o elo rompido é o mesmo que condenação à morte.

O jovem agressor sabia de tudo isso, mas naquele momento, altamente energizado pelo erotismo que abrupto o invadira, não media conseqüências para atender aos imperiosos reclamos sexuais dominantes. Propôs ao colega:

– Vamos juntos, os três, passar bons momentos. Nós damos a ela o que quer e ela, em gratidão, nos empresta seus carinhos.

Voltou-se para Meire e sugeriu:

– Daremos o que você quer, mas em gratidão pelo crédito, você também nos atende. Quando puder, paga a mercadoria. Topa?

Aglomeraram-se em torno dos três, mais companhias invisíveis, normalmente estacionadas naquele triste palco de desvarios, ávidas umas de sorver as exalações toxicômanas, sensualizadas outras, aguardando sua quota-parte das emanações dos prazeres carnais, fugidios e irresponsáveis, que ali, de rotina, se desenrolavam noite adentro. Ao grupo obsessivo que acompanhava Meire não houve como se livrar de "mais sócios".

Desde que saiu do hospital, Anderson ouvia sem parar, o pungente pedido do pai: "*cuide delas, principalmente de sua irmã...*".

Em seu carro conduziu a mãe à residência e depois, a pedido dela, foi à sede central da empresa do pai para inteirar-se do andamento dos negócios. Reuniu-se com os diretores presentes e após informar-lhes do estado de saúde de Ari, por sua vez foi informado das atividades da firma, a qual, à boca pequena, já se dizia, breve herdaria.

À tarde, voltando para casa, teve que enfrentar um "casual" congestionamento de trânsito. Para livrar-se dele, mudou o itinerário. Afastando-se do caminho rotineiro, acabou por transitar por ruas poucos utilizadas. Qual não foi sua surpresa quando

passou por ele duas motocicletas, numa das quais Meire ia de carona.

Reconheceu, de pronto, os traficantes que vinham fazendo ameaças. Não pensou, seguiu-os. Após dirigirem-se a uma região quase sem residências, as duas motos estacionaram. Tão agitados estavam os dois rapazes e a própria Meire, que não perceberam estarem sendo seguidos.

Anderson deixou seu carro e ainda sem ser notado, foi se aproximando. O que viu, então, causou-lhe terrível choque: a irmã introduzindo algo nas narinas, permitindo que os dois homens a tocassem com indignidade sem limites.

Num gesto tresloucado, ouvindo na mente em tom ensurdecido o pedido do pai, atirou-se sobre aqueles bandidos. Forte e bem preparado fisicamente, além de ter a seu lado, a "força da razão", com golpes bem aplicados impediu a consumação de maior infâmia contra a irmã. Praticamente nocauteados, sangrando muito, os dois traficantes pouco poderiam fazer para se defender.

Foi aí que o primeiro agressor, o que idealizara aquele sórdido enredo a três, sacou de uma arma e atirou em Anderson.

O tiro acertou-o no rosto.

Meire, atarantada pelo efeito da droga, mas bruscamente trazida à terrível realidade, no entrechoque de emoções e sensações conflitantes, em sua alma sentiu falar mais alto o amor fraternal. Atirou-se como leoa sobre o atirador, contudo, recebendo forte coronhada na nuca, perdeu os sentidos.

Desacordada pela coronhada na cabeça, a irmã não viu os agressores discutirem entre si, após verificarem que Anderson tinha sido atingido gravemente:

- O que você fez, Miro?! Matou-o!
- Era ele ou eu...
- Você ficou louco? E agora? O que faremos?
- Ora Zeca, não podemos perder a cabeça. Temos que disfarçar o cenário para a Polícia não descobrir nada que nos complique.



– Miro, estou falando de assassinato. De jeito nenhum você deveria ter feito isso.

– Agora não adianta me condenar... você está envolvido nisso tanto quanto eu... acho melhor parar de me acusar e ajudar para que ninguém suspeite de nós...

– O que você quer dizer?... ela... você não está pensando em eliminá-la...

– Claro que não. Vamos fazer o seguinte: levamos ela para a praça onde a encontramos e deixamos ela com as vestes rasgadas, assim vão pensar que foi vítima de algum tarado...

– E ele? E ele?!

– Vamos revistá-lo.

Ao fazerem isso encontraram dinheiro, o RG e outros documentos, as chaves da caminhoneta, da casa do pai e da própria casa. Miro afastou-se um pouco, procurando nas proximidades e logo encontrou o que buscava: o veículo de Anderson. Tentou dar partida e conseguiu, confirmando ser o carro do irmão de Meire.

Os dois marginais, em tumulto mental absoluto, só pensaram numa coisa: fugir dali.

Antes, para dificultar qualquer investigação policial, simularam um assalto, furtaram os documentos de Anderson, que trocaram por outros, relógio, dinheiro e o anel que usava. Colocaram as motos na carroceria, junto com Meire, desmaiada. Foram à praça onde costumavam se encontrar e lá ela foi deixada, ainda inconsciente. Propositadamente rasgaram suas roupas, simulando algum tipo de violência sexual – que, aliás, não tinha acontecido. Deixaram o relógio dela no pulso e um valioso anel de brilhante. Esqueceram-se, também, de que Meire estava ainda com um envelope de cocaína em pó.

Não a revistaram.

Esse o primeiro erro que os enredaria.

O segundo, nem sequer buscaram saber o estado de Anderson, abandonando-o caído, inerte.

O roubo da camioneta e posterior venda a um "desmanche" foram seu terceiro erro.

Um casal de namorados, num canto pouco iluminado, presenciou os dois rapazes abandonarem Meire e logo chamou a Polícia, tendo o cuidado de informar onde ela estava caída, mas afastando-se das proximidades, para evitar envolvimento ou testemunho.

Quando os policiais chegaram e viram Meire semidesfalecida, com as vestes rasgadas e manchas de sangue na nuca, convocaram uma ambulância, que logo chegou e conduziu-a ao pronto-socorro. Lá, recuperando-se em parte, mas mostrando-se em extrema agitação, foi sedada.

Meire despertou na manhã seguinte, com a cabeça doendo muito, tanto pela coronhada que a atingira, mas principalmente pelo mal-estar causado em consequência da droga consumida, em reação com os remédios que lhe foram ministrados.

Pensou em ir embora, mas foi impedida. Em seus pertences, foi encontrada a dose de cocaína e por isso teve que prestar depoimento ao investigador de plantão no pronto-socorro. Após, foi conduzida à Delegacia de Entorpecentes, onde teve que aguardar por várias horas, até ser entrevistada pelo Delegado.

Ao seu lado, inúmeros toxicômanos, a maioria jovem, devidamente escoltados por policiais fardados, diziam impropérios a toda hora, não raro recebendo admoestações, traduzidas, às vezes, por safanões "pedagógicos" de boas maneiras.

Na mente de Meire só havia uma ideia fixa: sair dali, o mais depressa possível. A seu favor, após ser qualificada, sendo identificada a filiação paterna do ilustre industrial, a autoridade policial aplicou o dispositivo legal que comina "pena leve" ao *usuário eventual*.

Já passava da hora do almoço quando Meire chegou à sua casa, conduzida por táxi, em péssimo estado físico e psicológico e com as vestes rasgadas. Sabia, de antemão, que enfrentaria uma saraivada de perguntas, por parte da mãe e do irmão. Assim,

procurou engendrar uma desculpa plausível. Estava lucubrando sobre o que diria quando súbito explodiu na mente a lembrança do irmão.

– "Anderson!", exclamou em pânico crescente.

*"Como pudera esquecer-se dele?"*

*"Também, com tanta confusão à sua volta, nas ideias, com dores, médicos e doentes no pronto-socorro, policiais, viciados e ela no meio deles, na Delegacia... como se concentrar?"*

Assim, justificando-se intimamente, chegou a casa e lá apenas encontrou dois serviçais que se assustaram ao vê-la em tamanho desalinho.

– Onde estão minha mãe e meu irmão?

– Então a senhora não sabe?!

– O quê? Digam-me logo!

– Antes do dia amanhecer o doutor Américo veio aqui e levou sua mãe, para ver seu pai...

– Oh, não! Papai... morreu?

– Não, não, dona Meire, o doutor Américo disse que seu pai ia passar por uma cirurgia e por isso os médicos convocaram-no, por ser médico da família, sugerindo que a dona Luíza também estivesse no hospital antes de iniciar o transplante.

– Transplante?! Então...

O silêncio dos empregados homologou o que quer que Meire estivesse pensando. Após tomar banho, com cuidado para não molhar o curativo na cabeça, colocou uma touca e dirigiu-se célere ao hospital. Levou um susto quando, ao chegar, viu sua mãe amparada pelo doutor Américo.

Luíza, ao ver a filha, quase gritou:

– Onde está seu irmão?

– Mas... eu pensei que ele estava aqui com a senhora...

– Não, não está, como você pode ver. Será que você consegue ver e pensar em alguma coisa que não seja a maldita droga?

– Anderson esteve comigo... ontem à noite...

– Pois é, deve ter ido para a casa dele, pois passou a tarde toda na nossa empresa, segundo me informei. Ele precisa saber que o pai está sendo operado.

– Então... o papai... o que os médicos estão fazendo?

– Seu pai – adiantou o doutor Américo – ganhou a sorte grande, pois surgiu um doador ideal.

– Então ele está recebendo outro coração?

– Isso mesmo. Graças a Deus!

– Quem foi o doador?

Luíza retomou:

– Um rapaz que morreu ontem e por ser doador voluntário, segundo seu documento de identidade, acabou beneficiando mais pessoas, pois os médicos aproveitaram também os rins, pulmões e fígado.

– Pobre rapaz, que Deus o Abençoe!

Nesse momento, o doutor Renato veio até eles e, sorridente, tranquilizou-os:

– Nosso Ari está de coração novo e logo estará tão ativo quanto antes, ou talvez até mais.

Luíza e Meire começaram a chorar, sendo carinhosamente abraçadas pelo cirurgião. Américo congratulou:

– Parabéns, doutor Renato! Admiro-o cada vez mais.

Incapaz de disfarçar o sempre presente zelo médico dos dedicados profissionais da Medicina, questionou, com respeito:

– Como foi a cirurgia?

Também com zelo profissional, Renato foi pragmático:

– Tudo transcorreu dentro do programado. Sugiro que os familiares descansem um pouco, pois só mesmo amanhã é que poderão fazer uma rápida visitinha ao Ari, que deverá permanecer algum tempo na UTI.

Chegando a casa, Luíza ficou sabendo que Anderson não havia se comunicado e nem o telefone da sua casa atendia às chamadas. Marcelo, o motorista, foi até lá e encontrou a casa fechada. Foi procurar a companheira de Anderson, mas ficou

sabendo que viajara, há dias, desde que o pai de Ari fora hospitalizado.

Meire, constrangida e abalada pelas desencontradas e violentas emoções das últimas vinte e quatro horas, acrescidas do desespero que tomou conta da mãe, não conseguiu esconder mais o que sabia e desabafou:

– Mãe, não quero que você me condene, mas preciso contar-lhe uma coisa...

– E o que é que está esperando? Eu chegar aos 90 anos?

– É por isso que quase não converso com você. Procuo me comunicar "numa boa", em paz, mas logo vem uma pedrada... desse jeito não dá...

– O que é isso agora? Virou santa? Desde quando sou obrigada a aturar seus despautérios, nessa coisa horrível das drogas?

– Está vendo? Está vendo só? Quero contar uma coisa importante, mas imagino que se pudesse você até mandaria me enforcar...

Com ar zombeteiro repreendeu a mãe:

– E desde quando *a senhora* se julga grande dama para ficar usando palavras difíceis, como esse tal de *despautérios*, que imagino deva significar desequilíbrios? Deixe disso, mãe, sou sua filha... você não está naquelas horríveis reuniões programadas por você mesma, cheias de fã e vazias de ...

– Cale a boca! Não admito esse tom!

– Tudo bem... depois não se queixe que eu não falei...

Luíza agarrou a filha, agora dando vazão à sobrecarga emocional que vinha acumulando. Sacudindo Meire com força, intuindo que algo grave havia a ser narrado, exigiu:

– Ou você fala agora o que queria me contar ou então vai embora dessa casa... e não volta nunca mais.

É sempre gravíssimo o instante num lar em que um pai ou uma mãe, ou os dois, expulsam um filho, ou ameaça-o de expulsão.

Não há como excluir do contexto forte assessoria espiritual negativa, provocando, não raro, germinação de tristes processos obsessivos, de graves consequências futuras. No caso da família de Ari, há tempos sem união fraternal, aqueles poderiam ser os momentos de refazimento, de reconstrução, ou então, de esboroamento completo, praticamente perdendo, os quatro, a sublime chance que a presente existência e a providencial doença de Ari lhes ofertavam para eliminar arestas.

O Espírito Abdiel, guardião daquele lar, por voluntária missão que o Plano Maior autorizara, podendo prever muitas das infelicidades que um rompimento naquele momento traria para todos, agiu com fé, do fundo da alma suplicou a Jesus que intercedesse, não permitindo que influências destrutivas imperassem. Em instantes, atendendo à sentida prece do fiel servidor, ocorreu àquele lar uma equipe de espíritos socorristas, aureolados de luzes que pareciam despejar fragrâncias luminosas. Com calma e gratidão, Abdiel viu que inúmeros malfeitores do plano invisível saíram em desorientada carreira. Os mensageiros rodearam Luíza e Meire e também em preces, conseguiram transferir para ambas as vibrações luminosas que lhes sensibilizaram a alma.

Com efeito, mãe e filha, de início olhando-se com espanto tal como se nunca se houvessem visto, mas logo abrandando a dureza da fisionomia, atiraram-se uma à outra, num abraço reconciliador.

Meire balbuciou:

– É sobre o Anderson...

– Pelo amor de Deus, minha filha, diga logo!

– Estive com ele ontem à noite... nos encontramos por acaso, lá nas proximidades do estádio municipal de futebol.

– O que vocês faziam lá?

Mentiu:

– Eu tinha um encontro com um namorado, na praça em frente ao estádio de futebol... Quando estava na Praça do Jardim Botânico aguardando condução, o Anderson me viu e me deu uma carona, levando-me até lá...

– E daí? E daí?

– Assim que chegamos e eu desci do carro dele fomos assaltados...

– Como?! O que aconteceu?!

– O Anderson me defendeu, pois os bandidos tentaram me injuriar... aí, os malvados atiraram nele e eu briguei com eles, mas me bateram na cabeça e eu desmaiei. Acordei no Pronto-Socorro municipal, onde passei a noite.

Tirou a touca e mostrou o curativo. Luíza nem sequer quis saber disso:

– O meu filho... onde está? Feriu-se muito? Diga-me, pelo amor de Deus!

– Não sei, mãe... não sei...

– Mas onde você o deixou?

– Semi-inconsciente, pude ver que os bandidos me levaram para uma praça, longe do local do assalto e me jogaram lá. Comecei a gemer o mais alto que podia e alguém me achou, chamou a polícia e fui levada para ser socorrida.

– E o seu irmão, o que fizeram com ele? Ninguém o socorreu?

– Não sei... Não sei...

Sobressaltada e em desespero, Luíza telefonou para a polícia e após identificar-se narrou o acontecido com seus filhos. O policial que a atendeu prometeu diligenciar nos arquivos das últimas horas e informar tão logo averiguasse o paradeiro de Anderson.

Poucos minutos transcorreram e o telefone tocou.

Luíza atendeu de um salto:

– Dona Luíza? Aqui é o delegado Lopes. Nenhuma ocorrência foi registrada nas últimas 24 horas com seu filho.

– Mas como é que ele não veio nem aqui em casa, nem onde mora? Minha filha disse que ele levou um tiro...

– A senhora poderia adiantar-me mais alguma informação sobre a ocorrência?

– Que tipo de informação? Minha filha estava com ele...

– Por favor, precisamos saber a que horas eles foram atacados e o local exato.

– Minha filha está aqui ao lado e vou perguntar para ela.

Trêmula, em desespero crescente, Luíza indagou à filha:

– A polícia quer saber o endereço exato onde vocês foram atacados e que horas eram...

– Deixe-me falar.

Tomando o telefone da mãe, Meire identificou-se e disse:

– Aqui quem fala é Meire, a filha. Eu e meu irmão fomos atacados ontem lá para os lados do estádio municipal de futebol, longe da praça onde fui socorrida, isso por volta das dezenove horas. Levei uma coronhada na cabeça, fiquei quase desmaiada e passei a noite no pronto-socorro e por isso não posso precisar o que aconteceu depois.

– E os assaltantes? Como eram? Como foram até lá?

– Ambos, jovens, de motocicleta.

– Responda-me, por favor, o que a senhorita fazia lá nas proximidades do estádio de futebol, àquela hora e como chegou até aquele local?

– Meu irmão levou-me, pois me viu num ponto de ônibus e eu disse a ele que tinha um encontro...

– Com quem a senhorita ia se encontrar?

– Com um namorado...

– Diga-me agora mesmo o nome dele e onde poderei encontrá-lo, para confirmar sua informação, pois é muito estranho que em vez do namorado a senhorita tenha encontrado dois assaltantes.

Meire atrapalhou-se, depois lembrou que fora socorrida e que havia sido lavrado um "BO" (boletim de ocorrência policial) e que não adiantava querer mentir. Respondeu:

– Os dois assaltantes me prometeram que quando chegássemos lá no estádio de futebol me dariam uma pequena dose...



– Então a senhorita já os conhecia e foram eles que a levaram, não é mesmo?

Impossível desmentir:

– Sim... de longe em longe eles me fornecem uma dose fraca...

– Poderia identificá-los?

– Nem pensar! Se fizer isso, logo estarei morta, pois eles sempre me ameaçam quanto a qualquer palavra que eu diga para comprometê-los...

– Mas, nem mesmo em se tratando do seu irmão a senhorita não está disposta a colaborar com a Polícia?

– Estou confusa... é melhor o senhor trabalhar sozinho.

– Nenhum outro detalhe?

– Mais um, meu irmão chegou de surpresa e viu-os querendo abusar de mim. Aliás, não sei o que deu na cabeça deles, nunca tinham procedido assim. Aí, a briga começou e quando o Anderson estava batendo nos dois, um deles deu um tiro nele...

– Qual dos dois?

– Miro...

– Uma última pergunta... onde a senhorita e os dois homens se encontraram antes de irem para as proximidades do estádio?

– Na Praça do Jardim Botânico. Dessa vez levaram-me até o estádio, com certeza porque já tinham premeditado abusar de mim.

– E... conseguiram abusar?

– Não. Meu irmão não deixou.

– Obrigado pela colaboração. Diga à dona Luíza que vou proceder a novas diligências e que aguarde notícias a qualquer momento. Até logo.

Duas horas depois Lopes retornou, ao telefone:

– Dona Luíza, gostaria que a senhora viesse até aqui...

– Por quê? Por quê? Meu filho?

– Aqui conversaremos. Estou aguardando-a.

Chegando à delegacia, em menos de meia hora, o delegado Lopes cautelosamente anunciou:

– Dentre várias ocorrências da noite, houve uma nas proximidades do estádio de futebol que talvez se enquadre na "nossa busca"...

– O que aconteceu?

– Não temos certeza... são apenas suspeitas... mas a senhora compreende, nós, da Polícia, não podemos desprezar nenhuma pista...

– Sim, sim, por favor, diga logo!

– Houve um crime ontem à noite... assassinato de um jovem de mais ou menos vinte e um anos. Junto da vítima foi encontrada a cédula de identidade, Wenelau Paul Sáenz.

– Mas o que meu filho tem a ver com isso?

O delegado fez terrível silêncio.

Com o tino altamente desenvolvido, pela longa experiência profissional, juntando o que sabia com o que precisava saber, fez uma melindrosa sugestão:

– Não quero constrangê-la e menos ainda assustá-la, mas é preciso que sejam averiguadas todas as hipóteses, mesmo as mais terríveis, do contrário não conseguiremos avançar nas averiguações. Tenho uma levíssima suspeita, que só a senhora poderá desvendar de pronto. Do contrário, sem sua ajuda, poderei diligenciar e chegar às mesmas conclusões, só que de forma muito mais demorada.

– O que o senhor quer que eu faça?

– O reconhecimento do jovem que morreu assassinado...

– Meu Deus! Será possível?

– Só saberemos se a senhora puder eliminar qualquer suspeita de que não se tratar do seu filho. Aí, prosseguiremos nas buscas.

– Mas... por que o senhor pensa que o jovem que morreu, de nome W. P. Sáenz, pode ser o Anderson?

– Na verdade, não estou pensando isso. Acontece que a vítima levou um tiro no rosto, que lhe desfigurou parte da

fisionomia. Mas minha suspeita prende-se, principalmente, no fato de que o jovem que morreu teve todos os seus bens roubados, menos a identidade. Por quê? Localizamos a ficha policial dele e ficamos sabendo que era viciado. Parece que o criminoso, ou criminosos, propositadamente deixaram o documento, para logo a polícia descobrir que se tratava de um toxicômano... assim, o crime provavelmente seria tido como acerto de conta entre traficantes e viciado, sendo muitos os suspeitos, dificultando a ação investigadora da Polícia.

– Quando o senhor quer que eu...

– Agora mesmo! Vamos ao IML (Instituto Médico Legal)?

– Por favor, siga à frente em seu carro, que irei no meu, pois estou com motorista. Antes, vou pedir ao nosso médico da família que me encontre lá no Instituto, está bem?

– Nenhum problema. Imagino até que será de utilidade.

## 9 Estrelas falsas

Luíza, nos últimos dias, vinha passando por sucessivas experiências dolorosas, tal como se caísse de uma alta escada, dessas cavadas na pedra, com dezenas de degraus. A cada degrau, novo baque.

Dirigindo-se ao IML, pensava, com revolta:

*– Eu, "a mulher mais bela dentre todas", como bem comprovam os colunistas sociais, eu, que até então vivi para expor-me como joia raríssima nos ambientes sofisticados que me abrem as portas, eu, a mulher que deslumbro aos homens, como é que estou capturada nesse cruel redemoinho existencial?*

Com a mente nublada, não se dava conta de que, na verdade, era mesmo uma mulher belíssima, mas até ali pouco fora esposa, menos ainda mãe. Sim, o marido, que nunca fora sua razão de ser, mas apenas o sustentáculo financeiro dos atos que sua vaidade exagerada comandava, agora estava internado e em estado delicado; quanto aos filhos, Anderson, a única criatura à qual vez por outra dispensava sentimentos de amor – maternal, no caso –, estava desaparecido; e Meire, finalmente, a filha rebelde e desmiolada, ainda por cima toxicômana, evadira-se da clínica de recuperação e não dava sinais de qualquer arrependimento; a demonstração de carinho de há pouco, com certeza era mais à conta da culpa pelo transtorno causado ao irmão... pois até seu cartão de banco a filha surrupiara e descontara algum dinheiro.

Sem refletir nessas nuances de seu equivocados viver, seguia pensando, antes de chegar ao IML:

*– Triste sina, esta que abruptamente me enrodilhou em acontecimentos funestos. Mal posso acreditar que eu, a rainha das passarelas sociais, vejo-me neste instante obrigada a tamanho desplante: reconhecer cadáveres.*

Não se lembrou de Deus em nenhum momento dessa tormentosa escalada de más surpresas e piores momentos, ou melhor, dessas quedas sucessivas.

O seu "céu" era o somatório dos ambientes sofisticados, nos quais os "flashes" dos cinegrafistas e as baboseiras dos comentaristas sociais eram as estrelas. Equivocado céu.

Mas, em tal "céu", só havia um sol, ela. Sol esse que, paradoxalmente, brilhava mais nas noites suntuosas e de deslumbrantes ajuntamentos de frivolidades, onde as multiplicadas horas que se escoavam, multiplicavam também as iniquidades que aumentavam a dimensão do vazio existencial de quantos ali se reuniam.

Nessas oportunidades, em se aproximando o alvorecer, o "sol Luíza" se retirava, talvez como se estivesse, inconscientemente, concedendo espaço à sublime, incomparável e maravilhosa bênção divina, o Sol.

Agora, tendo que suportar o calor escaldante da tarde que já ia terminando, a mente fervilhava, pois não encontrava onde apoiar a razão para descansar a mente das ideias em tumulto. Seus pensamentos, fundamentados em revolta, não lhe concediam mesmo alívio espiritual naquele vendaval de hipóteses cruéis que a realidade escancarava à sua frente.

Se o passado fora de glória e luzes, o presente estava sendo amargo e o futuro só projetava sombras e incertezas.

E pensar que um único pensamento dirigido a Deus, com sinceridade d'alma lhe daria o oásis espiritual da paz.

Aguardando na sala de espera do IML, enquanto o delegado providenciava o reconhecimento, Luíza mal conseguia acreditar que "sua beleza" estivesse naquela lúgubre e fantasmagórica repartição pública, tão diferente das "passarelas da vida" nas quais desfilava.

Doutor Américo, que já chegara, procurava incutir-lhe ânimo.

Foi com alívio que recebeu a informação de que ali não havia nenhum corpo com as características do Anderson.

Durou pouco, porém, sua alegria, quando Lopes aduziu:

– O jovem assassinado ontem à noite era doador de órgãos e por isso, cumpridas aqui as exigências legais, foi rapidamente levado para a Central de Transplantes, para que as diversas equipes médicas o examinassem e decidissem pelo aproveitamento dos órgãos possíveis em vários transplantes.

Luíza olhava o delegado, imobilizada.

Não conseguia pronunciar palavra.

Doutor Américo precisou ir atender a um chamado de um cliente.

– Se a senhora quiser – sugeriu Lopes –, poderemos ir até a Central de Transplantes para colher mais informações.

Luíza só conseguiu mover a cabeça, concordando.

No deslocamento para a Central, agora que a noite chegara, e com ela o céu se enfeitara de estrelas, nem a suave brisa que a afagava conseguia despertar-lhe na alma sentimentos outros, que não os de desespero, alimentando revolta crescente contra o destino e a vida.

Seus pensamentos:

*"Que mal fiz ao mundo para ele me tratar assim? Se existe justiça na Terra, ninguém vê meu sofrimento? Tenho direito a tantas alegrias... por que o destino só me oferta frutos amargos?"*

Chegando na Central de Transplantes do Estado, Luíza teve que aguardar por uma hora. Ligou para sua casa e ficou sabendo que até aquela hora não havia nenhuma notícia do filho. Pelo telefone celular pediu ao doutor Américo que fosse naquela hora mesmo para a Central de Transplantes, para auxiliá-la em tão pungente situação. Por esse telefonema o doutor Américo informou-a que há pouco soubera que Ari ainda estava inconsciente, por efeito da anestesia, mas que os aparelhos monitoradores da UTI indicavam quadro estável, isto é, o transplante não apresentara nenhuma complicação.

Poucos instantes depois, o doutor Américo chegou.

Lopes havia ido procurar a equipe responsável pelo aproveitamento dos órgãos do corpo do doador Wenelau Paul Sáenz, sendo então informado que o corpo só poderia ser liberado bem mais tarde, pois os patologistas ainda precisavam concluir alguns procedimentos. Insistindo e justificando seu pedido, conseguiu que a equipe médica liberasse o exame visual de reconhecimento por parte de Luíza.

Os médicos deram a autorização por estarem cientes de que o doador se chamava Wenelau Paul Sáenz. Imaginaram que logo seria desfeita a suspeita da mulher que buscava o filho desaparecido, chamado Anderson.

Enquanto aguardava Lopes retornar das dependências interiores, Luíza falou ao doutor Américo:

– Peço ao senhor que vá fazer o exame do tal cadáver, pois não me sinto disposta a passar por tão constrangedora situação.

– Mas, dona Luíza, acho melhor irmos juntos.

– Para quê? Para ver um defunto? Não estou gostando desse delegado me obrigar a tais despropósitos.

– Acontece que o caso é gravíssimo... seu filho está desaparecido e a polícia só está tentando ajudar.

Nesse momento o delegado aproximou-se e convidou:

– A senhora está pronta para me acompanhar? Se quiser e puder, "vamos" agora mesmo proceder ao reconhecimento.

Não houve como Luíza recusar.

• • •

Quando Meire estava sendo atacada pelos dois marginais e Anderson interveio, estabelecendo-se a briga, ao ser atingido pelo tiro, este foi fatal.

Os criminosos não pensaram em mais nada, retiraram o anel e o relógio de Anderson, abandonando-o. Antes, deixaram no bolso da camisa dele um documento de identidade com o nome de Wenelau Paul Sáenz, que tinham tomado de um jovem viciado,

devedor de muito dinheiro, para devolvê-lo só quando recebessem a dívida.

Wenelau Paul Sáenz, segundo sua identidade, era doador voluntário de todos os órgãos.

Após localizarem a camioneta, colocaram Meire e as motos na carroceria e foram para a praça, onde deixaram a jovem, ainda desmaiada e sangrando. Levaram o veículo para uma oficina distante da praça e de onde houve a briga com Anderson. Dispostos a obter algum lucro, venderam o carro a preço vil para um "comprador de veículos usados", que na verdade, quase que só comprava carros roubados, por valores ínfimos. Tais veículos logo eram desmontados e as peças revendidas para oficinas conhecidas, sem registro oficial.

Não tardou para Anderson ser achado, pois naquele local muitos eram os casais que namoravam. Quem o encontrou avisou a polícia, num telefonema anônimo. Antes que transcorresse uma hora do momento da briga, já o corpo era levado diretamente para o atendimento de emergência do Hospital Municipal.

O investigador policial de plantão no hospital anotou os dados fornecidos pela equipe médica da ambulância. O Boletim de Ocorrência só seria lavrado na Delegacia no dia seguinte, no início do expediente matinal.

O médico plantonista que atendeu Anderson verificou que ele praticamente já estava no estágio terminal, tecnicamente denominado "paciente com morte encefálica", ou "com morte cerebral". Isso significava que não mais se recuperaria e que o desenlace integral poderia ocorrer dentro de alguns instantes ou em poucas horas.

Baseando-se apenas na informação policial, quanto aos documentos de identidade do paciente, o médico solicitou à chefe da enfermaria que informasse ao Centro de Captação de Órgãos, quanto à existência ali de um doador em potencial de múltiplos órgãos. De fato, esse médico era amigo do doutor Renato, que lhe telefonara durante o dia, solicitando empenho de encaminhamento,



caso surgisse algum doador, para atender Ari, cujo quadro entrara na fase crítica de sobrevida.

A partir daí, Anderson foi transferido para o Centro de Captação, onde foi examinado por junta legal, composta de um neurologista e mais dois médicos, com a finalidade de comprovar a morte cerebral.

Confirmado tal diagnóstico, após o prazo legal de seis horas e cientes de que ali estava um doador voluntário, enquanto convocava as diversas equipes médicas para aproveitamento dos órgãos, cada uma dentro da sua especialidade, a junta médica, mais por ética do que por conduta legal, solicitou apoio policial para contato urgente com familiares. Isso porque, sendo doador declarado, pela lei dos transplantes não havia essa exigência legal. Contudo, àquela hora da madrugada – perto das três horas –, o máximo que os policiais conseguiram foi localizar um tio da vítima, internado num hospital com cirrose hepática. Diante dos policiais, esse tio, ao ser acordado e à vista da identidade que lhe foi exibida, sem demonstrar a mínima emoção ante o falecimento do sobrinho, aborrecido até, informou que o morto era órfão de pai e mãe e que, como responsável por ele, já desistira de colocá-lo no bom caminho. Declarando que o sobrinho "era um perdido", consolou-se dizendo que agora, "pelo menos, na morte, talvez servisse para alguma coisa".

A concordância, assim, era tácita. Então assinou termo de concordância com o eventual aproveitamento de órgãos do sobrinho.

Cumpridas as demais formalidades da lei, ao fim da madrugada alguns dos órgãos aproveitáveis do jovem Wenelau Paul Sáenz já estavam sendo conduzidos aos centros cirúrgicos nos quais angustiados receptores aguardavam a vez de serem contemplados com tal bênção.

Em nenhum momento os profissionais da saúde das equipes receptoras duvidaram da identidade do doador, até porque, diante

das informações policiais, a ninguém também passou a ideia de que ali houvesse qualquer engano, menos ainda fraude.

Culminando os fatores coincidentes que levaram todos os que participaram do atendimento a Anderson a se sentirem seguros dos procedimentos, a identidade trocada exibia foto de um jovem, cujo biótipo, sinais característicos, tipo sanguíneo e fator RH eram os mesmos.

Quanto aos traços fisionômicos, o tiro na face inviabilizara em parte a identificação.

Naturalmente, o coração foi o primeiro órgão a ser aproveitado para o transplante. Após rigorosos exames e testes, sendo comprovada a excelente adequação e compatibilidade, foi destinado a Ari.

Não que ele fosse o primeiro paciente da lista de espera, mas sim aquele doente cuja ficha médica a que apresentava maior compatibilidade.

Contudo, para tal decisão, dois foram os fatores determinantes:

1º - seu estado gravíssimo;

2º - a proximidade (mesma cidade) entre doador e receptor, pois os doentes que encabeçavam a lista, eram de cidades distantes, tornando impraticável que àquela hora da noite, houvesse a possibilidade de serem atendidos, não só pela falta de equipe cirúrgica especializada onde se encontravam, como também pelo prazo máximo viável para utilização do órgão, 6 horas; aliás, chegou ser feito contato com dois desses pacientes, mas as respectivas equipes médicas que poderiam atendê-los só teriam condições de se reunir na tarde daquele dia, inviabilizando assim o transplante cardíaco.

Determinante da decisão de destinar o coração para Ari foi o fato, definitivo, de que todas as condições de peso, altura, idade, tipo de sangue e fator RH indicavam-no como o receptor mais compatível.

A ninguém, escapem os meandros percorridos pela Justiça Divina, em todos os acontecimentos, humanos ou espirituais, às vezes julgados os mais díspares, mais estranhos, mais inconcebíveis. Para Deus – Onipotente, Onisciente, Onipresente, Justiça Infalível, Amor Integral e Inteligência Suprema –, não existe o "acaso". *Acaso* é uma palavra que Espíritos tutelares, racional e logicamente, eliminaram por completo do vocabulário cristão, quando consubstanciaram os informes sublimes que possibilitaram a Allan Kardec codificar o Espiritismo – o Cristianismo Redivivo.

Demonstrando e exemplificando caridade, tais Instrutores Siderais, se subtraíram do dia a dia o "acaso" e, por extensão "sorte" ou "azar", em seu lugar implantaram o entendimento da irrevogável justíssima e perfeita Lei Divina de Ação e Reação.

Jesus, Mestre dos mestres, lecionou: "A cada um segundo suas obras".

De tempos imemoriais visita algumas almas a sugestiva e veraz concepção do *carma*, traduzida, ampliada e explicitada pelo Espiritismo sob a noção de "causa e efeito", por vezes cognominada de "choque de retorno" (o que, em substância, sem alterar o princípio filosófico de tal concepção, apenas amplia seu conteúdo). Traduzindo, em termos espirituais, podemos apreciar que tudo aquilo que é produzido por um Espírito – desde pensamentos a ações físicas –, bem como por todos os Espíritos no Universo todo, torna-se geratriz de consequências.

Aliás, ao tratarmos de *ação e reação*, encontramos na própria Física fundamento similar, pela "lei do atrito", presente em todos os movimentos de corpos sólidos, em maior ou menor grau, sendo praticamente inexistente o "grau zero".

Assim, se a primeira proposição é de ordem moral, a segunda é de ordem terrena. Mas, em essência, não diferem entre si, toda ação gera uma reação.

"Ação e reação". Nada mais justo.

Todas as mazelas, dores, angústias, aflições e dúvidas, quando iluminadas pelas luzes dessa Lei Universal, agasalham-se na lógica que gera entendimento, que gera resignação.

Por isso, não pergunte aos céus "por que" você sofre?

Pergunte ao seu guardião espiritual, qual a melhor forma de administrar o abençoado sofrimento de agora. Deixe que a resposta daquele sempre presente amigo tutelar seja ouvida pelos ouvidos infalíveis da sua consciência. Ele certamente o amparará, falando à sua alma sobre o Amor do Pai, falando de Jesus – o "bom pastor" –, ajudando-o a robustecer a fé, bendito analgésico, o mais eficiente para os sofrimentos físicos e, máxime, morais. Mente a mente, ele (seu anjo guardião) lhe dirá da infinita misericórdia divina que, ao engendrar a Vida, nos abençoou com a inteligência, a consciência e a liberdade de agir.

Dirá mais, que fomos criados perfeitos por Deus e partindo do nadir da "simplicidade e da ignorância", rumaríamos de forma inexorável para o zênite da evolução espiritual – a luz da alma, qual Sol a iluminar nossos espaços, repartindo tais claridades com caminheiros que venham atrás.

E mais, se esse caminhar demandar tempos sobre tempos, outra bênção Deus nos deu: a imortalidade. Diante dela, todos os fatos, acontecimentos e projetos, bons ou maus, ocorridos sob nossa custódia, a nós retornarão, em forma de consequência. No deambular dos séculos – filhos decimais dos milênios –, a grande peneira das reencarnações irá expondo à claridade solar o Bem, que sobrevive, e o mal, que se esvai, em cada um de nós, no fluxo depurativo das vidas sucessivas.

Cada minuto de sofrimento é um grão que essa bateia deixa passar, tanto quanto cada boa ação é um brilhante que fica exposto na superfície para sempre. Quando cada um dos minúsculos vãos desta bateia estiverem ocupados, aí não caberá mais sofrimento e será tempo de passar para outra peneira, ainda mais rigorosa, de brilhantes também ainda mais brilhantes.

Por tudo isso, difícil, mas proveitoso, abençoe a dor.

Ela não é sua inimiga.

É, simplesmente, a credora compassiva que o visita quando seu saldo moral pode quitar antigos débitos, muitos deles contraídos em longínquas vidas, mas no presente acumulados na ganga dos nossos descaminhos.

E se você define com certeza plena que em sua trilha de angústias só encontra o "destino cruel e inexorável", travestido de cobrador implacável, ainda assim eleve o pensamento a Deus, isento de revolta. É que, por vezes, somos tão endurecidos de alma, tão embrutecidos no pensar e agir, que nem sequer percebemos os descaminhos que palmilhamos, conducentes ao abismo profundo que seria infinito se, em boa hora, a dor, inevitável e abrupta, não interrompesse nossa queda livre, qual providencial rede de segurança para afoitos, quão infelizes acrobatas.

Ainda aí, a Caridade de Deus.

## 10 Cama de mármore verde

Acompanhada do doutor Américo e do delegado Lopes, Luíza transpôs a porta que dava acesso ao interior da sala de patologia. Sem que olhos humanos atestassem, ela, ignorando-o, foi envolvida por uma capa de luz vinda do plano espiritual, qual se fosse agasalhada de forma conveniente para adentrar numa câmara frigorífica com temperatura negativa.

Ninguém viu essa proteção.

Mas Luíza sentiu um fortíssimo arrepio percorrer-lhe de alto a baixo. Atribuiu tão estranha sensação à lugubridade do ambiente em que se achava, o que lhe causava enorme desconforto.

Vários médicos cruzaram com os três, expondo faina intensa.

Lopes, à frente, indicou-lhes uma outra porta, que abriu e manteve aberta, até Luíza e Américo adentrarem.

Luíza, com o que viu, sentiu-se mal, sobre uma mesa de mármore, coberto com lençol azul claro, jazia alguém. Uma etiqueta, presa ao dedo do pé, indicava: "Wenelau Paul Sáenz".

Lopes, cauteloso, olhou-a demoradamente, como se estivesse dialogando com ela, assim como se perguntasse se queria continuar ou desistir.

O delegado, em gestos seguros, agora desviou o olhar para o doutor Américo, fazendo, mentalmente, idêntica interrogação.

Com leve aceno, Américo confirmou para prosseguir.

Voltou a olhar para Luíza, esta, já agora, perdendo por completo a capacidade de decidir, trazendo vidrados os olhos, qual se estivesse sob hipnose.

Ele levantou a ponta do lençol, descobrindo o rosto, do lado contrário ao do ferimento. Teve o cuidado extremo para não expor o restante do corpo sobre o mármore.

Luíza, na menor fração de tempo que seja possível imaginar-se, talvez um milhão de vezes mais rápida do que um segundo, reconheceu-o, ali jazia seu filho.

– Anderson... Anderson... Anderson...

Imobilizando os gestos e o próprio tempo, murmurou:

– Que lindo está meu filho, ainda bem que no nosso mármore verde.

De fato, a mesa sobre a qual estava o corpo, era de mármore.

Estática, olhos empedrados num brilho estranho, mente em absoluta incapacidade de raciocinar, nem sequer conseguia respirar. O coração, em defesa, acelerou os batimentos, imprimindo pressão no trajeto da circulação sanguínea, pois a oxigenação cerebral mostrou-se em risco de acidente.

Nela, a sobrecarga geral de adrenalina evitou colapso.

Não tivesse proteção espiritual, teria enlouquecido, no ato.

Impossível qualquer raciocínio.

Américo, qual pai, amparou-a. Compreendeu que Luíza mergulhara nas profundezas do nada, agasalhando-se numa verdadeira síndrome psicológica de fuga da realidade.

Lopes, de pronto, captou a extensão daquele drama.

Auxiliado pelo delegado, Américo conduziu Luíza à residência, onde chegou em prostração total.

Após receber cuidados médicos do doutor Américo, permaneceria por várias horas em sonoterapia, de forma que o organismo reagisse à brutal realidade.

Quando Meire soube que Anderson estava morto, ela sim, viu-se tomada de crise convulsiva, com desarranjo mental, incapaz de coordenar as ideias. Ora gritando, alucinada, ora proferindo sinistros sons cavernosos, ora gesticulando qual ave de rapina em combate contra inimigos invisíveis, arranhava agressivamente o vazio.

Não era o vazio.

Ali estavam espíritos infelizes, mas que, embora não fossem vistos por ela, de alguma forma registrava-lhes a presença, inconveniente. Eram infelizes, sim, mas não tão infelizes como mãe e filha, ambas à beira da insanidade mental. Tais espíritos, de qualquer forma, eram partícipes daquele desarranjo moral, prontos para usufruírem, vampirescamente, das energias destrambelhadas que se soltavam da aura de ambas.

Doutor Américo, cujo coração batia mais forte sempre que se aproximava de Meire, ao vê-la naquele triste estado, acercou-se dela e de forma amiga, carinhosa mesmo, buscou ampará-la.

Dizendo-lhe palavras de encorajamento, medicou-a igualmente com soníferos.

A seguir, junto com Lopes, retirou-se.

Do lado de fora da residência, olhavam-se, mudos.

Lopes quebrou o silêncio:

– Você captou a extensão dessa tragédia?

– Sim. Sim...

– Por que Luíza não atinou com o fato?

– Entrou em vazio existencial, no mesmo instante que viu o corpo do filho. E isso foi bom, pois do contrário, poderia sofrer um choque fatal. Mas amanhã, quando despertar, nem quero pensar no que poderá suceder à sua saúde, física e mental.

De lá foram à presença do doutor Renato, a quem participaram o ocorrido. Homem acostumado a emoções fortes, tanto oriundas de seus pacientes, muitos deles terminais, quanto dos familiares, o cirurgião abalou-se:

– Meu Deus! Como é que isso foi acontecer?

Refazendo-se, recomendou que Ari não fosse informado que trazia no peito o coração do filho. Pelo menos por enquanto, essa notícia teria que lhe ser ocultada. Certo, teria que saber, mas não agora.

Procedendo a interrogatórios seguidos, primeiro junto ao doutor Américo, a seguir com os serviçais da casa de Ari, e



principalmente junto a Marcelo, o motorista, não foi difícil ao delegado Lopes levantar um esboço dos acontecimentos. Como ponto fundamental de partida para as investigações, apoiou-se no fato de Meire ser toxicômana.

Sabendo que criminosos, em geral, não praticam o crime só uma vez, repetindo-o, e quase sempre, empregando o mesmo "*modus operandi*" (maneira de proceder), foi verificar os arquivos policiais, na parte dos usuários eventuais – aqueles pilhados em flagrante, consumindo drogas. De forma específica, procurou algum depoimento citando "dois fornecedores, de motocicleta". Não demorou e, de fato, logo encontrou vários "BO" (boletins de ocorrência, policiais), em que essa característica era citada.

Sabendo também que traficantes agem em "territórios próprios", sem dificuldade localizou a região na qual "dois motociclistas forneciam drogas a clientes". Ao assinalar no mapa da cidade essa região, com certeza crescente de estar agindo no rumo certo, verificou que ali se localizava a praça onde Meire foi encontrada.

Foi até lá.

Prometendo sigilo absoluto, logo foi informado por pessoas dali que realmente aquele logradouro público vinha sendo utilizado por viciados e, por consequência, volta e meia ali circulavam seus fornecedores.

– Duas motocicletas juntas, entregando pequenos volumes para alguém, talvez envelopes, você nunca viu, por aqui?

Muitos responderam negativamente.

Até que um vigilante noturno, com destemor, ajudou:

– Vejo, sim, doutor, são dois rapazes, um muito forte, sempre estão com blusão, imagino que para ocultar alguma arma.

– E quando é que eles vêm aqui?

– Não tem hora marcada, mas geralmente, quando escurece.

– Quem compra a mercadoria deles?

– São sempre os mesmos.

– Só homens, ou mulheres também?

- Mulheres, menos.
- Você conhece esta jovem?

Ao ver a foto de Meire, que Lopes exibiu-lhe, o vigilante vacilou:

– Pode ser... pode ser...

– Vamos fazer o seguinte, você me ajuda e eu arranjo-lhe um emprego longe daqui, pois não será bom permanecer nessa área, depois que eu prendê-los. Desconfiarão de todos e mais de você, então todo cuidado talvez seja insuficiente para evitar vingança.

– O doutor tem razão, se estou contando essas coisas é porque tenho um filho que se perdeu na maldita droga.

– Sinto muito... quando terminar essa investigação, prometo que vou tentar ajudar seu filho...

– O senhor pode ajudar desde agora...

– ?!

– Reze por ele. Está morto. De "overdose".

Lágrimas sentidas, ardentes, falaram alto da dor daquele pai. Lopes abraçou-o, comovido. Ofertou:

– Vou ajudar seu filho, sim, em minhas preces diárias, vou pedir a Jesus que o oriente e encaminhe para a paz.

Com os olhos marejados, o vigilante anuiu:

– Obrigado, doutor. A moça da foto, há tempos, pega droga com os dois.

– Tem certeza?

– Absoluta. Esteve uns tempos desaparecida, mas de alguns dias, voltou a frequentar esta praça.

– Então você sabe que ela foi encontrada aqui mesmo com um ferimento na cabeça...

– Sei. Todo mundo por aqui sabe. Mas ninguém irá dizer nada, com medo de represálias. Eu até que compreendo.

Fazendo pausa, durante a qual olhou firme para o delegado, o vigilante parecia que estava testando a sinceridade do policial.

Deve ter intuído positivamente, pois, forneceu a mais importante de todas as informações:

– Tem uma coisa que o senhor não perguntou, mas creio que é importante. Quando ela foi deixada aqui, num canto escuro, de fato ninguém viu quem foi, mas...

– Não tenha receio, pode me contar.

– Não tenho certeza, o fato é que, naquela noite, pouco antes da moça ser encontrada, os tais dois motociclistas passaram por mim, numa camioneta de luxo, com duas motos na carroceria. Achei muito estranho aquilo. Eles sempre andaram de moto.

– Obrigado! Você ajudou bastante. Aqui está meu cartão pessoal e espero-o na Delegacia para tratarmos da sua transferência para outro bairro bem distante deste. Grato, mais uma vez.

Na manhã seguinte, voltando à casa de Luíza, o delegado soube que Luíza e Meire ainda dormiam. Pediu aos empregados domésticos que fossem chamar a patroa.

Meia hora depois, Luíza apresentou-se, em total desalento, muda.

Todas as tentativas para um diálogo não prosperaram. Lopes, então, apelou:

– Dona Luíza, compreendo sua dor, mas meu dever de policial obriga-me a agir de forma nem sempre simpática. Preciso de sua colaboração, pois estamos diante de um crime gravíssimo, o assassinato do seu filho.

Luíza ficou olhando, apática.

Lopes prosseguiu:

– Anderson, dona Luíza... o Anderson foi assassinado! E com sua ajuda, estou quase certo de que poderei prender os assassinos dele.

Qual leoa ferida, em combate, Luíza arregalou os olhos e contraindo o corpo todo numa postura de atenção máxima, que tanto poderia significar defesa ou ataque iminente, proferiu em tom rouco, quase inaudível:

– Vou matá-los!  
– Perdão, dona Luíza, mas a justiça se encarregará de puni-los.

– Vou matá-los!  
– Serão presos, julgados e se provada culpa, condenados. Só preciso de sua ajuda.

– Onde estão?  
– É justamente sobre isso que quero falar com a senhora. Por isso estou aqui. Há algumas pistas, apenas suspeitas, por enquanto.

– E o que nessa casa poderia haver que pudesse levá-lo aos bandidos?

A resposta de Luíza mudava o rumo do diálogo, contendo repreensão explícita ao trabalho policial. Lopes assimilou e sem perder a calma, mas também usando de sinceridade, foi enfático:

– Os suspeitos são os traficantes que...

Agora Luíza reagiu mesmo qual felino atacado e gritou a plenos pulmões:

– Meire... Meire está envolvida... Ela é a culpada da morte do irmão! É ou não é? Vamos, responda-me, delegado!

Imperturbável, Lopes manteve a rédea da situação:

– De forma alguma posso confirmar. Nem desmentir.

A seguir, com calma e prudência, sintetizou o resultado de suas investigações, tendo o cuidado de não informar o ponto de tráfico na praça. Quando concluiu, solicitou:

– Gostaria que a senhora chamasse sua filha, agora mesmo, para conversar comigo... imagino que realmente ela poderá ajudar a esclarecer muitas coisas.

– Se ela está envolvida, nada lhe dirá. Aliás, está sedada, desde ontem.

– Ótimo, então a senhora pode trazer-me os pertences dela e permitir que eu dê uma olhada, principalmente se houver agenda.

Luíza aquiesceu e quando Lopes examinou a bolsa de Meire, nada encontrou que o ajudasse. Sem desanimar, num lance

intuitivo, fruto de sua perspicácia e longos anos de prática, pediu para ver as contas telefônicas dos últimos três meses, da residência e se possível, dos celulares, se houvesse. Luíza foi buscá-las, passou-as para o delegado, inclusive as contas do seu telefone celular e do de Meire.

Atendido, Lopes anotou alguns números de telefone e após agradecer a colaboração, despediu-se. Já à porta, saindo, encontrou-se com o doutor Américo que chegava.

– Bom dia, doutor Américo.

– Bom dia, delegado Lopes. Vejo que o senhor está de saída, mas gostaria que ficasse mais alguns instantes.

– Sim, se puder ser útil em algo.

Quando entraram, sentados frente a frente, Américo disse a Luíza:

– Vejo que você está mais conformada e me alegre com isso. Contudo, há uma coisa de grande importância que você precisa ser mais forte do que nunca, para compreender.

– Nada mais me importa... meu filho morreu...

– Nem Ari?

– Já nem sei o que pensar... de repente, parece que toda a minha família vai morrer... meu filho, assassinado... meu marido, doente grave... minha filha, logo morrerá pelas drogas... e eu, por desgosto.

– Nada disso, todos estão vivos. Anderson vive, Luíza!

– Como?!

– O coração que agora bate no peito do Ari é o do Anderson.

Nesse preciso momento, o cérebro de Luíza coordenou todos os antecedentes e a inacreditável realidade escancarou-se em sua mente, dando conta de que de uma forma extraordinária, sua vida e a vida de seus familiares, haviam transposto a fronteira do inimaginável.

O energético psíquico a derramar-se sobre a razão, em níveis muito acima dos normais, só encontrou válvula de escape e,

novamente a livrou da loucura instantânea, com novo torpor que a alcançou, sob o influxo espiritual de Protetores Invisíveis.

Jamais duvidemos de que Espíritos amigos estão postados ao nosso lado desde alguns instantes que antecedem à eclosão daqueles fortes acontecimentos, transcendentais, do programa reencarnatório de todos nós.

Como tais acontecimentos são previstos com grande antecedência e com precisão absoluta dos detalhes determinantes, não fica difícil para nós, desde que confiantes na justiça divina, compreender e aceitar que nos momentos difíceis nunca estamos sós; amparando-nos, confortando-nos e fazendo-nos piedosa companhia, equipes espirituais socorristas conosco estarão. Não há como duvidar.

É assim que nossos débitos antigos, acumulados por nossa incúria moral, têm quitação; eis que pela dor – abençoada mensageira que nunca deixou de nos alertar –, sobra-nos para sempre o inalienável aprendizado de que o amor é tudo.

Luíza, incapaz de administrar a duríssima realidade, superior a qualquer devaneio ou ficção, teve o juízo salvo por nova manobra cerebral, vegetativa, desviando-lhe o raciocínio. Com efeito, espantosamente serena, balbuciou em tom suave:

– Que bom que o Anderson estava dormindo sobre o nosso mármore...

Atônitos, Lopes e Américo entreolharam-se, deduzindo que aquela era uma recidiva da crise do dia anterior.

– Vocês notaram – prosseguiu Luíza –, como a cama do Anderson era de mármore verde?

Américo, em diagnóstico breve, explicou a Lopes:

– Luíza está, neste momento, sob ação daquela mesma síndrome de ontem, em alheamento que desencadeia colapso mental de duração indeterminada, comum quando alguém sofre grande impacto emocional. Ela, no caso, vem de sofrer dois

impactos, em menos de vinte e quatro horas, além do que, já anteriormente, estava abalada.

Comentou:

– Em Psicologia se poderá dizer que Luíza está sob proteção mental inconsciente, vivenciando atitudes catalogadas como "mecanismos psíquicos de fuga".

– Tais mecanismos... são prejudiciais, ou melhor, podem durar para sempre?

– Nessa última hipótese, temos o que se configura como alienação mental permanente. Mas não creio que seja o caso de Luíza. Assim como ela já estava superando a primeira crise, imagino que igualmente superará esta.

– Se não...

– Nem é bom pensar...

– O que podemos fazer para ajudá-la?

– No momento, com toda certeza, só orar por ela, eis que o tempo, apenas o tempo, recolocará suas ideias em ordem, e aí sim, vou ter que medicá-la, pois as reações físicas serão imprevisíveis...

– Como assim?

– Saindo dessa fase de defesa inconsciente, não é raro que a pessoa decida martirizar-se, ora deixando de alimentar-se, ora atribuindo-se insônia prolongada, ora se deixando invadir por sucessivas e intermináveis crises de choro, tudo isso desembocando num perigoso processo de autodestruição. Nesse contexto, depressão primeiro e estresse agudo a seguir, constituem duas perigosas vertentes, que se não forem dissipadas, poderão remeter o paciente à morte.

– Suicídio indireto?

– Exatamente. Peço licença para acrescentar apenas mais uma consideração, esta de cunho espiritual. Posso?

– Por favor!

– Sou espírita. E nas circunstâncias que envolvem Luíza, além das nuances médicas que enunciei, considero muito provável a possibilidade de que ela, fragilizada pela tragédia que a alcançou,

seja presa fácil para espíritos desencarnados, estabelecendo-se o sempre prejudicial processo obsessivo.

– Respeito profundamente o Espiritismo, Américo. Não sei muito, mas o que sei leva-me a concordar com você. Nunca me esqueço de uma palestra espírita que assisti, certa vez, a convite de um amigo. O palestrante, enriquecendo o que dizia com inúmeros exemplos, demonstrou como Deus sempre tira um bem, de qualquer mal.

– Que bom que você disse isso. O conceito de "mal", com o tempo, quase sempre se modifica e demonstra mesmo que, na verdade, aquilo que parecia tão ruim, resultou num bem.

Américo, sem nada dizer, pensou: *no caso de Luíza, imagino que no futuro dificilmente ela voltará a render o exagerado e egoísta culto à própria beleza, como vinha fazendo até aqui; aí, esse terá sido um primeiro "bem" resultante do atual "mal".*

Enquanto Luíza murmurava frases ternas, como se estivesse conversando com o filho, o médico aduziu:

– "Temos" outra preocupação: Meire. No momento está sedada, mas quando souber desse fantástico desfecho, não imagino qual será sua reação.

– Conte comigo, se puder ajudar. Agora preciso ir.

– Ficarei aqui, até Meire despertar e também cuidando de Luíza.

– Estarei a seu dispor, para qualquer emergência. Nesse momento, seguindo seu conselho, peço a Deus que ajude essa triste família.

Lopes expressou o que ia no coração, um profundo sentimento de compaixão por aquelas pessoas. Américo sentia o mesmo, abraçou-o fortemente e também envolvido por sentimentos fraternais, pensou em Jesus, com intenso fervor.

No mesmo instante, como se viesse diretamente do Céu, atravessando o telhado e o teto da casa, uma luz brilhante, qual um infinito fio de cristal ao sol alcançou a cabeça de Luíza, iluminando-lhe o centro vital coronário. Este centro vital, gerenciador das



energias dos demais centros vitais, inflando-se de fluidos celestiais, derramou-os por todo o organismo da combalida mulher.

Impressionante e sublime o poder da prece.

O mesmo fio brilhante, obediente ao pensamento de Américo e Lopes, em perfeita simbiose mental de caridade ambos, após energizar Luíza deslocou-se em direção a Meire, que prostrada em seu quarto, no mesmo instante sentiu-se reanimar.

Testemunho inabalável da Bondade de Deus, quando Lopes ia saindo, Angelina vinha chegando, acompanhada de uma jovem.

Américo saudou a mãe de Luíza:

– Dona Angelina! Que bom que a senhora veio!

– Essa é Ane – apresentou a jovem aos dois. – Ela é a companheira do Anderson.

Lopes desistiu de ir embora. Adentrou à casa com os demais e surpreenderam-se todos, vendo Luíza adormecida, no sofá.

Américo propôs que fossem à biblioteca, onde poderiam conversar mais à vontade, sem despertar Luíza, deixando-a no sono repentino, restaurador com certeza, consequência da prece de há pouco. Quando se acomodaram, os quatro, Américo narrou às duas mulheres os últimos acontecimentos. Com vitorioso sobre-esforço ambas conseguiram administrar tão pungentes revelações, que causou-lhes profunda dor e comedido pranto.

Deixando os dois homens boquiabertos, Angelina, em tom resignado, confidenciou:

– Somos espíritas, eu e Ane. Frequentamos o mesmo Centro Espírita e nos conhecemos há tempos. O Anderson também frequentava lá. Graças a Deus, compreendemos que esses acontecimentos tão dolorosos são reflexos de equívocos cometidos por nós mesmos em vidas passadas. Sabemos, com fé robusta, por ser escorada inteiramente na razão, que o nosso Anderson quitou pesadas dívidas.

Ante o espanto e mutismo de ambos, Ane, em lágrimas ainda, como que avalizando as palavras de Angelina, fez com que eles ainda mais se espantassem:

– Temos que orar em favor de quem cometeu o crime... Pesados débitos essa pessoa, ou quem mais estiver envolvido, terá contraído perante a própria consciência. Cedo ou tarde, terá que os resgatar.

Abraçadas, choraram suas dores por mais alguns instantes, até que, como que despertando de um pesadelo, Ane exclamou:

– Deus é tão bom que me deixou duas heranças do Anderson.

A própria Angelina espantou-se, aliando-se aos olhares interrogativos dos dois homens. A jovem, agora substituindo as lágrimas por um doce sorriso, esclareceu, acariciando o abdômen:

– Sim, Anderson não mais estará fisicamente comigo, por inteiro, mas o filho dele está chegando... graças a Deus. E, enquanto espero, vou ficar quanto puder por perto do senhor Ari, pois assim, quase que de forma direta, estarei junto ao coração do meu grande amor.

Angelina abraçou-a, repreendendo-a, grácil:

– Bela maneira de me dizer que serei bisavó... por que você não me contou que está grávida?

– Porque... ainda não estou...

– ?!

Médico, advogado e Angelina imaginaram, de pronto, que Ane estava algo abalada com as notícias e julgaram melhor não aprofundar aquela crise momentânea na razão dela.

Ane assimilou essa postura dos três, mas sorrindo matreiramente, julgou por bem silenciar, pelo menos por enquanto.

Prático, doutor Américo solicitou às duas que por alguns dias ficassem ali, para ajudar na recuperação de Luíza e Meire.

Concordaram.

Quando falou de Meire, Américo quase se traiu, expondo o que sentia por ela:

– A Meire é... muito especial... ao meu coração, isto é, como paciente, tenho muito carinho por ela... quero dizer, muita consideração.

Ante o sorriso maroto de Angelina, Américo remendou:  
– O que quero dizer é que ela é minha... paciente.  
Os homens despediram-se e se retiraram.

• • •

Procedendo diligências com interesse e competência, o delegado Lopes não tardou a capturar os dois entregadores de droga, Zeca e Miro. Com eles encontrou alguns documentos pertencentes a Anderson, o anel e o relógio dele. Em bem orientados interrogatórios e em prosseguimento às investigações, descobriu sobre a venda que eles fizeram da camioneta.

Com relação à venda clandestina do veículo de Anderson, Lopes apurou que Zeca e Miro, receosos das consequências da briga, imaginando-o morto, com o dinheiro que apuraram quitaram a dívida acumulada de Meire, no valor de onze mil reais, com o fornecedor de droga.

Indo ao endereço da oficina, o delegado nada encontrou.

Levado o fato ao conhecimento de Luíza, ela houve por bem não apresentar queixa do roubo do carro, para não vir à tona a toxicomania da filha. O fato da dívida estar quitada, foi inclusive motivo de algum alívio quanto às ameaçadoras cobranças.

Como não houve queixa, o roubo diluiu-se, até porque não havia provas.

As provas materiais quanto à morte de Anderson, essas sim, eram robustas, permitindo indiciar e incriminar a ambos por homicídio desqualificado, caso em que o criminoso não o planejou e aconteceu num momento inesperado de uma briga. Como o fato era grave, deveria o julgamento ir a júri popular, o que demoraria alguns meses.

O delegado e o cirurgião mantiveram longo diálogo, decidindo comparecer, juntos, à presença do juiz sob responsabilidade do qual estava o processo.

Lopes requereu à Justiça que o caso, por envolver a família da vítima, fosse mantido em sigilo, visando salvaguardar a paz e o equilíbrio dos familiares, uns dos quais – Ari – achava-se em delicadíssimo processo de convalescença.

Pedindo a palavra, o cirurgião usou de toda a sua respeitabilidade, fruto da competência profissional, para conseguir do juiz que o insólito acontecimento médico permanecesse restrito no âmbito dos poucos profissionais dele encarregados.

A autoridade judiciária da Vara competente, ao ser notificada dos detalhes, naquela rápida audiência com o policial e o doutor Renato, autorizou a manutenção sigilosa do fato, sob o amparo legal denominado *segredo de Justiça*<sup>1</sup>.

Considerando justas as razões apresentadas, o requerimento foi deferido.

O juiz que deferiu o pedido policial agendou o prazo de noventa dias como suficiente para que a família se refizesse.

Tomadas todas essas providências, de que foram informadas todas as pessoas que sabiam a identidade do doador, em uníssono e em simbiose mental elas pactuaram não revelar o segredo, até que surgisse a oportunidade, sendo certo que quanto mais à frente, melhor.

Quanto à identidade do doador, para todos os efeitos era ele Wenelau Paul Sáenz.

Quando alguns repórteres procuraram identificar quem era tal pessoa, foram encaminhados pelo delegado Lopes ao tio, só que este havia morrido um dia antes.

O funeral de Anderson foi o mais discreto possível.

Todas as tentativas da imprensa de captar mais informações foram despistadas pela família, com ajuda do delegado Lopes e do doutor Américo.

---

<sup>1</sup> - "Segredo de Justiça": previsto no Art. 155 do Código de Processo Civil, durante a Instrução de um processo, do qual somente o juiz, os advogados das partes, as autoridades policiais e o escrivão podem tomar conhecimento.

## 11 As várias faces da vida

Vendo Luíza e Meire adormecidas, Angelina, sem conseguir entender por que ela dissera aquilo sobre "um filho do Anderson", não conteve a curiosidade, sob leve intuição de que Ane não mentira:

– Minha filha, que história é essa de "um filho chegando", sem você estar grávida? Será que entendi direito?

– Sabe, dona Angelina, eu e o Anderson planejamos ter um filho, mas por um problema meu – *anovulação* (ausência de ovulação regular) –, não consegui engravidar. Nos exames médicos a que nós dois nos submetemos para identificar a causa do problema, foi colhido material de mim e dele. Assim, lá no laboratório, há uma coleta de esperma do Anderson, que pretendíamos utilizar para realização de uma fecundação assistida, em óvulo a ser doado por alguém. Esse óvulo, após ser fecundado artificialmente, com espermatozoide dele, seria implantado no meu útero.

Respirando sentidamente, exclamou:

– É o que vou fazer, se Deus quiser!

– Mas, Ane, onde você vai arranjar esse óvulo?

– Um não, mas pelo menos quatro!

– Como assim?

– Na fecundação assistida, segundo o ginecologista que nos atendeu, são processadas, em laboratório, as fecundações de cerca de quatro óvulos, que são transferidos para o útero da futura mãe, pois há sempre o risco médio de setenta e cinco por cento da tentativa não prosperar, por rejeição desses óvulos.

– Como assim, rejeição?

– Algum tipo de incompatibilidade orgânica.

– Volto a perguntar: onde você pensa conseguir os óvulos?

– De início, terei que resolver dois problemas: o primeiro é quanto ao preço dessas experiências...

– Quanto a isso, não se preocupe, pois tenho dinheiro suficiente e com a maior alegria custearei. Qual o segundo problema?

– Não sei se a senhora sabe, mas quando mamãe deu-me à luz, éramos trigêmeas.

– Oh, meu Deus, que lindo! Então você tem duas irmãs!

– Isso mesmo! Só que... estamos brigadas, há mais de um ano.

Relembrando, raciocinou em voz alta:

– Creio que com a ajuda dela poderia conseguir meu filho, isso se ela também não tiver o mesmo problema que eu.

– Caso não tenha esse problema e concorde com a doação, o que aconteceria?!

– Não poderia receber, em mim, embriões com os óvulos delas, pois isso, especificamente, as normas atuais de reprodução assistida<sup>2</sup> não permitem. Imagino, contudo, que se elas doarem óvulos para a clínica de fertilização, eles poderão ser utilizados em outras mulheres e, dessa forma, poderei receber, em troca, óvulos já armazenados lá, de doadoras desconhecidas. Na verdade, seria uma troca.

– Por que você não vai procurá-las para fazer as pazes, explicar o acontecido e pedir a elas que a ajudem a ter seu filho?

– Não é tão fácil assim. Tenho quase certeza de que elas não vão querer participar dessa experiência, pois isso talvez as deixe ainda mais magoadas com tudo o que aconteceu entre nós e o Anderson.

– Espere um pouquinho... agora mesmo é que não estou entendendo nada do que você está dizendo.

Ane ia explicar quando Luíza assomou à porta da biblioteca.

---

<sup>2</sup> Resolução nº 1358/92 do Conselho Federal de Medicina, publicada no D.O.U. de 19 de novembro de 1992.

No lar de Luíza, sua mãe, que sempre fora tratada a distância, com manifesta frieza, agora foi recebida com alguma alegria. Porém, não demorou e a filha mergulhou em profunda apatia, não reagindo aos multiplicados estímulos que Angelina e Ane lhe dispensavam.

Meire, que logo despertou, por sua vez não gostou de ver sua casa "invadida" pela avó, menos ainda estando acompanhada pela intrusa que, ao lhe ser apresentada, se dizia "ex-companheira" do irmão.

Quando Meire soube que Anderson fora o doador do coração para o pai, cambaleou e tombou ao chão, querendo gritar, mas a voz não lhe obedecia.

A avó confortou-a quanto pôde, mas ela ficou inconsolável, chorando sem parar. Do fundo da alma, havia o sentimento de amor que gritava pelo irmão. Mas a consciência, falando ainda mais alto, gritava-lhe que ela era a culpada da morte dele.

Só agora percebia quanto o amava.

Por dois dias a avó tentou acalmá-la, fazendo-a ver que existem desígnios dos quais não fugimos.

Meire só conseguiu equilibrar-se quando Angelina disse-lhe, com firmeza:

– Deus não erra jamais! E, amando por igual aos Seus filhos, não podemos nem devemos nos revoltar contra os acontecimentos que alcançaram seu irmão e seu pai. Não sabemos os motivos de tudo o que acontece com todos, mas a Justiça divina nos dá a certeza de que as causas, por vezes desconhecidas, são sempre justas.

Colocou a mão no ombro da neta e continuou:

– Se o Anderson deveria, nesta vida, ajudar ao pai dessa forma tão profunda, mesmo que você não fosse o agente do processo que desencadeou tudo o que aconteceu, de uma forma ou de outra, o transplante aconteceria. Talvez ele desencarnasse por um acidente, em que sua identidade fosse da mesma maneira

confundida ou talvez isso se tornasse um fato potencial para uma próxima existência terrena.

– Mas, vovó, sinto-me quase como a assassina dele.

– Todos os nossos erros começam a ser reparados quando nos arrependemos sinceramente de tê-los cometido e nos esforçamos em repará-los.

– Como reparar o que fiz?

– De início, ore pelo espírito do seu irmão e seja uma filha amiga dos pais, nestes momentos em que os dois sofrem com a doença, com a perda do filho e... com a filha que não lhes dá nenhum carinho há tanto tempo. Depois... bem depois, Deus colocará à sua frente incontáveis oportunidades de reconstrução.

– Como vou saber o que Deus quer de mim?

– Ouça apenas seu coração.

Somente no terceiro dia após o transplante cardíaco, visitas a Ari foram permitidas, sob severas recomendações médicas:

- *não contar nenhum fato que levasse o paciente a emocionar-se, muito especialmente sobre a identidade do doador;*

- *não tratar de negócios;*

- *evitar expressões de angústia, substituindo-as por otimismo quanto à recuperação do doente;*

- *não lhe levar nenhum objeto, jornal, alimento etc.;*

- *em todas as circunstâncias, sempre responder com tranquilidade a quaisquer perguntas;*

- *permanecer pouco tempo.*

A notícia da visita ao marido animou Luíza, em parte. O médico cirurgião sugeriu que o horário fosse o das vinte horas, quando haveria mais calma na rotina hospitalar.

Uma hora antes de Luíza e Meire irem à visita, Angelina, após confabular com Ane, propôs que, juntas, fizessem uma prece, pela alma do Anderson e pela recuperação do chefe da casa e ainda em favor dos necessitados. Convidaram Luíza e Meire a participarem, as quais, indiferentes, aquiesceram, só se animaram,



em parte, quando Ane informou que Anderson era espírita e que com ela realizava semanalmente essa reunião de preces, denominada "Culto do Evangelho no Lar".

Reunidas as quatro à mesa, Ane tirou de sua bolsa o livro *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, que sempre trazia consigo, abriu-o aleatoriamente e com voz embargada iniciou a leitura do Capítulo 8: "*Bem-aventurados os que têm puro o coração, porque verão a Deus*"...

Coincidência?

Como que a página aberta era justamente aquela em que Jesus falava, moralmente, de coração?

E ali, naquele lar, o coração de Anderson, transplantado para o pai, dava o tom do clima psíquico.

Luíza irrompeu em pranto incontido:

– Meu filho... tinha puro o coração...

Meire, acometida de profunda saudade do irmão, a quem sempre mantivera afastado de seus pensamentos, convívio e fraternidade, numa crise sincera, de integral arrependimento, também foi sufocada pelas lágrimas:

– Anderson... meu irmão... só agora vejo como eu o amava... meu Deus! Perdoe-me, meu Pai!

Jorrando das alturas, em cascatas luminosas, flocos astrais trespassavam o teto e inundavam o ambiente e logo a casa toda, de cores luminosas, iridescentes, qual se não um, mas vários arco-íris transformassem a mansão, e logo todo o quarteirão, num verdadeiro festival de inigualável beleza, portadora da paz.

Angelina, comovida, não se contendo, levantou-se e abraçou a neta demoradamente. Luíza, em lágrimas infinitas, ergueu-se também e abraçou a mãe, como há muito tempo não o fazia, ou melhor, como nunca o fizera. Ane, sensibilizada em grau superlativo, sentiu-se parte inarredável daquele contexto familiar; também com as lágrimas rolando-lhe abundantes pelas faces, abraçou Luíza.

Meire abraçou a cunhada num gesto que a fraternidade pura comandou.

A amizade entre as quatro, para sempre, estava selada.

Dessa forma, abraçadas e soluçantes, de alegria, formavam uma roda espiritual que encheu de luz todo o ambiente formado pelas quatro paredes da sala. Até se poderia dizer, numa imaginária *licença poética espiritual*, que ali, a mente em festa das mulheres formava a redução do círculo luminoso a um quadrado equivalente, tendo, sem o saber, encontrado assim a *solução* do insolúvel problema da *quadratura do círculo*, que tanto abala a mente daqueles que buscam a perfeição geométrica. Abraçadas de corpo e alma as mulheres formavam um círculo, qual aquele que os atletas formam antes de iniciar uma partida importante. Por estarem numa sala cujas paredes formavam um quadrado, a luz espiritual, do ponto de vista astral, partindo daquele círculo, iluminou o recinto por inteiro. Assim, a "luz do círculo" tornou-se "a luz do quadrado".

A paz que lhes invadiu a alma deu-lhes energia para que, a uma só voz, orassem o "Pai Nosso", após o que trocaram suaves beijos entre si.

Ali, o Amor colocava na vitrine mental das quatro mulheres o significado exato das expressões proferidas pelos Apóstolos João e Pedro: "*Quem não amar, não chegou a conhecer a Deus, porque Deus é Amor*" (I João, 4:8) e "*Acima de tudo, tende intenso amor uns pelos outros, porque o Amor cobre uma multidão de pecados*" (I Pedro, 4:8).

Quando Ari viu o doutor Renato adentrar no apartamento, acompanhado da esposa, filha e sogra, não se conteve, fato que grossas lágrimas atestaram.

Luíza prodigalizou-lhe carinhos, há tempos ausentes, deslembrados.

Meire beijou-o delicada e demoradamente.

Angelina, com um fulgurante olhar vindo das profundezas da alma, colocou a destra sobre os olhos do genro e em gestos

levíssimos enxugou-lhe as lágrimas, que teimavam em emergir, vindas igualmente do fundo da alma.

Energizado por tanto amor, Ari olhou interrogativamente para as três.

Com voz enfraquecida, inquiriu:

– Onde ele está? Por que não veio?

– Viagou, mas logo retornará – atalhou Angelina, com preparada calma.

Dirigiu-se a Luíza:

– Meu bem, nossa empresa...

– Nem pensar nisso agora. Anderson está cuidando de tudo – mentiu a esposa, também com mentira previamente treinada.

Doutor Renato, captando o clima que se formava, recomendou:

– Lindas senhoras e jovem, nosso Ari, neste momento, é como um recém-nascido, pelo que não convém que nos demoremos na visita. Como ele vai viver mais uns quarenta ou cinquenta anos, teremos muito tempo para confraternizar. Por hoje chega! Ordem do doutor – sentenciou, de bom humor, mas enérgico o suficiente para ser obedecido.

A partir do dia seguinte as visitas estariam autorizadas, mas prudentemente limitadas a um pequeno número de pessoas e, assim mesmo, com duração estipulada em poucos minutos. Tudo, por ordem do doutor Renato.

As mulheres retornaram à residência e ninguém teve coragem de dizer nada.

Na manhã seguinte, antes do Sol chegar, Angelina, como de costume, levantou-se para realizar uma caminhada. Sempre ia ao encontro da nascente e quando o Sol despontava, retornava. Um pensamento intuitivo fez-lhe ir ver a neta.

Meire, sentada na cama, olhava para o teto. Não dormira a noite toda.

Angelina, com apurado senso psicológico, convenceu a neta a acompanhá-la no passeio. Foram em direção a uma praça onde

um florido jardim era propício a reflexões. Enquanto caminhavam, questionou:

– Você viu, Meire, como Deus é bom? Mesmo de uma tragédia, como a do nosso Anderson, quantos benefícios resultaram...

– A senhora se refere às pessoas que receberam transplante de órgãos dele?

– Sim, sim. Mas muito mais importante, refiro-me aos benefícios morais.

– Como assim, vovó?

– É claro que, de todos, o maior bem foi a restituição da vida ao seu pai. Mas há outras resultantes, além da vida, ou melhoria da vida dos outros receptores: refiro-me à recomposição familiar de vocês. Graças a Deus! Seu pai nunca mais será o mesmo, com toda aquela ganância em querer ganhar mais dinheiro; sua mãe, que fez do culto à beleza própria o seu projeto de vida, não terá mais condições de continuar em tão efêmera ilusão; e você, minha querida, tem pela frente todo um futuro de reconstrução.

Meire ouvia, silenciosa, refletindo em cada frase da avó, que em sua mente, tinha o poder mágico de formar um quadro vivo do futuro.

– De todos – prosseguiu Angelina –, restou para você a maior responsabilidade.

– Por que para mim?!

– Porque sua mãe, daqui para a frente, vai ter que cuidar do Ari vinte e quatro horas por dia.

– Papai vai ficar incapaz para o trabalho?

– Incapaz, não, mas também estará sujeito a um rígido esquema de diminuição das atividades, com permanente acompanhamento médico, incapacitando-o parcialmente, aí sim, para a dedicação que sua empresa exige.

Completo, abraçando a neta:

– E aí, minha netinha do coração, a "dona Meire" terá que assumir a direção dos negócios... isso se vocês não decidirem

vender a empresa. Mas, pense bem, a empresa é o sonho realizado do seu pai, além de gerar bons lucros. Se ele não a tiver mais, além da morte do Anderson, essas duas perdas não seriam um grande choque emocional para ele, talvez fatal?

– Não tinha pensado nisso, vovó...

– Então é bom ir pensando, pois a mim me parece que estou passeando com uma grande futura empresária.

Agora foi Meire que a abraçou e a cobriu de beijos.

Quando a avó a convidou para a caminhada, imaginou que era para dirigir-lhe duras reprimendas, relativas à sua dependência com as drogas. Mas não, a avó não lhe dissera uma única palavra sobre isso. Foi ela própria que resolveu tocar no assunto:

– Sei que a senhora sabe sobre meu vício, mas vou ser sincera e abrir meu coração... muitas vezes quero deixar as drogas e consigo-o por algum tempo, mas logo um chamamento que surge nem sei de onde, invisível, mas real, mudo, mas que me enlouquece com ordens de retornar, é mais forte e acabo sempre voltando. Desse jeito, eu mesma me recuso a assumir compromissos profissionais, ainda mais o de gerenciar ou dirigir a firma do papai. Estive, a noite toda, sem conseguir dormir, só pensando no futuro... o que me aguarda, vovó? O que será de todos nós?

– Já que você tocou nesse ponto, eu também vou abrir minha alma para você e contar-lhe umas coisas bem interessantes que têm muito a ver com o que você acabou de dizer-me. E sabe de uma coisa? Jamais falei disso para ninguém, nem mesmo para sua mãe. Assim, você será a única pessoa a conhecer um segredo que guardo dentro da minha memória. Só vou revelá-lo, agora, e para você, porque estou certa de que poderá ajudá-la bastante, nessa fase de sua vida.

– Nossa, vovó, a senhora me assusta...

– Não é essa minha intenção. Vamos até aquele banco e sentadas eu vou contar.

Mentalmente, Angelina dirigiu uma prece a Jesus, implorando inspiração para transmitir ensinamentos adequados à neta, capazes

de motivá-la à libertação da toxicomania. Abdiel, o Espírito protetor daquela família, instantaneamente recebeu os influxos espirituais de Angelina, acercando-se dela. Colocou a mão sobre o centro vital no alto da cabeça da senhora e também ele orou a Jesus. Três outros Espíritos, irradiando intensa claridade, aproximaram-se, em igual atitude de preces.

Fantástico fenômeno se produziu, num raio de cem metros, em todas as direções, a partir de Angelina e Meire, agora sentadas, uma luz imperceptível a olhos humanos brilhou naquela praça, antes de a manhã ser inaugurada.

Os Espíritos infelizes que comumente acompanhavam Meire, insuflando nela a ida cada vez mais ao vício, mantinham-se a distância, inquietos e preocupados com aquele passeio, já que declararam Angelina uma inimiga em potencial das suas necessidades de drogas. Meire, a "sócia" quando consumia drogas, na verdade lhes alimentava também o vício, pois lhe aspiravam o energético que evolava do seu hálito, bem como dividiam as sensações registradas pelo sistema nervoso central dela, qual a transferência de eletricidade quando uma pessoa é vítima de um choque contínuo e alguém a socorre, recebendo o mesmo choque.

Vendo os espíritos luminosos, intentaram fugir.

Debalde a tentativa de fuga.

Algo assim como um visgo, chumbou-lhes os pés no chão, para seu bem.

Mais impressionante de tudo era o fato de que foram chegando dezenas de outros Espíritos, escoltados por lanceiros uns, e amparados por enfermeiros, outros, estes, em macas. De forma interessante, o cenário daquela praça, visto do plano espiritual, era o de um grande auditório. É que vários outros Espíritos protetores ali compareceram e juntando suas vibrações conseguiram, dentro de algum tempo, edificar aquele anfiteatro natural, simples, confortável e de excelente acústica<sup>3</sup>. Bancos dispostos em círculo

---

<sup>3</sup> - Em "O Livro dos Médiuns", 2ª Parte, cap. 8, em "nota" ao n° 128, Kardec registra ensinamento de São Luis: *Sobre os elementos*

formavam ao centro uma espécie de arena, na qual estavam Angelina e Meire. Mesmo a distância, os agora mais de cem Espíritos necessitados – todos toxicômanos – podiam ouvir com clareza o que Angelina, em tom baixinho, começou a narrar para a neta, com grande mansuetude:

– Quando eu era criança, de tanto ouvir falar num jovem, resolvi pesquisar o possível para tentar encontrá-lo.

– O vovô?

– Não, querida... esse jovem, pelo que dele diziam os adultos, estava por perto, mas para encontrá-lo havia necessidade de alguns cuidados.

– Por quê?

– Porque ele era muito procurado, muitas vezes estando com quem o buscava, sem que fosse percebido. Sendo muito bom, a todos atendia, mas nem sempre o socorrido identificava a origem do auxílio.

– Ele era rico?

– Muito...

– E a senhora encontrou-o?

– Demorou, mas consegui. Depois de procurá-lo por toda a infância, já adentrando na adolescência, comecei a sofrer amarguras infundáveis, pois meu pai, indo à ruína financeira, buscou na bebida a compensação pelo fracasso comercial. De amável, carinhoso e paciente, tornou-se em pouco tempo colérico, chegando à violência física com mamãe e comigo. Nosso sofrimento, naquela fase, foi inenarrável.

– E como foi o encontro da senhora com o tal jovem?

– Aconteceu num momento inesquecível, no auge de uma crise violenta de papai, ensandecido, armado de uma faca, avançou

---

*materiais disseminados por todos os pontos do espaço, na vossa atmosfera, têm os Espíritos um poder que estais longe de suspeitar. Podem, pois, eles concentrar à sua vontade esses elementos e dar-lhes a forma aparente que corresponda à dos objetos materiais.*

para cima de mamãe, provavelmente, provocaria uma tragédia, destruindo três vidas... a de mamãe, a dele e a minha.

– Vovó! O jovem apareceu nesse momento?! Salvou-as?!

– Sim, Meire, foi ele que nos salvou... os três.

– Seu pai também?! Como? Pelo amor de Deus, conte-me como foi.

– Há coisas estranhas na vida e algumas dessas coisas aconteceram naqueles dramáticos momentos. Quando vi mamãe em perigo, interpus-me entre ela e papai, olhei bem nos olhos dele e creia-me, querida, ele não era ele.

– Santo Deus! Como pode? Quem era?!

– Jamais poderei explicar como é que, vendo-o e não identificando-o como o pai carinhoso que sempre fora, lembrei-me do "jovem rico", a quem pedi socorro...

– Mas, ele estava ali? Surgiu de repente?

– Estava por perto, pois quando pressenti o desastre chamei-o e ele me atendeu.

– Ah, vovó, por favor, diga-me logo o nome dele...

– Jesus!

Meire abriu a boca e ia dizer alguma coisa, mas a voz emudeceu. Num segundo, captou de quem a avó falava, do Mestre Jesus, o Amigo incomparável, o mais rico de Amor, o Irmão maior... Sim, aprendera, no catecismo, que Jesus sempre atendia às preces feitas de coração, principalmente nas emergências, ato que ela jamais sequer tentara comprovar, embora tantas dificuldades a visitassem.

Angelina, após dar tempo a Meire para reflexões, aduziu:

– Papai, ao ouvir-me exclamar "Jesus!", interrompeu o gesto infeliz, quedando-se imóvel, largando a faca. Para a eternidade levarei a lembrança da transfiguração do seu rosto, a começar pelo olhar, que se suavizou aos poucos, logo sendo invadido por uma torrente de lágrimas... mamãe e eu também não nos movíamos. Uma grande paz nos visitou e logo, os três, abraçamo-nos,



comovidamente, chorando sem parar; mamãe, então, ajoelhou-se e de mãos postas, apenas balbuciou: "obrigado, meu Jesus!".

– Vovó, que lindo!

– E isso não foi tudo, Meire. Naqueles momentos terríveis, aconteceu uma coisa extraordinária... sem que eu pudesse explicar, comecei a ver "pessoas que não existiam...".

– O que era isso?

– Pois é, comecei a ver almas do outro mundo, gente que já tinha morrido... E tinha invadido nosso lar, aos gritos. Logo percebi isso porque no meio dos intrusos, estava um amigo de papai, que morrera há tempos, com cirrose hepática, causada por bebida alcoólica... esse amigo era quem mais gritava para papai beber sem parar; um outro gritava também, mas mandando ele matar mamãe, pois ela estava atrapalhando.

– Como assim, atrapalhando?

– Sim, com as preces de mamãe, impedindo papai de beber mais e dar o quinhão deles...

– Por favor, vovó, como "o quinhão deles", se estavam mortos? O que eles, isto é, essas almas penadas ganhavam com vovô bebendo?

– Essa já é outra história, que vou resumir. Quando alguém morre, leva para o mundo dos espíritos todas as tendências, virtudes e defeitos que tem. No nosso mundo, sofrido, de provas e expiações, muitos de nós desencarnam mantendo ativas as necessidades físicas, às quais tenhamos nos apegado em demasia. Refiro-me aos vícios: alcoolismo, glotonaria, hipocondria, sexo irresponsável e desvairado. Também acompanham aos chamados "mortos" suas compulsões mentais, como a de trabalhar sem parar para aumentar a fortuna, resultando isso na avareza; outras vezes, entregamo-nos na vida física à mentira contumaz, à cólera, à intriga, à inveja, ao ciúme e quando vamos para a vida espiritual, vemo-nos algemados a invisíveis grilhões, torturantes porque reverberantes na consciência, exigindo correção...

– Isso é o que algumas religiões chamam de...

– Sim, minha neta, de inferno. Contudo, graças ao Espiritismo, raciocinamos que o inferno, na verdade, é algo dentro da alma e não fora dela.

– Nossa, vovó, a senhora está me deixando com medo...

– Meire, Meire, o jovem rico, Jesus, é rico sim, mas de amor e luz e está sempre pronto a auxiliar a todo aquele que ouvir seus conselhos e procurar seguir seus exemplos. Com ele no coração, nas palavras e principalmente nos atos, não há o menor risco de qualquer desconforto ou perigo.

– Mas essa questão das almas... e a senhora não falou de um vício ruim... esse que eu tenho...

– Não falei por respeito a você, a quem amo demais. Mas falaria breve, caso você própria não tocasse nele.

– E como ficam as almas que gostam de tóxicos, depois da...?

– Todas essas viciações físicas se mantêm depois da morte, como você está com medo de dizer. E como no plano espiritual não há nem botecos, nem motéis, nem tabacarias, nem pontos de venda de drogas, os infelizes espíritos que se algemaram a essas necessidades, desesperadamente buscam satisfazê-las, daí fazendo com que a "roupa da alma" se mantenha como a "roupa do corpo físico", para poderem alcançá-las.

– Não entendi direito isso de "roupa da alma" e "roupa do corpo físico"...

– Já explico... nosso espírito é uma sublime chama, nascida de Deus, qual se fosse um raio do Sol, transformado em individualidade; essa chama é tão brilhante que cegaria quem a visse diretamente, por isso se reveste de uma camada de matéria sutil, para amortizar tanta luz. Essa camada chama-se perispírito e é a forma para o corpo físico, quando o espírito vem para o plano material; assim, minha neta, nosso corpo é o resultado da matriz, que é o perispírito, e quem é bom tem o perispírito sutil, irradiando claridade; já quem tem problemas de comportamento (e quem não

os tem?), apresenta perispírito mais ou menos grosseiro, com pouca ou quase nula claridade. Entendeu?

Ante o olhar meditativo da neta, Angelina prosseguiu:

– Vou tentar explicar de outro modo, por um pequeno exemplo figurativo: numa laranja encontramos várias camadas, desde a casca, a pele, os gomos e as sementes. Há laranjas com casca brilhante e as há com casca rugosa, atacadas de doenças cítricas. Pois bem, imagine agora, que somos, cada um, uma espécie de fruta, com apenas uma semente de luz no mais íntimo, revestida de uma primeira camada, seguindo-se os gomos, mais uma camada e por fim a casca, refletindo, esta, o estado que vai pelo interior. A semente de luz é o nosso Espírito e é imortal; o primeiro revestimento da semente é nosso corpo mental, ou a mente, e cada vez mais vai ficando sutil; os conjuntos da outra pele e dos gomos, formam o perispírito, que modelará o organismo das várias vidas nossas: por fim, a casca, com seu contorno e aparência externa, nosso corpo, que será sempre outro, em cada vida. <sup>4</sup> (\*)

– Começo a entender... é como se tivéssemos um molde permanente da vida, direcionando o futuro... muitas vidas... muitos corpos, mas um só espírito...

– Isso mesmo, a cada nova existência terrena, vamos melhorando; à medida que nosso molde se aperfeiçoa, como consequência a réplica orgânica também.

Nesse preciso momento o Sol iluminou toda a linha do horizonte, "proporcionando o maior espetáculo da Terra, diário e gratuito", como disse um pensador e poeta, que lamentou "que metade da plateia estivesse dormindo...".

Ali, pelo menos, havia uma plateia atenta, ouvindo palavra por palavra do diálogo entre a avó e a neta. Muitos instrutores espirituais olharam para o ponto mais brilhante da alvorada colorida

---

<sup>4</sup> (\*) O Espiritismo esclarece que os Espíritos têm um revestimento permanente, sutil, que faz a ligação do Espírito com o corpo físico (N.E.)

e em prece muda, saudaram o "grande astro" e louvaram a Deus, agradecendo a bênção solar.

Tão expressivo e sincero era esse gesto dos benfeitores, que muitos dos seus tutelados, imantados positivamente de energias reconfortantes, num gesto que a simplicidade comandou-lhes, ajoelharam-se, juntando e erguendo as mãos para o alto.

– Vó... tem uma coisa que gostaria de saber...

– Pois então pergunte.

– Espiritismo... hum... a senhora gosta?

– Como não agradecer a Jesus a felicidade de conhecer o porquê de todos os nossos problemas, nossas angústias que, afinal, têm origem em nós mesmos, através dos atos praticados nas várias vidas passadas, mas tendo várias vidas futuras para nos reerguermos?!

– E o Espiritismo explica isso?

– Sim. Ao recomendar que antes de mais nada usemos a razão, esclarece que essas várias existências que Deus nos concede para nossa evolução espiritual são enquadradas pela Lei Divina de Ação e Reação, expressão fiel da Justiça divina, que dá a cada um, segundo seu merecimento. Nós, espíritas, somos muito felizes em aceitar o processo das vidas sucessivas, denominado reencarnação, pois ele é pleno de lógica, respondendo com a clareza do Sol todas as dúvidas humanas do "porquê dos sofrimentos e das aparentes injustiças terrenas".

Após uma pequena pausa Angelina completou:

– Desde que vi almas do outro mundo, os espíritos desencarnados, passei a interessar-me pelo fenômeno e só através do Espiritismo encontrei respostas para todas as minhas perguntas e pesquisas, que não eram poucas. Os espíritos que acompanhavam papai decretaram guerra a mamãe e eram eles que o insuflavam a maltratá-la.

Meire abaixou a cabeça e perguntou, tímida:

– Será que eu também estou com espíritos me induzindo às drogas?

– Vamos esclarecer uma coisa, sem o que seremos hipócritas. Os espíritos se aproximam de nós a todo instante, os bons e os maus, mas só conseguem nos induzir às práticas que nós mesmos elegemos. Desse modo, não podemos nem devemos culpá-los de nossos equívocos. Ao contrário, se, por exemplo, um espírito mentiroso se aproximar de mim e testemunhar várias mentiras minhas, não mais me deixará; contudo, se eu não mentir jamais, ele se afastará, indo procurar alguém mentiroso, ou então cairá em si e, pelo meu exemplo, se corrigirá. Da mesma forma quanto às drogas.

– Sabe, vovó, tenho pesadelos horríveis todas as noites. Um grupo de pessoas que não conheço, mas que não me larga, insiste para que eu use drogas cada vez mais. Uns me pedem cocaína, outros, heroína, outros, que eu misture uísque com uma ou outra droga. Há duas noites vivem repetindo para eu me afastar da senhora.

Meire começou a soluçar e apertando a cabeça com as mãos, exclamou:

– Acho que estou ficando louca... a senhora é a única pessoa que gosta de mim e... eu já pensei até em...

Não conseguiu concluir a confissão.

Abraçando-a forte, Angelina consolou-a:

– Nunca mais diga uma coisa dessas! Você é muito inteligente e já deve ter compreendido que as drogas têm clientes "de cá e de lá", isto é, entre *vivos-mortos*, de corpo e alma e *mortos-vivos*, só de alma, sem corpo.

– O que a senhora quer dizer com isso de *vivos-mortos* e *mortos-vivos*?

– Quando uso essas expressões, quero dizer que o drogado é alguém que, estando nesta existência, perdeu todos os referenciais da vida e, para ele, a morte, que não tarda a transferi-

lo de plano, de forma alguma será solução, antes, pelo contrário, agravará os sofrimentos de sua dependência.

– Credo, vovó, estou com medo...

– De quê? Dos mortos? Pare com isso, menina, não existem mortos, o que existe são espíritos que, com o corpo físico (quando encarnados) ou sem esse corpo (quando desencarnados) estão com os pensamentos no Evangelho de Jesus mortos por uns tempos. E a esses equivocados espíritos podem se associar outros espíritos nas mesmas condições. Mas, graças a Deus, também existem espíritos bons que ajudam àqueles.

– Vovó... a senhora fala como se não existisse morte...

– E não existe mesmo! Ou melhor, vamos situar a questão num exemplo, para você entender ao que me refiro quando falo da vida daqueles que já *morreram*, mas "vivem" a atormentar os *vivos*: suponhamos que nós, encarnados, somos alunos que estamos no curso primário aqui na Terra e que aqueles que já morreram são alunos que, saindo do primário, foram transferidos para uma outra escola no plano espiritual, a fim de prosseguirem com estudos diferentes, já que os alunos dessa nova escola têm outras atividades.

Fazendo breve pausa, logo prosseguiu:

– Agora reflita: no primário há sempre muitos alunos saindo, mas também há muitos entrando porque essa escola primária que é a própria vida física continua existindo. Imagine, porém, que o aluno da outra escola (a do plano espiritual), em vez de aproveitar as aulas resolve voltar para o primário (a vida física) porque sente saudade, por exemplo, dos lanches de lá. O que encontra? Ora, não sendo aluno regularmente matriculado, não terá os vales da cantina e vai ter que convencer algum aluno dali a lhe arranjar um sanduíche de qualquer maneira. Geralmente, para convencer o aluno invigilante, promete-lhe recompensas que não poderá dar; tudo isso, escondendo-se, ambos, dos inspetores.

Fez nova pausa e logo seguiu:

– Sempre com promessas, o aluno da outra escola vai iludindo o do primário que o atende, por cobiça. Até que um dia, ou o inspetor de alunos, ou a professora, ou os pais, de um ou dos dois alunos, identificam aquele mau procedimento e repreendem a ambos. O aluno do primário terá que ser mais cuidadoso na escolha de "colegas", senão acabará tendo mais problemas, podendo até, conforme a gravidade do que faça, ser expulso. Quanto ao aluno clandestino, poderá se arrepender, não voltar mais ali, ou então ir procurar outro aluno descuidado, passando a atormentá-lo como fazia com o primeiro. Poderá ter êxito ou não. Assim, de tentativa em tentativa, prejudicando tantos alunos do primário, um belo dia as autoridades, cansadas de adverti-lo, convocarão a melhor de todas as professoras para ensiná-lo a ser obediente às regras.

– Quem seria essa professora, vovó?

– A dor.

– Vovó, tenho sido má aluna desse "curso primário". Quero continuar nele, mas cuidadosa na escolha dos "meus colegas".

Naquele justo momento, olhando o Sol por uma fração de segundo, como se estivesse olhando para Deus, prometeu solenemente:

– Por tudo o que há de mais sagrado, prometo jamais voltar a consumir drogas.

Pensou um pouco e confidenciou à avó:

– Tenho duas amigas que moram comigo, no meu apartamento. Vou procurá-las e contar para elas tudo isso que a senhora me disse. Inclusive, estou pensando em voltar a morar com meus pais, ainda mais agora com a doença do papai.

Voltou a fazer alguns instantes de reflexão e complementou:

– É isso mesmo! Vou vender o apartamento para as duas, de uma forma que elas possam pagar.

Angelina, comovida, abençoou-a:

– Deus a abençoe, querida! Tenha sempre bom coração e só terá a ganhar.

Lágrimas discretas molharam o rosto da avó.

Diante de seus tutores, a maioria dos ouvintes invisíveis, agrilhoados às drogas, fez a mesma profissão de fé de Meire.

Para a jovem encarnada e para os espíritos infelizes, aquele instante representava uma nova alvorada moral em suas existências.

Aquela esplendorosa manhã teve assim dezenas de alvoradas, a partir da proporcionada pela natureza, mas muitas outras dentro das sofridas criaturas que o vício vinha corrompendo, mas que a partir daquele instante inesquecível, graças a Deus, libertaram-se para sempre.

Os protetores, quase que a uma só voz, declamaram sinceros:

– Louvado seja Deus! Obrigado, Jesus!

Incontáveis andorinhas ao Sol – sempre o Sol –, acomodadas nos fios de eletricidade, como que se transformando em testemunhas da decisão de Meire e de dezenas, talvez centenas de arrependidos – todas as avezinhas, no mesmo instante –, alçaram voo, intempestiva e alegremente.

Invisível e imperceptível à visão terrena, tanto quanto inaudível também, um alegre coral irrompeu a cantar um exclamativo hino, louvando à Natureza e ao Criador.

Em menos de uma hora Angelina repassara à neta e a ignorados ouvintes, matéria filosófica de alto significado, capaz de mudar "as rotas do destino" de qualquer pessoa disposta a aliar razão à fé.

Como de fato, mudou.

Não existe um único toxicômano feliz, nem alguém preso a qualquer vício que, no íntimo, não queira dele libertar-se. Isso porque somos oriundos de Deus – a Perfeição absoluta –, contemplados com inexorável roteiro rumo ao progresso moral incessante. Todos os equívocos dessa infinita caminhada, resultam-nos em percalços, mas, graça divina, em aprendizado eterno.

Daí, que erramos, sim, em tempos de desvios morais.



Mas todos – todos nós, sem exceção –, temos também em nosso acervo existencial, muito mais tempos de reconstrução, iniciantes com o arrependimento sincero e conclusos após abençoadas dificuldades expiatórias ou provacionais.

Dessa forma, com visão na felicidade, podemos augurar rota espiritual feliz não muito distante de onde estamos agora, posto que temos no Evangelho de Jesus a estrada a percorrer, no Espiritismo o veículo que pode nos conduzir até lá e como combustível, a prática da Caridade.

Meire sentiu um bem-estar e uma inefável doçura percorrerem-lhe o corpo todo e fixarem-se no coração.

Os Espíritos bondosos foram se afastando, com discretas lágrimas, mas sorridentes, conduzindo equipes de Espíritos viciados, muitos deles aos prantos, encantados, emocionados, arrependidos.

Assim como Jesus multiplicou os cinco pães e dois peixes nas cercanias de Betsaida (*Lucas, 9:10-17*), para alimentar uma multidão calculada em cinco mil pessoas, havendo sobras ainda, ali também aquele encontro e o amor catalisaram o arrependimento e o feliz início da recuperação de tantos infelizes, que famintos da Paz, foram saciados pelo alimento evangélico. Não todos, é verdade, mas a maioria.

Antes de retornar a casa, Angelina brincou com a neta:

– Agora que você vai começar uma nova vida, fique sabendo que tem uma pessoa que ficará muito feliz, pois para essa pessoa você é especial.

– Ih, vovó, pare com isso. Não sou especial para ninguém.

– É sim! E essa pessoa é um jovem.

– Quem?

– Um médico que está sempre por perto quando sua família precisa.

– Ah, vovó, o Américo nem me liga...

– Será?...

Retornando a casa, encontraram Luíza novamente prostrada, lamentando-se:

– Meu Deus! Como foi possível acontecer uma coisa dessas conosco? Mil vezes preferia ter morrido... como poderei viver com o coração do meu filho no peito do meu marido?

Angelina endereçou um significativo olhar para Meire e em ato contínuo as duas envolveram Luíza num fraternal abraço.

Há anos que Meire nem sequer encostava na mãe e, entretanto, em dois dias, vinha dispensando-lhe carinho pleno de magnetismo e amor filial.

Atônita, pela forte reação emocional causada, Luíza, mal acreditava.

Em sua vida, o instinto maternal só se dirigira, assim mesmo, há tempos, para Anderson. Agora, de forma inexplicável para ela, num átimo visitou-lhe um pensamento que expressou em voz chorosa e pungente:

– Minha filha, pelo menos ainda tenho minha filha!

Meire explodiu em lágrimas, abraçando-a mais forte, cobrindo-a de incessantes beijos e afagos:

– Mãe, minha mãe, eu te amo!

Como se a Terra mudasse de repente de órbita, um raio luminoso do Sol (sempre ele) atravessou a vidraça da sala e envolveu-as, compondo incomparável tela de amor que só mesmo o Divino Pintor poderia produzir.

Deus, Sol das almas! Pai de Amor! Eterno e Permanente!

## 12 Qual o perfume?

Dois dias após, numa das visitas a Ari, o doutor Renato convocou os familiares:

– Temos um probleminha... chamei vocês aqui, pois a alta hospitalar do Ari não tardará e, assim, juntos, precisamos resolver quando, como e onde vamos contar para ele... quando, eu já sei, só depois de, no mínimo, três semanas da cirurgia; como, não há outro jeito senão a verdade, a sós comigo ou na presença de vocês; onde, aqui ou na sua casa?

Respirando fundo, complementou:

– Sabendo que o paciente ainda não reúne condições de saúde para saber toda a verdade, isso só será possível quando ele estiver psicologicamente mais estabilizado. A própria Polícia está mantendo o caso sem divulgação, pois há uma sindicância em andamento, para averiguar como ocorreu o insólito caso de o filho ser doador do pai. Se à Polícia cabe investigar e apontar a falha, bem como os culpados, à Medicina o que importa é a recuperação do paciente, principalmente como ajudá-lo, nessa sobrevida, a administrar emocionalmente tão inesperado acontecimento.

Repassou ainda seu pensamento:

– Como o nosso Ari é homem de destaque na sociedade, imaginem o barulho que a imprensa fará quando o julgamento iniciar e a verdade for anunciada...

– Há um outro problema – atalhou Angelina –, quem dirá a ele?

– Eu! – quase gritou Luíza.

– E vamos dizer em casa – sugeriu Meire, também em tom decisivo.

– Muito bem, Luíza, então, já sabemos que mais ou menos em três semanas, todos reunidos, em sua casa, você dirá ao Ari o que houve. Vamos convidar o Américo para estar presente.

Dizendo isso Angelina olhou significativamente para Meire e concluiu:

– Temos que convidar mais alguém...

Todos se entreolharam, desentendendo. Ela explicou:

– Indispensável convidar Jesus!

Decorridos três dias, Angelina e Meire haviam desenvolvido intensa camaradagem, logo evoluindo para sincera amizade, fato que os anos aguardavam.

Estando quase que o tempo todo com a neta, Angelina percebeu os sinais exteriores da "síndrome da abstinência" (ansiedade provocada pela abstenção das drogas) que Meire apresentava, em diversas ocasiões ao dia. Convidou-a:

– Estou vendo que você está lutando valorosamente para combater o vício e que isso está trazendo-lhe angústias. Somente com o espírito fortalecido conseguimos grandes vitórias, como essa na qual agora você está empenhada. Contudo, nunca ninguém está sozinho, em nenhuma situação da vida, principalmente nas difíceis. Assim, temos sempre amigos bondosos prontos a nos auxiliar nessas horas e uma forma de assimilarmos essa ajuda é pelo tratamento espiritual de fluidoterapia, isto é, tomando passes.

– Como é que passes podem me tirar a lembrança e o desejo das drogas?

– Fazendo prevalecer a **vontade**, imanente em todos nós, desde que o Criador nos deu a inteligência. Quando a vontade se manifesta, nenhum obstáculo consegue impedi-la de alcançar o objetivo.

– Mas, vó, como a vontade das drogas pode desaparecer?

– Não há "vontade das drogas", Meire. Tanto nas drogas quanto em todos os demais vícios, o que há é invigilância e desrespeito quanto à conservação do maior bem material que Deus nos empresta para nossa vida física, que é o corpo.

– A senhora acha mesmo que o corpo é um empréstimo?!

– E não é? O que acontece com ele quando deixa de funcionar de forma natural ou por destruição voluntária? O espírito leva o corpo?...

Após dar um tempo para a neta refletir, Angelina explanou:

– Do passe espírita só bem resulta, principalmente atraindo amigos espirituais e afastando eventuais sofredores viciados do além.

Mais para não magoar a avó com uma recusa, do que propriamente por concordar, Meire aceitou o convite.

Assim, com a Avó e Ane, foi levada ao Centro Espírita que ambas frequentavam. Meire admirou-se de como tudo ali era tão simples e acolhedor, a começar pelos médiuns passistas, em atividade diurna.

Todas as tardes, um orador tecia comentários sobre várias passagens da vida de Jesus, após alguém ler trechos do "O Evangelho Segundo o Espiritismo", de Allan Kardec. Em menos de uma semana, recebendo passes diários, Meire conseguiu *atravessar o seu Rubicão*<sup>5</sup>, isto é, ultrapassou a quase inexpugnável barreira que delimita a fronteira que separa o viciado do vício. Nela, a atração pelas drogas foi se esvanecendo aos poucos, até desaparecer por completo. Continuou indo ao Centro e em pouco tempo, já era uma das pessoas convidadas a proceder à leitura evangélica, o que fazia de bom grado.

Numa das vezes em que as três foram ao Centro Espírita, no retorno Angelina quis ir a uma perfumaria, da qual era freguesa antiga, para adquirir algum produto, contudo, Ane, dando uma desculpa, pediu para não ir com elas. Estranhando um pouco tal atitude, mais intuitivamente do que por qualquer suspeita, Angelina brincou com ela:

---

<sup>5</sup> - "Atravessar o Rubicão": Essa expressão significa tomar uma decisão audaciosa e irrevogável, qual a que César tomou, quando, então governador da Gália Cisalpina (janeiro de 49 a.C.) atravessou o Rio Rubicão, para marchar com seu exército sobre Roma.

– Não é por seu amor estar no plano espiritual que você deva deixar de usar um perfuminho...

– Ora, dona Angelina, nada disso... nada disso.

– Você sabia – perguntou-lhe Meire – que quase todo mundo gosta de perfume? Até os Espíritos gostam também, só que mais ao natural, vindo das flores... outro dia, lá no Centro Espírita, aquele homem que comenta as lições de Jesus disse que existem perfumados jardins no mundo dos Espíritos, onde é muito agradável fazer meditações e preces.

Emocionada e envolvida pela lembrança de Anderson, Ane confessou:

– Eu e o Anderson sempre nos perfumamos, um para o outro... acontece... que aquela loja que a dona Angelina quer ir é de minhas irmãs... e eu não falo com elas, faz tempo.

Avó e neta respeitaram a recusa de Ane e foram a outra loja.

Por mais alguns dias as três não voltaram ao assunto.

Foi quando Angelina, sob influxo mental do Espírito Abdiel, tomou corajosa decisão e foi à perfumaria das irmãs de Ane, disposta a reatar a amizade entre elas. Chegando, foi atendida por Alice.

– Dona Angelina, como tem passado?

– Bem, graças a Deus. Onde está a Alva?

– Olhe ela chegando...

Prestando atenção no sotaque das irmãs, Angelina reparou como as gêmeas lhe ofertavam a lembrança de alguém que se expressava daquele jeito: Ane.

– Hoje vim aqui buscar três coisas: perfume para mim; fraternidade para três irmãs; e vida para alguém que ainda não nasceu.

Alice e Alva olharam-se, algo desconfiadas, pouco ou nada entendendo.

– O perfume, a senhora pode escolher.

– E quanto à fraternidade e à vida?

– Não sabemos o que a senhora quer dizer com isso...

– Quanto à fraternidade, refiro-me à Ane, sua irmã.  
As irmãs não esconderam o semblante de aborrecimento.

Angelina explicou:

– Sua irmã está em meio às consequências de uma tragédia que a alcançou...

Agora, Alice adiantou-se, pegou nas mãos da freguesa e implorou:

– Pelo amor de Deus, o que aconteceu com Ane? Ela...

Alva começou a soluçar.

Angelina, comovida, enlaçou-as num terno abraço e sem demora explicou:

– Ela está com saúde, não se preocupem. Mas passou por rude golpe, com a morte do companheiro...

– Anderson?! – exclamaram as irmãs, a uma só voz.

Angelina então narrou os acontecimentos que culminaram com o transplante do coração de Anderson. Notando a reação de Alice e Alva, quase em estado de choque, intuiu que aquele era o ponto que desunira as irmãs. Com cautela, inquiriu:

– Minhas filhas, digam-me com sinceridade: foi por causa do Anderson que vocês brigaram com a Ane?

Alva adiantou-se:

– Sim, dona Angelina, a senhora acertou. Anderson conheceu primeiro a Alice, namorando-a por pouco tempo, de modo fútil; logo, também a título de brincadeira, deixou Alice e passou a namorar-me; não demorou e para ganhar uma aposta boba com amigos, deixou-me e foi namorar a Ane. Nenhuma de nós ficou sabendo o namoro anterior dele com as outras. Aí, aconteceu...

– O quê, minha filha? O que aconteceu?

– Ele se apaixonou perdidamente pela Ane e não houve como esconder de nós duas... num momento de sinceridade, confessou para ela sobre a aposta...

– E o que fez Ane?

– Deixou-o, embora ela também estivesse apaixonada. Só que eu e Alice também estávamos apaixonadas por ele...

– Que coisa! Até nisso vocês são parecidas, pois a Ane fala com o mesmo sotaque de vocês duas.

– Eu e Alva somos gêmeas, mas a Ane não é nossa irmã biológica. Seus pais morreram quando ela nem havia completado um ano e nossos pais adotaram-na. Um fato interessante é que muitas pessoas comentam mesmo que nós três, pela convivência, quase poderíamos ser consideradas trigêmeas.

– Realmente, "*há mais mistérios entre o Céu e a Terra do que a vã imaginação do homem pode conceber*", não é mesmo? Mas, quanto ao Anderson, o que aconteceu depois? Contem-me logo... nunca ouvi um caso como esse!

– É incrível mesmo, mas nós três éramos tão unidas e estávamos tão envolvidas de amor por ele, que fizemos um pacto e resolvemos que nenhuma de nós jamais sequer o olharia. Foi aí que aconteceu nossa briga, ele não se conformou em perder Ane e num dia que estávamos juntas as três, confirmou que o namoro com Alice e comigo havia sido de brincadeira e aposta, mas que com Ane fora diferente, eis que a amava de toda a alma e de todo o coração. Ane não resistiu a essa encantada declaração de amor e quebrou o pacto.

– Entendo... entendo...

Fazendo longa pausa, Angelina ousou:

– Deus pode reunir vocês quatro...

Alva e Alice entreolharam-se, certas de que a cliente delirava.

Angelina, com a maior calma possível, então propôs:

– Não sei se vocês sabem, mas sua irmã sofre de anovulação, isto é, seu organismo não tem ovulação regular... e o que ela mais quer é ter um filho... do Anderson.

Não restavam dúvidas, a freguesa estava mesmo delirando, pois acabara de narrar que ele havia morrido.

Com bondade, contornaram o embaraço:

– Talvez uma outra hora nós possamos continuar conversando. Agora a senhora nos dá licença?



– Mas, minhas filhas, não pensem que estou fora de juízo... só queria contar para vocês duas o problema da sua irmã.

Fazendo um olhar maroto, logo completou:

– Vocês podem ajudá-la a ser mãe.

Alice e Alva, delicadamente, desconversaram:

– Podemos sugerir um perfume que acaba de ser lançado?

– Podem. Agradeço. Mas, antes, ouçam... como o organismo da Ane não produz óvulos de forma regular, não poderá engravidar, a menos que se submeta à fecundação assistida, sendo utilizados óvulos doados por mulheres saudáveis. Isso possibilitaria a ela realizar o sonho de ser mãe.

– Por favor, dona Angelina, o que isso tem a ver com nós duas?

– Tudo! Então não percebem? Quem melhor do que vocês, que não são consanguíneas, para doar a ela seus óvulos?

– A senhora está sugerindo que nós...

– Exatamente! Por que não? Não são amigas de verdade? Além do mais, isso contribuiria para que vocês três se unissem ao Anderson.

– Mas ainda não entendemos. Como essa doação poderá unir nós três com ele? A senhora não acabou de contar que Anderson morreu?

– Posso assegurar a vocês que meu neto está mais vivo do que nunca!

As gêmeas, agora, concluíram sem sombra de dúvida que a boa freguesa não andava bem da ideia. Bondosas, tentaram encerrar o diálogo:

– Tudo bem, tudo bem, dona Angelina. Agora precisamos fazer uma arrumação na vitrine. A senhora nos dá licença?

Angelina não desanimou. Captou a descrença delas, mas confiante de que agia com espírito de caridade, "detonou" um esclarecimento e uma informação:

– Quando digo que o Anderson está vivo, tenho dois fortes motivos para afirmá-lo: o primeiro é que ninguém morre, pois

somos espíritos encarnados e a vida do Espírito é imortal, logo, em verdade, ele está vivo; em segundo lugar, quando ainda estava revestido da roupagem terrena, o corpo físico, ele e a Ane descobriram a deficiência ovular dela quando tentaram e não conseguiram a paternidade-maternidade. Aí, decidiram que o filho seria gerado por reprodução assistida, utilizando espermatozoide dele e óvulos doados, que após serem fertilizados em laboratório, seriam implantados no útero dela.

As irmãs ficaram atônitas. Jamais poderiam imaginar tal desdobramento na vida de alguém. E elas, de alguma forma, estavam capturadas pelas teias insondáveis do "destino".

Perplexas e quase sem acreditar naquilo tudo, ouviram Angelina concretar a inédita e ao mesmo tempo heroica e surpreendente proposta:

– Na clínica médica que atendeu aos dois, está congelada a porção de esperma do Anderson que seria empregada nas tentativas da reprodução assistida. Assim, como Ane quer perpetuar a memória física dele num filho, precisará de óvulos a serem artificialmente fecundados. Minha ideia, caso vocês aceitem, é que façam doação de seus óvulos à clínica de reprodução assistida, os quais poderão ser para Ane, após ser comprovada a não consanguinidade entre vocês duas e ela. E se seus óvulos não se adequarem à Ane serão mantidos no "banco de óvulos" para futura utilização em pacientes que vocês jamais conhecerão, mas tal doação substituirá os que forem aplicados em Ane, também de doadoras desconhecidas. Com isso, estarão dando passo definitivo para restabelecer a fraternidade entre Ane e vocês.

Após um instante de silêncio informou:

– Fiz umas perguntas a um médico ginecologista e ele me informou que o ideal será a fertilização de quatro óvulos, pois as chances de prosperar a gravidez são de vinte e cinco por cento.

Ante o espanto crescente das irmãs, desanuviou-lhes a apreensão:

– Antes de ser uma doação de óvulos, considero que tal ato seria suprema doação de amor. Imaginem, meninas – brincou –, quando a criança nascer, vocês serão mais que tias... a mãe será mesmo Ane, não há dúvida, mas, perguntem ao seu coração o que sentirão pela criatura que indiretamente nasceu com essa linda participação de vocês...

Aturdidas, as duas mal conseguiam raciocinar.

Tantos eram os desdobramentos daquilo tudo que a mente se lhes embaralhava as consequências. Havia "um milhão" de perguntas a serem respondidas, antes de uma tomada de decisão.

Solteiras, entendiam que participar tão ativamente daquela experiência, seria algo tão fantástico quanto maravilhoso.

Angelina, do alto da sua vivência e sob influxos do Bem, sempre intuída por Abdiel, brincou:

– Até que seria engraçado vocês três ficarem grávidas, ao mesmo tempo, sendo solteiras e sem que isso decorra de ato sexual.

As irmãs se descontraíram em parte e Alice questionou:

– Que história é essa de nós três engravidarmos?

– Brincadeira minha. Grávida, fisicamente, só ficaria a Ane. Quanto a vocês duas, seriam "grávidas morais".

– E quando o neném chegar – interferiu Alva – seremos também "mães morais"?

– Isso quem tem que responder, como já disse, é o coração de vocês. Da minha parte devolvo com outra pergunta: por que não?

De fato, a proposição de Angelina era surpreendente.

Talvez, no mundo todo, desde a primeira mulher na face do planeta, essa era a mais insólita perspectiva de participação feminina na maternidade, três mulheres, coadjuvantes de uma só gravidez.

Ante o olhar cada vez mais fulgurante de Angelina, promotora daquela ideia, e à lembrança de Ane, e ainda sabendo

Anderson morto, as duas jovens, enternecidas, como se um cronômetro íntimo lhes regulasse os sentimentos, abraçaram-se.

Lágrimas silenciosas e em queda pausada pelas faces testemunhavam a profunda emoção que lhes visitava a alma.

A concordância de ambas era eloquente, conquanto muda.

O olhar de Angelina, se possível fora, brilhou ainda mais.

Para emoldurar aquele instante maravilhoso, Angelina olhou para o céu e exclamou:

– Vocês acabam de assinar um contrato...

Quase que já entendendo as sucessivas metáforas daquela simpática quão bondosa freguesa, as irmãs olharam-na com ternura, aguardando a decodificação da frase, que não tardou:

– ... com o amor! A doação de vocês em favor da Ane constitui um dos mais sublimes gestos dos seres humanos, uns para com os outros: transplante de amor.

Respirou fundamente, enchendo os pulmões de ar e suspirou, complementando:

– Se vidas são salvas nas doações de órgãos para transplantes, a doação de vocês irá além, pois demandará o plano espiritual, de onde alguém virá se beneficiar da sagrada oportunidade da reencarnação.

Finalizou, emotiva e também às lágrimas, sempre com o olhar no céu:

– Jesus, o sublime Geneticista da Caridade, certamente comandará os passos de todos os envolvidos, "de cá e de lá". Se esta for a vontade do Pai, vocês serão "tias-mães", ou "mães-tias", não sei.

Em simbiose fraternal, testemunhada por protetores celestiais, as três abraçaram-se demoradamente.

Quando Angelina contou a Ane seu encontro com as irmãs dela e especificou o que conversaram, a jovem perdeu o fôlego, de um só lance entreviu a perspectiva de materializar seu sonho

dourado, ao tempo que retornava à fraternal amizade com Alice e Alva. Disse:

– Dona Angelina, nem sei como agradecer-lhe... no entanto, há coisas que precisam ser analisadas.

– Quais, minha filha?

– A primeira é que, em sinal de respeito à família do Anderson, mesmo que dona Luíza e Meire estivessem de acordo com isso, há o fato de o senhor Ari estar vivendo momentos delicados; na sua condição atual, como reagiria ante a verdade do transplante e depois, o que pensaria sobre o nascimento de um neto ou neta, pela paternidade do Anderson? Sinceramente, não sei se este é o momento certo e nem se ele deve também ser consultado.

– Você tem outras preocupações?

– Sim, há o fator financeiro. Sei que essas intervenções médicas custam caro... eu e o Anderson pesquisamos junto com os médicos e ficamos sabendo que nem sempre o objetivo é alcançado com apenas uma tentativa, havendo casos em que foram feitas várias tentativas e nem assim deu certo.

– Nessa parte do dinheiro, fique tranquila. Deixe por minha conta, pois como já disse, tenho condições de bancar as despesas. Meu bisneto, ou bisneta, merece. Agora, quanto ao momento delicado que vivenciamos, por causa do Ari, concordo com você. Sugiro que conversemos com Luíza e Meire.

E assim, quando Angelina, na presença de Ane, expôs a Luíza e Meire seu plano de ser bisavó e questionou a oportunidade de realizá-lo, deixou a filha e a neta sem fala, mas exultantes.

Ante o que acabaram de ouvir, isto é, a possibilidade de Anderson, "agora no Céu", ser pai aqui na Terra, "de forma científica", foi uma dessas fantásticas surpresas da vida, em que a realidade supera, e muito, a ficção. Luíza e Meire, eletrizadas, literalmente "voaram" em direção a Ane, cobrindo-a de beijos. Em ambas, falou alto o sublime instinto natural que a mulher traz

consigo e, mergulhadas na lembrança do filho e irmão, em coro, aplaudiram. Luíza dirigiu-se a Ane:

– Até parece coisa do outro mundo, pois se tudo der certo, teremos outro pedacinho do Anderson conosco. Você precisa ficar morando conosco. Aceite, por favor!

Sensibilizada e grata, Ane aceitou.

– Louvado seja Deus! – exclamou Angelina, grata a Jesus.

Quanto a Ari, a futura chegada de um neto, ou neta, filho ou filha de Anderson, essa era uma segunda notícia forte que ele, inevitavelmente, teria que receber. A dúvida era quando e como lhe repassar as duas extraordinárias informações, uma tão triste e outra, tão alvissareira. Desembocando, a primeira, na morte do filho, salvando-lhe a vida pela resultante do transplante do coração dele, e a segunda, na possibilidade de que Anderson, mesmo estando na *Pátria dos Espíritos*, gerar um filho biológico.

Os avanços da Biogenética têm mostrado à humanidade que Deus, infinitamente misericordioso, proporciona aos homens infindáveis maneiras de facilitar-lhes a áspera caminhada terrena.

Se a Ciência irá bem ou mal empregar tais possibilidades, que fluem diretamente sob orientação do Plano Maior, essa é uma questão que o livre-arbítrio do homem determinará, como vem determinando desde sempre.

O progresso científico não chega à Terra aleatoriamente. Não.

Em verdade, Espíritos Siderais, sob orientação do Mestre Jesus, nosso Governador planetário, em obediência às condições estabelecidas por Deus na Lei do Progresso, e nas demais Leis Morais, fazem aportar na superfície terrena, via missionários especiais, as descobertas que revolucionam o viver físico e moral na face do planeta.

Assim é que no campo da genética, em particular, o que se vê é a descoberta na frente da ética, isto é, o fato antecedendo à previsão social, à lei.

Outra não tem sido a causa da perplexidade do homem diante daquilo que pode ser manipulado num laboratório, quanto à vida.

Prudente será que a direção de todos os procedimentos seja aquela indicada pelo Evangelho do Bom Pastor – a bússola cristã, cuja agulha-diretriz invariavelmente está voltada para o polo magnetizado pelo bem.

Jesus foi quem imantou a agulha dessa bússola, quando declarou que de dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas, na frase sublime e inesquecível: "*Amor a Deus, sobre todas as coisas, e ao próximo, como a si mesmo*".

## 13 Bendita dor

A recuperação e início da convalescença de Ari transcorreram segundo as previsões e, por isso, em três semanas, recebeu alta hospitalar, devendo, contudo, ter acompanhamento médico permanente, por cerca de mais um mês.

Inúmeras reuniões antecederam a alta hospitalar.

O doutor Renato convocou Luíza, Meire, Angelina, Ane e sugeriu também a presença do doutor Américo, para repassar-lhes algumas instruções a serem observadas no pós-operatório. Bem-humorado, disse:

– Não pretendo dar-lhes aula sobre a convivência doméstica, contudo, nosso Ari exigirá de todos nós, principalmente dos familiares, alguns cuidados especiais.

– Por favor, doutor Renato – atalhou Luíza –, diga-nos com toda sinceridade o que deveremos fazer e como proceder daqui para a frente, de forma que o Ari fique totalmente bom.

– Bem, a Medicina tem como verdadeiro e corrente que, no pós-operatório próximo ao tempo da cirurgia, muitas são as reações possíveis de acometer ao paciente, tanto de ordem psicológica, quanto orgânica, ou, talvez, entrelaçadas ambas, dando origem as primeiras, às segundas. Vejamos algumas delas:

“No campo das ocorrências orgânicas prevalecem alterações gastrintestinais, anomalias funcionais dos rins, problemas respiratórios, sendo um quadro grave o relativo à possibilidade de infecção; mais graves ainda seriam a debilidade geral por imunossupressão e finalmente, a rejeição”.

Angelina, atenta, não conseguiu segurar um comentário:

– Nesse caso de rejeição, tenho razões fortes para crer que no Ari será mínima, pois traz em si mesmo o coração do filho. E eles eram amigos, ou melhor, pouco antes do Anderson morrer tornou-se amigo do pai, ao vê-lo doente. Primeiro sentiu compaixão, logo



passando a sentir o amor filial, que estava encoberto pela dedicação paterna às empresas da família.

– Respeitando seu ponto de vista, até que vejo com bons olhos a hipótese. Falando da rejeição, como as drogas usadas buscam inibir o sistema imunológico do transplantado, surge o problema do uso perpétuo. Aí, como decorrência, o paciente estará sempre sujeito a contrair doenças infecciosas, pois aquelas drogas impedem a defesa natural. Hoje, talvez esse seja o maior desafio para a Medicina: evitar a infecção dos pacientes portadores de órgãos estranhos sem destruir o maravilhoso sistema imunológico humano.

Como ninguém perguntasse nada, doutor Renato continuou:

– Já quanto ao clima psíquico decorrente de tão importante ocorrência, um transplante cardíaco, sem dúvidas, é uma nova etapa existencial que se inaugura, quase um renascimento.

Ansiosos, todos aguardaram que Renato explicasse:

– Tão profundas são as emoções do indivíduo salvo pelo transplante, que o inter-relacionamento humano adquire novo formato:

a. primeiro, a supervalorização da vida que o paciente dá a si mesmo, já que a sua, esteve no limiar da cessação anunciada;

b. após, olhando o mundo dessa nova janela, até os desconhecidos transeuntes também são contemplados com mais respeito;

c. há uma natural e grata exaltação da equipe cirúrgica que o atendeu; não que mereçamos, mas é o que acontece – registrou Renato, humilde, logo prosseguindo:

d. a seguir, otimiza a existência dos enfermeiros, que se desdobraram em cuidar dele, às vezes, dando-lhe a impressão que o consideravam *a pessoa mais importante do mundo*; na verdade, naquele momento, de fato o era;

e. por fim, vocês irão observar que até mesmo os serviços, tanto do hospital quanto da sua própria rua, bem como os que atendem na residência, vão passar a ter um valor incomensurável

para o Ari, pois lhe ocorre "que eles têm um coração sadio", e isso, ele bem o sabe, não tem preço.

Fazendo uma pausa, doutor Renato prosseguiu:

– Na esfera das emoções advindas das atividades profissionais, sociais ou do convívio familiar, é certo que se amenizam, fortemente, possíveis tendências anteriores para o atrito... vocês e os funcionários das empresas do Ari irão perceber que ele se tornou mais passivo, mais tolerante. Embora sem deixar de ter a mesma personalidade, o fato é que sempre há acréscimo de saudável bom senso.

– Bendita dor! – exclamou Angelina, sempre impulsiva.

– Do ponto de vista médico, isso é verdade, desde que a consideremos como mensageira de anomalia a requerer urgente socorro...

– Mas há outro ponto de vista, se o doutor me permite...

– Estou ouvindo-a, dona Angelina.

– Nós, espíritas, longe de trilharmos pela senda masoquista, mas tão somente confiantes na Justiça de Deus, sabemos com fé plena que os sofrimentos são mecanismos de alerta, exigindo cuidados com nosso corpo, mas, mais importante que tudo, não deixa também de ser um acontecimento abençoado, pois sabendo da Bondade do Pai, aquela dor que nos visita necessariamente tem origem em algum desvio de nós próprios. E se nada fizemos para merecê-la, aí, a lógica e a razão gritarão que o erro foi cometido mais lá atrás... em outras vidas. Mas penso como o senhor, nesse caso do Anderson, o Ari não tem estrutura psicológica para assimilar – sem grave desequilíbrio espiritual, acrescento eu –, tão pungente acontecimento... aliás, imagino que talvez pouquíssimos pais, no mundo todo, teriam tal estrutura.

– Incluir a lógica e a razão, nesse contexto, é algo muito interessante, dona Angelina. Quando puder, gostaria de conversar mais um pouco sobre isso com a senhora.

– Estarei sempre às suas ordens. A bênção que contempla os pacientes espíritas é justamente o entendimento da lei de ação e

reação que expressa a Justiça Divina. Sabendo que a doença bem como seus transtornos são consequência de sua própria invigilância, desaparece a revolta e surge a calma, fator decisivo para a cura.

Em todos, bailava silenciosamente, a cruel expectativa de como informar a Ari sobre o doador. Considerando que seria impossível esconder-lhe a realidade, a família, com o aval do cirurgião e do doutor Américo, optou por contar para o Ari em duas etapas: a primeira, informando-lhe sobre a morte do filho; a segunda, sobre o transplante, alguns dias após.

De fato, antes de deixar o hospital, acompanhado da esposa e da filha, que foram buscá-lo, Ari voltou a perguntar pelo filho e Luíza disse que ele continuava viajando.

Ao ver-se no trânsito, Ari não conteve as lágrimas, estava de volta ao mundo. Nunca a vida lhe parecera tão querida, tão linda, tão amada, tão sublime. O Sol (que no dizer de Leonardo Da Vinci é *a sombra de Deus*), namorando a manhã, com certeza – essa a impressão de Ari –, estava "pessoalmente" dando-lhe as boas-vindas, inaugurando um novo viver para ele. Prosseguiu refletindo:

"Como é linda minha cidade. Como é bom estar vivo! Vou seguir os conselhos do doutor Renato e tomar cuidado. Quero, sim, continuar as atividades empresariais, mas nunca mais as coisas serão as mesmas; se eu tiver uma serra inteira, só de montanhas de mármore verde, ainda assim serei sempre mais pobre do que um mendigo que tem o coração saudável".

Completou suas reflexões:

"Quanta gente tem o coração em perfeitas condições e nem sabe o que isso representa... sim, o valor de um coração sadio é maior do que montanhas e montanhas de mármore verde!".

Repetimos: bendita dor!

Professora eficiente, convocada pelo próprio aluno réprobo, leciona-lhe aulas individuais e inesquecíveis, recondu-lo ao caminho

do reto proceder, o balizado pela prática do bem, isto é, do amor ao próximo.

A dor, em si, não é uma criação, nem divina, nem humana: em primeiro lugar, porque só "*Deus é a Inteligência Suprema e o Criador de todas as coisas*", na sábia resposta espiritual à questão primeira de "O Livro dos Espíritos", de Allan Kardec; em segundo lugar, porque o homem não cria nada mesmo, sendo, contudo, como o é, coadjuvante da obra de Deus, não raro agindo, isto sim, como cocriador.

Feita esta consideração, há que se questionar:

"Se nem Deus, nem o homem, criaram a dor, quem a criou?"

"Ninguém, porque ela não é uma criação. É consequência. Um mecanismo de salvaguarda e alerta, este sim, engendrado pela Engenharia Divina, com vistas a impedir ao homem a perpetuidade no mal, impulsionando-o ao progresso moral".

Por isso, quando alguém comete um ato falho, assume a responsabilidade da reação, configurada em retorno, semelhante e proporcional ao dano causado a outrem.

"Há bênção maior, para aquele que erra?"

Surge, contudo, a instigante questão da dor nos animais.

Mas aqui também a dor é amiga, agindo como salvaguarda da sobrevivência deles, depurando-lhes o instinto, na longa feira evolutiva rumo à inteligência.

Supondo a inexistência da dor, aí sim, poderiam existir os "réprobos eternos", posto que o arrependimento talvez jamais os visitasse a alma, ou a consciência. E, no desdobramento da hipótese, esses réprobos, conquanto não "ardessem eternamente no inferno", também eternamente estariam distantes da felicidade, o que contraria o estatuto do Pai ao criar Seus filhos, "simples e ignorantes", mas pré-determinados à evolução moral e inexoravelmente fadados a serem felizes. Graças a Deus! Graças e graças a Deus!

Ari, naqueles instantes mágicos, vivenciando felicidade, mesmo que passageira, conquanto intensa, compreendeu o significado do "desprendimento dos bens terrenos" e o valor "dos tesouros acumulados no Céu", que Jesus tanto proclamava.

Em júbilo emocional por estar vivo, o órgão sadio que ora pulsava forte em seu peito infundia nele uma vontade incoercível de mandar Marcelo parar o carro, para poder abraçar uma por uma das pessoas que andavam pelas ruas e gritar-lhes, em alto e bom som, que eles não sabiam quanto vale um coração saudável.

Luíza e Meire estavam com ele, felizes também pelo seu retorno ao lar. O doutor Américo foi convidado a acompanhá-los, mais por amizade do que por precaução, ante qualquer eventualidade com Ari.

Meire, há alguns dias, vinha observando Américo de modo a tentar surpreendê-lo demonstrando algum sentimento mais forte por ela. Estava justamente pensando nisso quando, ao olhá-lo, sentiu uma agradabilíssima sensação percorrer-lhe o corpo todo, pois ele a olhava, com olhar apaixonado.

Ao chegarem, Ari desceu do carro lentamente.

Olhou para as flores, que pareciam sorrir-lhe.

Entrou. Angelina abraçou-o, terna. Viu Ane.

Pensou: "Quem será essa bela criatura, que neste momento tão importante fita-me com tanta intensidade?".

Antes que alguém a apresentasse, ela própria dirigiu-se a ele e num gesto que a emoção e a espontaneidade comandaram, abraçou-o.

Soluços fortes denunciaram que sentimentos fortes envolviam-lhe a alma.

Ari, a princípio surpreso, logo retribuiu o abraço carinhoso, eis que o calor humano da bela jovem, indene à sensualidade, mas pleno de fraternidade, funcionou como reconfortante emulação que só a simpatia imediata entre duas pessoas pode proporcionar.

Em feliz simbiose espiritual, Ari e Ane sintonizaram o afeto puro que une as criaturas recém-advindas da dor, física ou moral.

– Sou Ane...

– A companheira de Anderson – houve por bem esclarecer Angelina.

– Meu filho... onde está ele? Que viagem tão longa é essa e o que anda fazendo que nem sequer me telefonou? Ainda viajando? Para onde?

– Meu Ari, quantas perguntas – repreendeu-o Angelina, logo aduzindo. – Vamos conversar e responder tudo, mas primeiro tenho um pedido para fazer...

– Sim... qualquer coisa.

– Gostaria de que todos me acompanhassem numa prece de agradecimento pela sua volta.

– Claro, claro! – anuíram todos.

Pedindo aos presentes que se assentassem, na ampla sala de visitas e tomando um exemplar de "O Evangelho Segundo o Espiritismo", pediu que Ari abrisse o livro *ao acaso*. Ari fez isso e devolveu o livro à sogra, que leu o Capítulo 8, no qual o Evangelista Mateus (5:8), assim reproduziu o sublime momento em que Jesus conclamava à felicidade os seus discípulos, no inolvidável Sermão do Monte, e, tendo já feito cinco exortações das bem-aventuranças, proclamou a sexta, com as palavras:

*"Bem-aventurados os que têm puro o coração, porquanto verão a Deus".*

Foram todos tomados de forte emoção pela "coincidência" da lição evangélica enfocar justamente "coração", naqueles momentos expressivos do recém-transplantado cardíaco estar de volta ao lar.

Coincidência?

Não! Não há coincidência alguma nos planos da Vida, mormente quando esses planos dizem respeito a fatos morais, ou mesmo atos físicos, mas de consequentes espirituais. É fato sabido entre os que buscam Jesus, pela leitura de "O Evangelho Segundo o Espiritismo", que normalmente, nos momentos mais importantes, a lição que se oferece ante abertura aleatória das páginas é sempre a

mais adequada a transmitir o ensinamento e o conforto que se estava precisando.

Olhos humanos não vinham registrando, mas naquela casa, graças às benéficas vibrações e preces desde que ali fora instalado o "Culto do Evangelho no Lar", por Angelina e Ane, inúmeros Espíritos bondosos passaram a frequentá-la. Naquele dia, em particular, a convite de Abdiel, para ali haviam sido atraídos mais alguns, desde antes da chegada da família, estacionando, eles também, em preces.

Recepcionando os visitantes espirituais, destacava-se a figura iluminada do protetor familiar.

Concluída a leitura do trecho evangélico, Ari, impaciente e algo inquieto, perguntou, dessa vez com mais energia:

– Muito bem... onde está meu filho? Vão me dizer? Não é possível que ele não estivesse aqui, ou que pelo menos me telefonasse. Será que aconteceu alguma coisa com ele e vocês não querem me contar?

Luíza, qual dique que sucumbe à irresistível pressão do acúmulo de águas, irrompeu em lágrimas aflitas, sendo presa de emoções que a impediam de olhar para o marido e falar.

Abdiel sopesou de instantâneo o momento crítico que se instalara, irreversível quanto à revelação da verdade. Colocou a destra na frente de Meire e induziu-a a tomar a rédea da situação. Com inaudita calma, jamais suspeitada pelos familiares, a filha sussurrou, em tom sereno e pausado:

– Está nos braços de Jesus...

Ari não assimilou de pronto a amarga verdade que aquelas palavras traziam em seu bojo. Como que visitado por súbita ausência mental, o cérebro, em defesa, e sob comando do espírito, recusou-se a promulgar o entendimento.

Qual se saísse da órbita terrena, o pensamento de Ari deu um salto "galático" e perdeu-se nas profundezas abismais do espaço infinito.

O Espírito Abdiel aproximou-se dele e num gesto de impacto, espalmou a destra na região cardíaca e a outra mão no alto da cabeça.

Os centros vitais de Ari transbordaram da benéfica transfusão energética de fluidos vitalizantes e logo ele empreendeu o retorno daquela "fantástica viagem", que nem sequer durou um segundo, mas que projetou seu pensamento a incalculável distância, na tentativa de fugir da realidade presente ali naquela sala.

Olhou Luíza, em pranto convulso, doloroso.

Angelina tinha o olhar cintilante, brilhando mais pelas lágrimas represadas que se acumulavam, prestes a despencar.

Ane, ainda comovida, começou também a soluçar e logo veio apoiar a cabeça no seu peito, com extrema delicadeza.

Meire, muda, tomou-lhe as mãos e beijou-as.

Américo, o único a sustentar o olhar de Ari, extremamente interrogativo, apenas fez um gesto fraternal abaixando lentamente a cabeça, por três vezes, como que respondendo à pergunta que ainda não tinha sido feita. A que Ari desferiu:

– O Anderson... ele... morreu?

Américo sentiu-se no dever de responder:

– Seja forte, meu amigo, como nunca antes foi. Busque em Deus a força de que todos aqui precisam e que só você poderá lhes dar...

– Eu?! Eu?! Mas como, Américo?!

– Aceitando os desígnios divinos. Não há alternativa para todos prosseguirem vivendo em relativa paz se não sentirem que você aceitou como sendo justa a dolorosa realidade.

• • •

Naquele momento, Américo julgou por bem que era chegada a hora de Ari saber que o filho morrerá, e de que forma.

Quanto ao transplante, ainda não.



O doutor Renato houvera advertido à família de que prudência máxima teria que ser observada com a finalidade de ocultar a identidade do doador a Ari, por algum tempo. Mesmo sem tal recomendação, todos intuíaam que seria por demais arriscado ele conhecer aquela verdade.

Advertira o doutor Renato:

– Qual pai, no mundo todo, tem estrutura psicológica ou suporte espiritual, como sabiamente se refere dona Angelina, para conviver com tão fantástica realidade?

Ari olhou à esposa, como se não a conhecesse, seu olhar trespassou-lhe o físico, o espírito e foi para longe, longe. Olhos embaçados, sem piscar por prolongados e perigosos instantes, nada disse, nada fez. A respiração quase foi suspensa, pois o cérebro, ante a dolorosa notícia, recusou-se a aceitá-la, contrapondo-se de forma vigorosa, do que resultou desaceleração dos comandos das ações orgânicas vegetativas.

Dir-se-ia, quem olhasse Ari naquele momento, que não tinha sangue, pois suas faces espelhavam lividez anormal, prenúncio evidente de choque físico geral. A nenhum dos presentes escapou o temor de algo grave, prestes a suceder-lhe.

Agindo mais por impulso do que por qualquer outra circunstância, Meire envolveu-o por trás, num abraço, colando o rosto na face paterna. A adrenalina que superlativamente a agitava naquele momento, conferia-lhe calor à epiderme, que aqueceu o rosto gelado do pai, tanto quanto o amor filial, exacerbado, que lhe extravasava da aura, então radiante ao dobro, transferiu energia que reverberava na dele, reconfortando-o.

Sem que uma única palavra fosse dita, Meire pensou em Deus.

Aquela foi sincera prece, pedindo ajuda divina.

Com as portas da Caridade abertas largamente por Meire, no mesmo instante o Plano Espiritual ocorreu e socorreu Ari, sob influxo do Amor que comandara o gesto da jovem, secundada por Luíza, Angelina, Ane e também o doutor Américo.

Foi instantâneo o atendimento.

O Espírito Abdiel, mais uma vez, auxiliando aquela família, colocou a destra no tórax de Ari e a outra mão no topo da cabeça de Meire, promovendo imediata conexão espiritual entre pai e filha. Abdiel, assim, funcionou como veículo de transfusão dos fluidos de Meire para Ari, potencializando-os com os próprios. Outras fossem as circunstâncias, Ari teria tido desarranjos cerebrais graves, ou mesmo ido a óbito.

O Amor realiza maravilhas que a mente humana desconhece.

Num segundo, fruto porém de incontáveis acontecimentos que várias existências sobrepuseram, uns aos outros, ela quitou pesadíssimo débito – não com o pai, mas perante a consciência, pois muitos séculos atrás adicionara ao seu passivo moral fatos negativos, prejudicando desafetos, resultando, em alguns deles, a demência, e noutros, a morte.

Após várias etapas existenciais, nas quais pervagou com a loucura, na presente obtivera quitação parcial, predispondo-se, sob inescapável ação da consciência, à reconstrução do que houvera destruído.

Quando os erros de alguém se acumulam, surge a escalada da dor, como bendita interrupção. Fato esse que a Justiça Divina administra, sempre com amor e tolerância.

Se o reequilíbrio moral se instala após serem ouvidos os altos brados da consciência, antecedendo aos sofrimentos que o réprobo atraiu para si mesmo, a quitação se dará da melhor maneira que há para o resgate: em ações beneméritas, a benefício do próximo.

Ao contrário, se há recalcitrância e indignação, diante da surdez sistemática e dos descaminhos morais, com prejuízo crescente ao próximo, mas principalmente a ele mesmo, aí não haverá alternativa àquele que teima no erro, perderá temporariamente o livre-arbítrio, eis que entrará em vigor a sacrossanta *lei da inexorabilidade*. Aparentemente abandonado aos próprios desatinos, não mais prejudicará alguém, estagiando por tempos às vezes demorados em ambientes de tanta hostilidade, que

cedo ou tarde, *mas inexoravelmente*, ouvirá os conselhos da consciência. Nesses terríveis momentos, em que a solidão já acumulou incrível patrimônio de reflexões, uma só emergirá desse mar de dores, o arrependimento sincero.

No mesmo instante, será reconduzido pelos jamais ausentes Benfeitores do Mais Alto, ao melhor lugar para o preparo da retomada do progresso espiritual.

Dessa forma, a quitação das dívidas morais será sempre orientada por prepostos do Mestre Jesus – o intermediário entre nós e o Pai –, os quais, com sabedoria e tolerância, são os doadores permanentes do Amor de Deus para com Seus filhos.

Bendita dor!

## 14 O lar e o ninho

Ante o vigoroso "transplante espiritual" da filha para ele, invisível a todos os encarnados, Ari retomou consciência, pois com o enfraquecimento do espírito, ao receber a notícia da morte do filho, esforçara-se em desligar-se da sua fragilizada prisão orgânica, naquele momento também fragilizada.

Em outras palavras, aquele lar tinha sido cenário da tentativa de suicídio por parte do chefe, e de como a filha havia conseguido evitá-lo, desencadeando a sublime ajuda do Plano Maior, via Abdiel.

– Anderson... Anderson...

Mais Ari não conseguiu balbuciar, eis que lhe desabou uma torrente de lágrimas que vinha sendo há tempos represada, por angústias e medos, desde a eclosão da doença que o acometera. A tristeza de agora, muito maior do que qualquer emoção paterna, encontrou no pranto a válvula de escape ante tamanha pressão.

Se as palavras expressam o que nos vai pela mente, o choro ou o sorriso são a voz da alma. E ali, a alma do pai falava quanto amava o filho.

Meire, ao ver o pai reagir, imbuída de alegria ímpar, começou a rir e a chorar também, evidenciando que almas têm mesmo inexplicáveis formas de se manifestarem, pois como é que o choro pode ser de felicidade?

Ane, com a simplicidade própria das pessoas que se conformam com a adversidade, fruto da fé na Justiça Divina, tomou a mão de Ari, beijou-a e murmurou:

– O Anderson só pode estar com Jesus, pois quem no mundo foi, é e será sempre tão amado?!

Com os olhos marejados, foi corajosa:

– Tão grande é meu amor por ele que só não me entrego ao desespero pela esperança de um dia retomar minha caminhada ao seu lado.

Num incontido impulso, anunciou:

– Se Deus quiser, essa retomada já vai começar...

Ari, agora algo refeito, mas pouco entendendo do que falava Ane, olhava-a extasiado. E ela explicou:

– Se tudo der certo, quem sabe o senhor, daqui uns nove meses, vai se tornar avô?

Ari olhou, na hora, para Meire, que brincou:

– Não olhe para mim... olhe para a Ane.

Ari não conseguiu evitar que seus olhos pousassem na barriga da jovem. E ela, algo coquete:

– Não tem nada aqui, por enquanto...

Mas logo aduziu:

– Anderson e eu planejávamos um filho, mas eu sou "meio defeituosa". Então pensamos na reprodução assistida.

Ari abriu a boca, para entrar bastante ar nos pulmões.

Foi aí mesmo que chorou de felicidade. Na hora lembrou-se de que pagara dívidas do filho, segundo ele, contraídas em "negócios de genética". Então, esses eram os tais negócios: um neto!

Tanto quanto dos pântanos nascem flores lindas, cujo expoente é o lírio, naquela paisagem nublada de tristeza infinda, pela morte do filho, surgia no horizonte um sol esplendoroso, divino com o futuro acenando-lhes a cor da felicidade.

No dia seguinte, Ari pediu a Américo para irem ao jazigo da família.

Lá, depositou flores no túmulo do filho.

Os dois oraram o "Pai Nosso" e depois de algum tempo, mudos, retornaram.

• • •

Por desconhecidos desígnios, naquela família, duas partes vitais de Anderson continuavam com plena potencialidade física.

"Seriam mesmo desconhecidas as origens de tais fatos?"

O Espiritismo, com as luzes esclarecedoras das vidas passadas, vem desvendando aparentes mistérios e esse é apenas mais um deles, no qual, o esquecimento de como tudo se iniciou e se desenvolveu, é bênção que contempla a reparação de más ações, via outras existências terrenas – reencarnações sucessivas.

Quando Anderson foi atingido pelo tiro, pouca noção teve do que havia acontecido, um grande e insuportável calor, a partir da cabeça, percorreu-lhe o corpo todo e em breve momento, menos de um minuto, perdeu a consciência. Olhos humanos não registraram uma cena produzida em nome da Caridade, mas creditada especialmente ao seu merecimento moral, com efeito, emergindo do Plano Espiritual, dois socorristas acorreram de pronto, massagearam seu corpo com uma substância ao mesmo tempo diáfana e luminosa. Por efeito dessa fluidoterapia, o perispírito de Anderson foi, a pouco e pouco, desprendendo-se do corpo físico, nele sobrepairando, quando quase todos os liames que o prendiam haviam se desatado. Só ficou um feixe de relativo teor luminoso, ligando o local do ferimento, na face, ao corpo perispiritual. Seriam necessárias algumas horas ainda para que o desligamento completo se operasse. Nesse espaço de tempo, Anderson, em espírito, permaneceu na maca, adormecido, em razão dos passes que recebera. Os dois socorristas, em preces, ladeando-o.

À volta da maca, qual uma corrente elétrica visível, de cor azulada, faiscava uma fita iluminada em giros ininterruptos e velozes, proporcionando eficiente campo de defesa ao desfalecido. Isso porque cobiçosas entidades desencarnadas, em atitude vampiresca, espreitavam nas cercanias à espera de sorver a abundante vitalidade que se evolava do corpo irremediavelmente danificado.

De fato, completadas poucas horas, desde o início da tragédia até a chegada do corpo dele no Hospital, para aproveitamento de órgãos, foi desligado o último fio perispiritual que ainda o prendia à matéria. Daí, foi levado por uma escolta

espiritual até um posto de atendimento emergencial, devendo ali ficar em sono induzido e velado.

Anderson permaneceria em sonoterapia por tempo necessário à transferência para a esfera espiritual consentânea com seu progresso moral, para mais tarde refazer-se por completo. Lá, então, ele reiniciaria as atividades que deveria encetar, à conta de reconstruir sua vida rumo à continuidade do bemfazer progresso espiritual a que todas as criaturas estão destinadas, por decisão divina.

Socorristas espirituais, especializados em fluidoterapia, devidamente autorizados pelas esferas superiores do Plano Maior, ministraram passes em Anderson, fazendo com que nenhuma repercussão fosse sentida por ele, quando do aproveitamento, em transplantes, dos órgãos do corpo que lhe servira na existência terrena que findara.

E isso não era deferência, mas merecimento.

Apesar de seu corpo ter sido encontrado com o documento de identidade de outra pessoa, Anderson também era um doador voluntário, o que constava de seu próprio documento, que fora roubado. E quando se é doador voluntário, as Leis de Deus, contemplando sempre a valorização da caridade, agem nessas e em todas as demais situações, nas quais, em razão do desprendimento dos valores terrenos, resultam benefícios para o próximo.

Tal é o caso da doação declarada em vida, visando ao aproveitamento múltiplo de órgãos, quando do óbito, muitos serão os pacientes beneficiados.

O mérito é indiscutível.

Contudo, no planeta Terra, as tradições e costumes das diferentes raças forjaram as diferentes civilizações. Por milênios acumulados, quando da morte, a maioria delas vem devolvendo os despojos dos entes queridos à natureza, cujas sábias leis, decompõem-no e reintegram-no à origem.

Por isso, não há como rotular de *não-caridosa* aquela pessoa que não é doadora, nem em vida, nem após. É apenas alguém que,

a bordo do seu direito de escolha, optou pela não-doação, não tendo, por isso, nenhuma crise de consciência.

Pouco a pouco as pessoas vão se acostumando com a ideia dos transplantes, os quais só há cerca de três décadas aportaram no mundo, de forma científica, proporcionando sobrevida e, mais que tudo, esperança para doentes, muitos deles quase sempre terminais, ou com diminuta chance de sobreviver.

Se hoje é ainda pequena a lista dos doadores, sendo grande a dos que deles dependem, talvez possamos imaginar que com o tempo, isso não acontecerá.

O corpo físico, na verdade, é um empréstimo de Deus. Se há esse entendimento, também pode haver outro, o de que os transplantes, assim como todos os demais avanços da Medicina, são possibilidades que a inteligência humana colocou na bandeja da vida, em benefício humano.

Sabendo, finalmente, que não há o acaso, é de se supor que o transplante, visando superar determinada patologia, tem o aval do Bem.

Após o retorno de Ari ao lar, passaram-se alguns dias e naquela casa quatro eram os projetos de vida:

1º - todos se dedicavam à convalescença de Ari, para o que lhe dispensavam carinhos e mimos permanentes; esse apoio psicodinâmico foi de capital importância para sua recuperação;

2º - aproximava-se a hora de Ari saber quem fora seu doador;

3º - por decisão unânime da família, aguardariam que ele se recuperasse um pouco mais da cirurgia, para então realizar a fertilização assistida que iria proporcionar a sonhada maternidade de Ane, bem como transformar Angelina em bisavó, Ari e Luíza em avós, Meire em tia, e Alice e Alva em "mães-coadjuvantes" (parentesco não constante do Código Civil, mas já podendo existir na prática, graças à biogenética); aliás, no coração das seis mulheres, direta ou indiretamente envolvidas com a fecundação



artificial, Anderson estava presente, "mais vivo do que nunca", e também, de forma direta ou indireta, nas várias nuances que o amor possibilita, era amado por todas;

4º - este, oculto, só de Ari. Vingança! Desde que soubera da brutal morte do filho, nele crescia o desejo de vingá-lo. Incontáveis planos mentais vivia traçando para efetivar a desforra que pretendia impor aos assassinos. Debilitado fisicamente, sonhava com a hora em que já restabelecido consumaria o "justíssimo ajuste de contas", segundo pensava.

Quanto ao primeiro projeto, aos poucos foi concretizando-se, pois o operado não passou por alterações que pusessem o transplante em risco.

O segundo, era qual um torniquete mental a apertar a alma dos familiares, que temiam o momento em que não mais seria possível esconder a verdade relativa à doação.

O terceiro, de fato, efetivou-se com êxito, após testes realizados pelo laboratório de genética, certificando-se do não-parentesco entre doadoras e receptora, as irmãs de criação de Ane fizeram a doação de óvulos – dois, cada uma delas – que, após fertilizados com emprego de parte do sêmen de Anderson, foram implantados em Ane.

Decorrido o tempo necessário, foi comprovado ter havido aderência ovular no útero dela. Exames posteriores mostrariam quantos óvulos haviam feito a fertilização prosperar.

Relativamente às despesas, não poucas, quase houve briga, pois todos queriam pagar. Até as gêmeas se julgaram com esse "direito". Mas a autoridade de Angelina, emanada do respeito devido à sua idade, falou mais alto e foi ela quem custeou a sublime experiência. Aliás, essa decisão foi aceita após a velha senhora ter "exigido" uma reunião familiar, para a qual foram convidados os doutores Renato, Américo e o ginecologista de Ane. Nem foi preciso muito esforço para que soubessem o motivo daquela convocação. Em sentida prece dirigida a Jesus, Angelina agradeceu a bênção da Medicina terrena já dispor da tecnologia que ali possibilitava a

presença física do neto, mesmo que parcial, da qual, Deus permitindo, logo o mundo teria mais um bebê e mais uma mãe, três fatos felizes que, do contrário, não aconteceriam.

Quando Angelina concluiu a oração, olhos rasos de lágrimas, o mesmo se dando nos demais, Alva brincou:

– Vamos esclarecer desde já um ponto. Se eu e Alice nem podemos pagar as despesas da nossa irmã Ane, queremos ter o direito de ajudar o filho do Anderson e dela, não apenas como tias, mas sim como "tias quase mãe".

O ginecologista captou o clima fraternal, mas aconselhou:

– Esse direito, só espiritual, mas não legal, o coração de vocês terá, pois pela lei brasileira a doação de óvulos é proibida entre parentes.

Agora foi Alice que "pensou em voz alta":

– E quem tem "direitos cardíacos" o que mais pode querer?

Ari respondeu, do fundo de uma angústia que o atormentava, atalhou:

– Saber quem é o doador...

A tensão chegou quase a nível insuportável.

O próprio Ari contemporizou, dirigindo-se a Alva e Alice:

– Por exemplo, no caso de vocês, assim que meu neto ou minha neta tiver entendimento eu faço questão de contar tudo para ele ou ela.

Quanto ao projeto oculto – o da vingança – Ari ainda aguardava ter condições físicas de realizá-lo. Aliás, em menos de três semanas, já dava mostras de interesse pelos negócios.

À medida que os dias transcorriam, Ari ia cada vez mais ficando intrigado com a inusitada demonstração de carinho que todos lhe dispensavam. Perspicaz, refez de memória a forma como vinha sendo tratado, desde que saíra do hospital.

"É, na verdade, todos me querem bem, graças a Deus! Tanto carinho só me tem feito bem. Imagino que todo e qualquer paciente que seja recém-transplantado do coração, deve mesmo receber tais cuidados. Acontece que sempre que falo na identidade do doador,

noto que eles se entreolham como se estivessem me escondendo alguma coisa. Não é impressão, não. Quando dona Angelina fez a prece de agradecimento pelo êxito da fecundação assistida da Ane, por que as mulheres vieram até mim para encostar o rosto no tórax? Luíza, então, meu Deus, o que significaria o fato de ela beijar-me o peito e explodir em lágrimas? Se eu estou bem, por que as lágrimas tão compungidas?"

Prosseguindo em suas reflexões, meditou:

"Meire, quando viu a mãe beijar-me o peito, olhou espantada para a avó, que também ficou espantada... Por quê? O que teria levado minha filha logo em seguida pôr a mão sobre meu *coração novo* e irromper em lágrimas doloridas?"

Pensou e pensou mais um pouco e lembrou-se:

"Notei que a Ane aproximou-se e acariciou-me ternamente o tórax, demorando-se com a mão sobre o coração. Quando fui espontâneo e disse a elas que *até parecia que amavam mais àquele coração do que a mim*, percebi uma pressa danada delas em dizer que *eu estava enganado...*".

Aí, somando todos esses pensamentos, fez uma última e decisiva reflexão:

"Desde aquele dia todas fazem questão de nem mais olhar para o rumo do meu coração... vou descobrir o mistério que estão me escondendo e já sei como..."

Convidou o doutor Américo para acompanhá-lo num passeio matinal, para irem a um florido jardim do bairro, naquele mesmo jardim, no qual Meire tomara a acertada decisão de livrar-se das drogas.

– Américo – disse ao amigo, quando chegaram e pararam bem em frente a um canteiro de perfumadas rosas. – Você sempre teve minha maior confiança e mesmo nos meus recentes momentos difíceis manteve-se fiel e merecedor da minha amizade, mas sobretudo da minha gratidão.

O médico intuiu o que estava por vir.

Mantendo o autocontrole, para o que a profissão o ajudava, aguardou sereno. Aliás, tinha um hábito mental dos mais salutares: diante de momentos difíceis, ou críticos, de qualquer natureza, sempre mentalizava Jesus, quando dizia aos Apóstolos: "Deixo-vos a paz, a minha Paz dou" (*João, 14:27*).

Na mente de Américo, Jesus estava ali e repetia as mesmas palavras para ele. Dessa forma, sempre fora beneficiado, quando qualquer fato demandava equilíbrio e calma, nos atos e palavras.

Ari foi incisivo:

– Há algo transcendental cercando minha cirurgia, ou melhor, meu coração. Não tenho dúvidas quanto a isso. Chamei-o aqui porque quero que você me conte o que é, pois estou certo também de que você sabe a resposta.

Mais do que nunca, Américo buscou ajuda no Plano Espiritual.

E a ajuda veio. Antes que o médico pudesse dizer pelo menos uma palavra, o Espírito Abdiel aproximou-se e em vigorosa fluidificação, que aplicou em Ari, fê-lo sentir incontrolável sonolência.

Américo amparou o amigo, vendo-o demonstrar tontura.

Sentaram-se num banco e com Ari ainda meio zozno, sob indução do Protetor espiritual, iniciou breve explicação:

– Meu Ari, meu amigo, nunca trairia sua confiança. Para sua família e para mim, nossa maior preocupação desde que soubemos de sua doença, foi tudo fazer para você ficar bom. No seu caso, você esteve a poucas horas da morte, mas por bondade de Deus, aquela não era a sua hora de realizar a grande viagem para a pátria dos Espíritos.

Respirou fundo e prosseguiu:

– Você reconhece que nos planos da Vida sempre ocorre o melhor para cada um? Você crê que isso ocorre aleatoriamente, ou acredita que tudo obedece às leis de Deus?

– Creio em Deus. Sou cristão. Mais não sei...

– Ser cristão, para você, é ir à Igreja e assistir aos cultos?

Respondeu ele mesmo:

– Não, meu Ari, ser cristão é acreditar na Justiça Divina, amando a Deus sobre, todas as coisas, e ao próximo como a si mesmo. É não se rebelar diante das vicissitudes, é perdoar e até mesmo aos inimigos amar.

Ari como que despertou da sonolência:

– Perdoar quem matou meu filho?! Jamais!

– Então, Ari, não se diga cristão...

– Você perdoaria?

– Se colocado diante de tal situação, imploraria a Jesus forças para seguir Seu conselho, não o de perdoar "setenta vezes sete", mas ao menos, uma vez. Uma única vez. Um perdão. Um só, pelo menos.

– Muito bem, Américo. Aonde você quer chegar?

O médico pressentiu que os fatos haviam acumulado evidências e que Ari não se conformaria com explicações que não trouxessem a verdade à tona. Ainda em ligação com as esferas espirituais superiores, intuiu, ou melhor, captou o conselho de Abdiel, também ele em preces a Jesus, para contar o que se passara.

Muitas vezes, diante de situações-limite, qual a vivenciada naquele instante por Ari e Américo, não se pode furtar a uma reflexão: a verdade, inexoravelmente, sempre vence todos os obstáculos que se lhe tenham sido antepostos, inclusive, e principalmente, o pseudo-esquecimento. É de raciocinar, ante as luzes do Espiritismo, que nem mesmo os pensamentos de milhares e milhares de anos atrás estão dissolvidos em algum lugar do passado. Não, também se manifestam no presente, eternizados que foram, da origem aos milênios seguintes, ao ganhar abrigo no infinito arquivo que todos possuímos no espírito imortal, por eterno.

E é desse arquivo imemorial, indestrutível que, por vezes, quando houver necessidade de rememoração, algum pensamento vem à tona da consciência, sob estrita supervisão espiritual. Os

sonhos, segundo os quais convivemos com "estranhos", mas que nos são conhecidos, estabelecendo tênue paradoxo, são um dos mecanismos mais ou menos rotineiros desse processo. A intuição, outro.

Pensamento é dinamismo, é vida.

Assim, cedo ou tarde, o grande guardião – o Tempo –, desentranha a lembrança, rememora o fato, reconstitui o ato e delega aos partícipes humanos o que fazer. Via de regra, em 99,9 por cento desses momentos difíceis, o perdão é o grande gênio que a todos acode, socorre, levanta e sustenta nas caminhadas redentoras do porvir.

Perdoar, dessa forma, é ganhar a Terra e o Céu.

Todas essas digressões perpassaram velozes pela mente de Américo, que decidiu: era chegada a hora. A hora da Verdade para Ari,

Antes, formou um alicerce psicológico para a grande revelação:

– Sempre o considerei forte, Ari. Você demonstrou equilíbrio ao longo do tempo em que nos conhecemos e é em nome dessa feliz característica da sua personalidade que vou esclarecer suas dúvidas.

Tomou as mãos do paciente, apertou-as vigorosamente, suspirou fundo e disse, com extrema calma:

– O nosso Anderson era um homem maravilhoso, de muita bondade... certa vez procurou-me pedindo conselhos sobre doação de órgãos.

Ari sentiu um passageiro mal-estar, porém logo seguido de agradável calor que percorreu-lhe o corpo todo, fruto da transfusão energética fluidoterápica que Abdiel lhe aplicava. Américo continuou:

– Estranhei a pergunta dele e antes de responder-lhe, fiz uma outra pergunta: "Meu jovem, como é que alguém tão saudável como você se põe a pensar em doação de órgãos?"

Américo fez pesado silêncio e olhando fixo nos olhos de Ari, continuou:

– Sabe o que ele me respondeu?

Ari nem sequer arriscou um palpite, aguardando o próprio Américo responder:

– Ele contou-me um sonho estranho que vinha se repetindo, já tendo sonhado a mesma coisa, por três vezes. Nesse sonho, cujos personagens e fatos para ele eram de impressionante realidade, via-se como um sultão, e sem consultar nenhum calendário, tinha noção plena de que tudo aquilo acontecera há séculos e séculos... com ele. Aflitíssimo, Anderson pediu-me que o ajudasse a interpretar aquele sonho.

Ari sempre fora céptico quanto a fatos sobrenaturais. Pragmático, jamais aceitara a redução simplista do intercâmbio entre o plano espiritual e o material, por mediunidade, seja em Centros Espíritas, ou fora deles, menos ainda por sonhos. Agora, contudo, que conhecia algo tão profundo ligado ao filho, que já morrera, entrou numa espécie de ausência da realidade e quase que sentia Anderson junto dele.

"Mas não havia morrido? Então, como poderia captar a presença do filho bem ali, pertinho deles? Que estranhos mecanismos eram aqueles que o envolviam, conferindo-lhe certeza plena de que seu amado Anderson continuava *vivo*? E por perto... Como? Como?"

Américo, talvez por intuição, talvez por telepatia – ou pelas duas coisas, que andam paralelo –, procurou clarear as dúvidas do amigo, falando-lhe da visão que o Espiritismo tem dos sonhos:

– Disse ao seu filho que nós, espíritas, sabemos por intermédio das informações que nos dão vários Espíritos protetores, que quando sonhamos, uma parte do nosso ser, denominada perispírito, que é o revestimento do espírito imortal e que faz a união deste com o corpo físico, fica livre e quase sempre vai aos

endereços do seu interesse no plano físico ou no plano espiritual, onde encontra-se com afins. É dessa forma que Deus nos oferece, todas as noites, a magnífica oportunidade de novos aprendizados, de reencontro com amigos queridos e saudosos, por vezes de muitas vidas passadas, o que explica como é que, embora estranhos, tais amigos "são nossos conhecidos". Além disso, durante o sono, aqueles que têm a caridade no coração, podem se juntar a equipes espirituais socorristas e visitar criaturas necessitadas e infelizes, encarnadas e desencarnadas. Isso porque nós, encarnados, temos em nosso corpo físico uma sublime usina que produz uma energia de infinitos empregos, denominada "ectoplasma". Uma das utilizações do ectoplasma é a reabilitação da vitalidade.

Ari ouvia atento ao amigo, que seguiu:

– Há mais doentes desencarnados do que encarnados e assim como as transfusões sanguíneas têm salvado tantas pessoas, de forma idêntica as transfusões de ectoplasma têm reconfortado milhares de espíritos que desencarnaram com endurecido apego aos bens terrenos. Esses infelizes irmãos, ao despertarem na Espiritualidade, mostram-se tão confusos, que a breve tempo, desentendendo tudo à sua volta, não raro são visitados pela demência. Nesse triste apogeu da desorganização mental, por força da fixação nos perdidos interesses materiais – geralmente os vícios –, e pelas consequências materiais da sua morte, em que familiares herdaram e passam a usufruir os seus bens terrenos que aqui foram deixados, às vezes sob comando de tutores legais, os desencarnados atraem-se àqueles ou a estes, inexoravelmente. Aí, estabelecem-se logo laços resistentes de união, em atropelado clima de ódio, da parte dele; e de usura, da parte dos herdeiros. A essa atrelagem, o Espiritismo denomina *obsessão*.

Fez uma pequena pausa e logo seguiu:

– Seu filho temia estar sendo vítima da obsessão, pois não conseguia tirar da cabeça uma ideia fixa, a de que ele tinha mesmo sido o tal sultão.



Américo interrompeu as palavras, dando tempo ao amigo para refletir e assimilar algo do que dissera. Logo, continuou:

– Mas, voltando a falar do tal sonho recorrente do Anderson, sonhado várias vezes, em seu harém tinha lindas mulheres, mas a nenhuma dedicava amor nem afeto. Entediado daquilo tudo, sentindo-se qual dono de pomar, que à vista de tantos saborosos frutos, de nenhum se apetece, vivia procurando novas formas de prazer, "de vida", segundo julgava. Então, por *infelicidade*, mas naquele tempo tendo considerado *felicidade*, ficou sabendo, por súditos ocultamente interesseiros, que havia um homem viúvo, pai de três filhas, todas solteiras, uma já prometida a pretendente aprovado. Curioso, mandou trazer em palácio aquelas irmãs e ao vê-las, passou-lhe pela cabeça a ideia de divertir-se com elas, tê-las em seu harém, para que, uma a uma, "o distraíssem". Depois, bem depois, faria com que elas duelassem entre si para saber qual se tornaria a favorita. E assim fez. Só não contava com dois fatos: o primeiro, o pai das jovens, ante tão grande maldade, não suportou os desgostos e embora saudável, acabou por ser vitimado por um infarto cardíaco que o matou; segundo, que as três engravidassem. Contrariado, prometeu à mais jovem que a favoreceria, caso abortasse, promessa vã que a jovem acreditou. Abortou, submissa ao sultão, mas cometendo terrível desrespeito para com Alá – o Senhor da Vida. Já as outras duas irmãs, que igualmente receberam idêntica e mentirosa promessa do sultão, recusaram-se terminantemente à providência abortiva que, contudo, acabou acontecendo, com violência, sob ordem sultânica.

Ari ouvia boquiaberto aquela narração, mais parecida com um conto, não de fadas, mas de infelizes vítimas "do destino", acontecido, também não há "1.001 noites", mas talvez, há 1.001 anos.

– Respondendo ao Anderson, naquela oportunidade, disse-lhe o que penso: em primeiro lugar, que eu próprio sou doador de órgãos, quando eles não mais me servirem, que possam ser aproveitados, por tantos e tantos doentes que aguardam um

transplante; depois, quanto a ele ter sido sultão em outra vida, disse também que, por vezes, Deus permite que a cortina do passado seja entreaberta, através dos sonhos, para que o sonhador se conscientize de algo a reparar.

– Mas, o que o meu filho poderia fazer, passados tantos séculos?!

– Pediu-me segredo, mas como você é o pai e o que vou dizer não poderá comprometer a memória do nosso Anderson, imagino mesmo que ele, em espírito, até quer que eu conte para você...

– Meu Deus! Que segredo pode ser esse?

– Contou-me que namorou três irmãs.

– Nossa Senhora!

– Isso mesmo... também fiquei espantado. Sabe quem são as três irmãs que ele namorou?

– ?!

– Alva, Alice e Ane...

– Nossa Senhora!

– Não é difícil, agora, montarmos o quebra-cabeça dos sonhos dele. A gravidez artificial da Ane, com espermatozoides do Anderson e óvulos de doadoras desconhecidas, mas com apoio de Alva e Alice, que doaram óvulos seus em troca dos que foram utilizados na irmã adotiva, parece sinalizar que parte da antiga demolição moral das três agora se reconstrói.

Parou um pouco, dando tempo a Ari para confrontar os fatos.

Depois, refletiu em voz alta:

– A gravidez artificial da Ane é fato tão marcante que me leva a imaginar que a irmã que fez aborto para agradar ao sultão, pode ser ela, pois agora, nasceu com a bênção da maternidade prejudicada. As dificuldades que teve agora de enfrentar para obter sucesso em ser mãe parecem indicar que isso teve a finalidade de que ela passasse a valorizar a maternidade. E mais, como

superando as dificuldades, conseguiu engravidar, podemos inferir que tal se deve à atenuante de então ter sido ludibriada.

Ari, visivelmente perplexo, murmurou:

– E... o pai das três irmãs que foram vítimas do sultão?

O médico esperou alguns segundos e logo acrescentou:

– Antes de qualquer pensamento a respeito, raciocine comigo, ainda sobre a doação de órgãos que era, mas deixou de ser, a dúvida do Anderson e responda-me... você mesmo, o que pensava, quando soube que só um outro coração lhe possibilitaria continuar vivendo?

Ari não piscava, imóvel, presa de fortíssimas emoções.

Emoções que cresciam de intensidade.

Américo, muito seguro, aproximou-se do "grande momento":

– Apesar de estar com documentos que não eram dele, Anderson também era doador. Por isso, quando morreu, os médicos colheram e transplantaram o coração, rins, fígado, córneas e até ossos, beneficiando, de imediato, seis pessoas desesperadas. Tenho certeza de que isso terá sido levado em conta, por Deus, para que na pátria dos espíritos ele igualmente tenha sido socorrido e mantido em paz.

– Quem... quem... foram os receptores?

– Quando você estiver mais restabelecido, prometo levá-lo a visitar um por um...

– Américo, Américo, pelo amor de Deus, diga-me quem recebeu... o coração dele?

Com a maior tranquilidade do mundo Américo soltou as mãos de Ari e suavemente espalmou a destra sobre o lado esquerdo do peito dele, dizendo enlevado:

– Anderson vive dentro do seu peito!

Instintivamente, Ari levou as mãos naquele local e captou, num milésimo de segundo, se tanto, que a Vida que vivia, desde o transplante, era de sociedade com seu filho amado.

Abaladíssimo, não conseguia falar.

Mas pensou: "fui aquele pai das três irmãs...".

Instalou-se-lhe choque emocional.

Américo socorreu-o, mais como cristão do que como médico:

– Deus, nosso Pai, por motivos que desconhecemos, mas que são sempre para nosso bem, faz-nos vivenciar dramas intensos. Por isso, meu caro Ari, submeta-se à vontade divina e agradeça-Lhe a Vida, bem como mostre gratidão a Jesus, pela bênção do entendimento.

Ari, em choque, não tinha como se manifestar.

Dando mostras da sempre presente caridade dos espíritos amigos, a natureza, pródiga, manifestou-se como que emoldurando tudo quanto Américo dissera, sem que ninguém suspeitasse – e muitas eram as pessoas passeando ali na manhã ensolarada do jardim –, desabou uma inesperada chuva, que tanto teve de torrencial quanto de pressa em esvair-se. Mas, o suficiente para deixar molhados a todos.

Teria sido apenas uma pequena nuvem que "se descontrolara".

Na raiz do fato, aquilo era a parcela de ajuda do Plano espiritual.

Muitos correram, mas Ari e Américo mantiveram-se imóveis.

Quando, em três minutos o Sol voltou a brilhar, olhavam-se com intenso fulgor, reflexo dos sentimentos que lhe extravasavam das almas.

"Voltar a brilhar" é força de expressão, na verdade, por mais escuras que sejam as nuvens sobre nossas cabeças, o Sol sempre esteve, está e estará lá, brilhando, vitalizando, iluminando.

Sem tirar a mão do peito, Ari murmurou:

– Anderson... está aqui!

– Sim, Ari, seu filho está aí!

Américo, sempre contido, não suportou a forte carga emocional do momento e desabou a chorar e encostando o rosto no peito do amigo, deixou rolares abundantes lágrimas.

Agora, estupefato pela notícia e por ver o doutor chorar, foi Ari quem o socorreu, brincando:

– Meu Deus, lá vem outra chuva...

Abraçaram-se, enternecidos, e totalmente encharcados.

No caminho de volta ao lar, Américo narrou como que o coração de Anderson viera parar no peito do pai.

Antes de chegar, Ari foi advertido por Américo para buscar forças com seu anjo guardião para que todos da família conseguissem conviver com aquela realidade, jamais imaginável.

Ari abraçou a filha, demoradamente.

Luíza notou o brilho nos olhos do marido. Volvendo o olhar para Américo, este, com um simples gesto, sinalizou "que Ari já sabia de tudo". Vendo-os ensopados, não entendeu como aquilo acontecera, mas mesmo assim envolveu o marido num outro abraço que não tinha mais fim, a ponto de ela também ficar encharcada.

– Estou perplexo – começou Ari a falar –, como é que tudo isso foi acontecer... preferia mil vezes ter morrido eu e que meu coração fosse para ele.

Meire interveio:

– Pai, pai, se o seu coração fosse para o Anderson, os dois não estariam mais aqui e eu e mamãe, como estaríamos, sem vocês dois?

Num gesto que o coração comandou, Américo tomou as mãos de Meire e com emoção declarou:

– Em qualquer circunstância da vida, conte sempre comigo.

Meire beijou-o na face, sentindo um delicioso fogo aquecê-la por inteiro.

Desnecessárias palavras para todos ali, com alegria inaudita, confirmarem o que já vinham desconfiando há tempos, aqueles dois se amavam.

Ane, até então calada, interferiu:

– E quem cuidaria do filho do Anderson, se nascesse sem pai e sem avô?

Angelina, trêmula de felicidade, respondeu a todas as perguntas:

– Deus! Deus cuida de todos os Seus filhos, estejam cá ou lá... mas no momento, quer a nós "cá" e ao Anderson "lá", mais perto d'Ele.

Américo, despedindo-se, propôs:

– Quando nascer o filho, ou filha, do Anderson, se a Meire me aceitar e se Deus quiser, gostaria de ser tio do bebê...

Encantada com a delicadeza daquele pedido de casamento, Meire, algo coquete, mas extremamente feliz, valorizou-se:

– Deus, pelo que me diz o coração, quer. Quanto a mim, depende...

Afoito, mas senhor da situação, face o olhar apaixonado com que Meire o envolvia, Américo beijou-a com intensa, mas controlada paixão, sendo correspondido.

• • •

Quando aconteceu o julgamento de Zeca e Miro, o processo passou para o domínio público tendo em vista que, pela lei, o crime deve ser de ação e conhecimento públicos. Além disso, ao serem convocados os companheiros do júri e as autoridades policiais, além dos familiares da vítima, Anderson, não havia mesmo como evitar a divulgação.

A todas as investidas da imprensa, Ari e seus familiares, além do doutor Américo, Ane, Alva e Alice, desconversaram.

Iniciado o julgamento, a Promotoria fez o libelo de crime doloso, homicídio, pedindo pena máxima, 30 anos, para ambos os criminosos.

Pela lei, citado crime tem pena cominada variável de doze a trinta anos.

A defesa, com anuência da família, tentou desqualificar a acusação, para "legítima defesa".

O depoimento de Meire foi decisivo, demonstrando arrependimento, declarou que se não fosse por sua dependência às drogas, à época, "nada daquilo teria acontecido", até mesmo

atestou a verdade, isto é, que seu irmão, embora agindo por amor fraternal a ela, foi o primeiro a agredir os réus.

Como poderoso argumento para a defesa dos réus, declarou que foi com eles até o local do acontecido, de livre e espontânea vontade, pela sua fraqueza diante das drogas; declarou que como eles não a molestaram sexualmente, depois que Anderson foi ferido, isso lhe pareceu demonstrar que não tinham tal intenção.

Embora o júri não houvesse acatado a tese da "legítima defesa", o que poria os réus em liberdade imediata, aceitou, contudo, em desqualificar o crime, não o considerando "homicídio doloso", tendo em vista que houve um só tiro e que ao ver a vítima caída, ainda com vida, não foram dados outros tiros.

Sem passagem pela Polícia, sendo pois réus primários, além das declarações de Meire, que abrandaram muito o delito, tudo isso, somado, atenuou as respectivas penas. Zeca foi condenado a dois anos, no regime de prisão-albergue, tendo apenas que dormir na prisão, podendo trabalhar durante o dia; já Miro, foi condenado à pena mínima, seis anos de prisão.

No Tribunal, frente a frente com Zeca e Miro por tantas horas, Ari conseguiu dizer-lhes:

– Desde que soube da morte do meu filho, pensei numa vingança... agora, que o coração dele bate forte no meu peito, vendo vocês dois arrependidos e sofrendo com esse julgamento, pude finalmente encontrar a única maneira de não aumentar a tragédia... estou perdendo vocês dois... minha família também os perdoou.

Os amargos e sofridos olhares dos dois encontraram algum brilho.

Quase que a uma só voz, murmuraram:

– Que Deus nos perdoe também... e obrigado pelos depoimentos.

Antes de terminar o julgamento, tendo a imprensa noticiado fartamente o rumoroso caso, a família de Ari foi procurada pelos

demais beneficiados pelos transplantes em razão da morte do Anderson.

Foram momentos de intensa comoção para Ari, Luíza, Meire, Angelina e Ane estarem tão próximos de partes vivas de Anderson.

Dentre todos, o maior beneficiado, porém, foi o próprio doador; as pessoas que foram beneficiadas em razão de sua doação, além dos seus familiares, vários deles, muitas vezes ao dia, emitiam vibrações de gratidão, que eram creditadas pelo Plano Maior a ele.



## 15 Doação de órgãos e transplantes – Enfoques científicos e espirituais

Angelina convidou todos:

– Hoje à noite, no Centro Espírita que eu, Meire e Ane frequentamos, haverá uma reunião muito importante para tratar de um tema que a todos nós envolveu: doação de órgãos e transplantes. Gostaria que fôssemos todos assistir aos debates. Que tal?

Luíza, tanto quanto Ari, há tempos vinha se empolgando com os ensinamentos espíritas que Angelina lhes passava. A má impressão que tinham do Espiritismo foi se desvanecendo, até ser substituída por sincera admiração.

No casal, bailava, ao mesmo tempo, curiosidade e uma certa propensão a conhecer melhor aquela Doutrina que seu filho professava enquanto encarnado e que a filha, na pior fase de sua vida, também a ela se dedicara, conseguindo livrar-se da dolorosa algema da toxicomania.

O Américo, que há tempos, para o Ari só "tinha o defeito de ser espírita", mostrou-se de excelente caráter, bondoso, amigo.

Ane também era espírita. E criatura tão resignada e meiga.

A própria Angelina, que só agora puderam conhecer melhor, tanto a filha como o genro, era exemplo de pessoa de boa-vontade, sempre pronta a servir. E espírita.

Ora, com tantos indicadores, *o Espiritismo só poderia ser uma coisa boa* – pensavam.

Sim, era hora de os dois conhecerem um pouco mais sobre "a Codificação", ou "a Terceira Revelação", como Angelina vivia se referindo à Doutrina Espírita.

Foram.



O Centro "Tarefeiros de Jesus" estava lotado.

Para aquele sábado à noite estava programado o seminário que trataria do tema "Doação de órgãos e transplantes", sob enfoques científicos e espirituais.

Como convidados especiais, três médicos estavam presentes, um neurologista, um patologista e um cardiologista, além de um advogado, frequentador daquele Centro Espírita. Para espanto de Ari e seus familiares, o cardiologista era o doutor Renato

Humberto, o presidente, abrindo a reunião, solicitou a uma pessoa que fizesse a leitura de uma página de "O Evangelho Segundo o Espiritismo". Aberto o livro, "por coincidência", lá estava: *Bem-aventurados aqueles que têm puro o coração, porque verão a Deus. (Mateus, 5:8).*

As palavras de Jesus, registradas pelo Evangelista Mateus, referindo-se ao coração, órgão objeto de amor, doação e transplantes, já indicavam, para aqueles que sabem que não há o acaso, que a reunião contava com supervisão do Mais Alto.

A seguir, após a prece proferida pelo presidente, solicitando a Jesus e aos espíritos bondosos luzes para os debates que seriam desenvolvidos, foram apresentadas as questões e as respostas, estas sob o enfoque científico e espírita:

1. Cada ser humano se compõe só de corpo físico, ou há nele algo mais, tradicionalmente denominado "alma"?

R: Somos trinos, ou seja, constamos de três, na verdade: espírito, perispírito e corpo físico. Para fins pedagógicos tão somente, Allan Kardec, codificador do Espiritismo, denominou de *Espírito*, o desencarnado, e de *Alma*, o encarnado.

2. A Ciência aceita a existência da alma?

R: Não, oficialmente, pela impossibilidade de comprová-la; contudo, está propensa a admitir, como *hipótese de trabalho*, não pelos postulados religiosos, mas por análises e deduções, a existência, sim, de "um princípio", ou de "uma energia condensada", ainda sem qualquer meio de comprovação, via laboratório, por

método experimental, isto é, passível de ser reproduzido em qualquer lugar do mundo, desde que mantidas as mesmas condições.

3. Segundo o Espiritismo, o que são e quais as funções do *espírito*, do *perispírito* e do *corpo físico*?

R: Melhor nos socorrermos a Allan Kardec:

Espírito:

- "*o Espírito é a individualização do princípio inteligente do Universo, como os corpos são a individualização do princípio material, instrumento de que Deus se serve para execução de seus desígnios providenciais*"<sup>6</sup>;

- "*de origem divina, é formado de 'essência espiritual', sendo pois um ser indefinido, abstrato, impossibilitado de agir diretamente sobre a matéria, necessitando de um intermediário, que é o envoltório fluídico (o perispírito) que, até certo ponto, o integra*"<sup>7</sup>;

Perispírito:

- "*é o laço que prende ao corpo o Espírito; uma espécie de envoltório semimaterial, (serve) de envoltório ao Espírito e liga a alma ao corpo (...) é formado de matéria do meio ambiente, do fluido universal (...) além disso, é o agente das sensações exteriores e no corpo, os órgãos, servindo-lhes de condutos, localizam essas sensações*"<sup>8</sup>;

Corpo físico:

- "*é o invólucro material que reveste o Espírito temporariamente, para preenchimento da sua missão na Terra e execução do trabalho necessário ao seu adiantamento*"<sup>9</sup>.

4. Por que as pessoas adoecem?

R: A doença, na maior parte das vezes, é uma amiga a alertar a criatura para algum procedimento equivocado; no caso dos

---

<sup>6</sup> - "O Livro dos Espíritos", questões n° 79 e 87

<sup>7</sup> - "A Gênese", cap. 11

<sup>8</sup> - "O Livro dos Espíritos", *Introdução* e questão n° 257

<sup>9</sup> - "O Céu e o Inferno", cap. 3

seres humanos, principalmente no caso das doenças congênitas, não é raro que seja espelho de maus atos de vidas passadas (expição), podendo, contudo, ser ofertada como teste de entendimento e prática da Lei do Amor (provação); não é punição, antes, problema que nós próprios criamos, por abusos, nesta ou em outras vidas, dos quais a Lei Divina exige retorno ao equilíbrio.

5. Por que as doenças ora são no coração, ora no aparelho digestivo, ora na cabeça, ora na circulação, ora no aparelho respiratório etc.?

R: Muito se especula quanto a esta parte, como simples conjectura, podemos supor que determinados atos humanos envolvem mesmo determinados segmentos do corpo perispiritual, com reflexos no corpo físico. Assim, talvez possamos apenas imaginar sem, contudo, afirmar, apenas fazendo um exercício dos processos de ação e reação:

a. Doenças na cabeça:

- sendo sede da inteligência e da mente, além de antena receptora das notas do mundo espiritual, de onde irradiam pensamentos e onde se situa a memória, além de quatro sentidos (visão, audição, olfato e paladar), quaisquer distúrbios aí, levam-nos a considerar que em vidas passadas, senão nesta mesmo, houve sérios desregramentos de ideias e má utilização dos olhos, ouvidos, olfato e paladar; nessa linha de raciocínio, eclodem hoje tumores cerebrais, ou presença de visão deficitária, surdez parcial ou total, excessos de glotonaria, sinusites agudas etc.;

b. Doenças do coração:

- responsável maior pela circulação sanguínea, em todo o corpo, avarias nele sugerem que atos negativos (ódio, vingança, usura, crueldade etc.) podem ter produzido excesso de hormônios, que ao se misturarem com as correntezas do sangue, adulteraram-lhe a química equilibrada, causando sobrecarga para recomposição da normalidade e mais, ainda nesse contexto, com as glândulas produtoras dos vários hormônios tendo que trabalhar em desatino,

não será complicado aceitar que em sua sede física surjam tumores malignos;

c. Doenças da respiração e digestão:

- as anomalias põem a descoberto grave desrespeito, quem sabe, pelo tabagismo, toxicomania ou ingestão excessiva de alimentos (ainda aqui, reflexo de vidas anteriores ou de há pouco);

d. Deficiências físicas ósseas:

- tais anormalidades, de difícil trato ou cura, colocando o indivíduo numa vitrine eterna do seu problema, ora despertando compaixão, mas quase sempre dificuldades sociais de toda monta, inclusive até repúdio, parecem indicar que aqueles que as carregam trazem do passado um passivo de ações que levaram muitos dos seus semelhantes a grandes humilhações públicas.

6. Todos os doentes estão em provas ou em expiações?

R: Não, necessariamente. Convém aqui repetir que as conjeturas ora feitas não partem de certeza, mas sim de uma tentativa de aproximação da Lei de Causa e Efeito. Muitas vezes, nas patologias citadas, são encontrados Espíritos elevados, que voluntária e missionariamente, a elas se submetem numa existência terrena para poderem aproximar-se dos que as sofrem. Dessa forma, atuam como antenas receptoras das bênçãos balsâmicas, constantemente fluindo de Jesus e Seus siderais auxiliares, transferindo-as, por ação magnética de alto efeito, àqueles irmãos em duros embates expiatórios.

7. Dentro de uma visão abrangente, quais os antecedentes que levam um Espírito a reencarnar com programação profissional voltada para a área médica?

R: Curar doentes, antes de tudo, é ato de amor. A atividade médica, precipuamente, visa eliminar a dor, em ações preventivas ou curativas. A tendência explícita para a carreira médica pode traduzir resgate ou missão:

- no primeiro caso, não se deverá, em diagnóstico apressado, nem sequer conjeturar que os médicos, ao suprimirem a dor e doenças, estão no exato contrafluxo de ações em vidas passadas,

quando eram ou foram agentes causadores delas, no próximo. Não se cometa essa aleivosia, não obstante, estará, sim, em resgate de faltas, quando sujeito a enormes vicissitudes no desempenho da sua tarefa, realizando-a através de duríssimas lutas;

- já no segundo, Espíritos adiantados no bem, geralmente sob supervisão espiritual superior, trilham a área médica na vida física, acrescentando benéficas "descobertas", que irão auxiliar milhares, senão milhões de enfermos, no mundo todo, tal é o caso, por exemplo, do surgimento das vacinas, das técnicas cirúrgicas avançadas, da atualização de diagnósticos mais precisos, alguns deles com auxílio da informática etc.

8. Qual a visão espírita da Medicina?

R: Bênção divina, no plano espiritual quanto no terreno.

9. Medicina no plano espiritual?

R: Sim, via de regra, é de lá que fluem as benesses para a Terra.

10. O que dizer das "cirurgias espirituais", às vezes invasivas com instrumentação, realizadas quase sempre fora de centros cirúrgicos e sem as condições legais, com ausência de assepsia?

R: Para os males do corpo material, a Medicina terrena nos hospitais; para os problemas espirituais, a fluidoterapia, a evangelhoterapia e principalmente a reforma íntima nos Centros Espíritas; os dois primeiros tratamentos, algumas vezes por semana, e, em todo lugar e sempre, o terceiro.

11. Quanto à doação de órgãos, há alguma nota específica na Codificação do Espiritismo?

R: Não, não há. Contudo, podemos perfeitamente entender que não poderia mesmo haver, posto que a Medicina do século 19 não dispunha dos meios atuais para utilizar, em série, tal atividade, aproveitamento de órgãos vitais. Sem apelar para sofismas, podemos inferir que se os Espíritos que intuíram Allan Kardec transmitissem-lhe notas sobre o tema, isso seria tão impróprio quanto, por exemplo, um fabricante de aviões a jato doar um deles

a uma humilde aldeia de pescadores, situada entre o mar e montanhas, sem área adequada à construção de um aeroporto.

Como demonstrativo da sabedoria dos Espíritos e da prudência didática e moral de Kardec, no capítulo 1 de "A Gênese", explana ele longamente quanto à estreita ligação da Doutrina Espírita e da Ciência, paralelas, ambas progressivas, nelas e delas sempre surgindo novas revelações espíritas.

Enquadramos as doações de órgãos no andamento progressivo preconizado pelo mestre lionês.

12. Como extensão da pergunta anterior, na Codificação há considerações sobre os transplantes?

R: Aqui, precisamos acoplar os dois procedimentos, se o primeiro, a doação, sugere um ato de amor, deduz-se a existência do segundo, o transplante. Nessa tônica, ambos não são excludentes.

13. Qual a diferença da doação *inter vivos* para a doação após morte? Podemos detalhá-las?

R: *Doação inter vivos*: de órgão, ou de parte de órgão, que não irá prejudicar a qualidade de vida do doador. Exemplo: doação de um rim, de medula, de parte do fígado. Como esclarecimento, citamos que o fígado é o único órgão que se regenera, assim, tanto o doador, quanto o receptor, dentro de algum tempo, estarão com as partes divididas, a que permanece no doador e a que é transplantada, completas.

*Doação após morte*: podem ser utilizados coração, fígado, rins, pulmões, córneas, pele, pâncreas e até ossos.

14. O que leva alguém a ser doador, em uma ou noutra dessas duas maneiras de doar e como e quando se efetuam?

R: O móvel da doação só pode ser o amor. Se houver algum interesse – e infelizmente, em alguns casos há –, não é doação, é mercantilismo. Outro não é o motivo pelo qual a doação *inter vivos*, pela lei vigente, só pode ser efetuada entre parentes, sem risco de vida para doador e receptor. Isso objetiva a gratuidade e

desencoraja o comércio. Visa a lei evitar o espúrio comércio de órgãos, que chegou a florescer, logo após os primeiros transplantes.

Já a doação declarada em vida para o pós-morte, da mesma forma se evidencia em elevado grau de amor, de desprendimento total das coisas materiais, das quais o corpo físico é o bem mais sagrado, posto que é um verdadeiro empréstimo de Deus ao Espírito, para utilização durante um determinado tempo, findo o qual terá que restituí-lo à origem. A utilização e emprego de alguns dos órgãos aproveitáveis requerem extrema urgência nas providências de captação.

15. No caso de aproveitamento após a morte, sem a declaração em vida do doador, o que seria a "doação presumida"?

R: Houve lei, já expurgada, preconizando o entendimento de que todos os que não se declarassem doadores, na morte, o seriam. Atualizado o conceito, atualmente ocorrerá a "doação presumida" quando alguém desencarnar e apresentar possibilidade de aproveitamento de órgãos, não havendo declaração em contrário em seu prontuário. Como sempre vêm fazendo, os médicos, consagrando a ética, consultam os parentes e se eles confirmam que o falecido, em vida, manifestara o desejo de ser doador, apenas sem oficializá-lo, então, o aproveitamento é realizado.

16. Qual a repercussão no perispírito ou mesmo no espírito, ante a invasão do corpo físico, despojos, para aproveitamento de órgãos? Há dor?

R: Entre os espíritas, esse é o ponto crucial, ou como se diz, o nó górdio da questão. Sabem os espíritas que o perispírito é a sede das sensações e assim, a eles, em particular, crentes da continuidade da vida no plano espiritual e da forma como se efetua o desligamento do perispírito, desate algo lento do cordão fluídico, surgem não poucos temores e, por conseguinte, objeções.

O sábio Espírito Emmanuel preconiza, por exemplo, que na opção da cremação, será aconselhável um interregno de 72 horas, entre a desencarnação e tal ato. E como os transplantes têm que ocorrer logo após a morte, em espaço de tempo não superior a seis



horas, no caso do coração, resta a pergunta: "Será que o perispírito do doador não irá registrar, de forma dolorosa, tal invasão"?

Dessa maneira, pela crença na continuidade da vida, em plano diferente, os maiores doadores deveriam ser os espíritas; contudo, é justamente entre eles que a lista se encolhe.

Alongando um tanto as considerações, é necessário registrar que, embora verdadeiras as premissas das horas, num e noutro caso, jamais poderíamos nos esquecer do Amor do Pai, abençoando os atos de amor dos Seus filhos.

Fé!

Há que se ter fé inabalável de que numa doação será imediata a ação dos Benfeitores Espirituais, impedindo repercussões dolorosas no doador, recém-desencarnado. Sem essa fé, aos espíritas especificamente, escassearão mesmo as doações *post mortem*<sup>10</sup>, *pelo menos, da parte deles*.

Dezenas e dezenas de outras perguntas foram feitas pelo público presente, todas pacientemente respondidas ora pelos médicos, ora por espíritas. Como já era de se esperar, a maioria das pessoas queria esclarecimentos quanto à situação do doador, no caso, desencarnado.

Praticamente, esse tema ocupou todo o tempo reservado para os debates. O médico patologista, aquele a quem mais perguntas foram dirigidas, verificando o número de pessoas que apresentaram dúvidas, considerou por bem fazer uma breve explanação sobre a morte. Propôs-se a discorrer, de sua parte, quanto aos aspectos científicos, pedindo ao presidente do Centro

---

<sup>10</sup> - Em "O Livro dos Espíritos", questão nº 257, o "*Ensaio teórico da sensação nos Espíritos*", é de fundamental esclarecimento para todos quantos tenham dúvidas quanto à dor "post-mortem" dos doadores de órgãos. Sendo muito a propósito da mensagem do presente livro, encarecemos aos leitores que o leiam. Cumpre aqui acrescentar, ainda segundo Kardec, em "O Livro dos Médiuns", cap. I, a questão nº 57, onde consta que o perispírito, *embora fluídico, não deixa de ser uma espécie de matéria*.

Espírita que, a seguir, complementasse-o, apresentando os ensinamentos dos bons Espíritos, com base na Codificação do Espiritismo.

Assim, o doutor Aderbal comentou:

- A Medicina, hoje, contando com avançados recursos técnicos, relativamente à morte, tem como certeza médica, científica e legal, que uma pessoa é considerada morta em duas situações: falência total do encéfalo e/ou do cérebro:

1ª - Morte encefálica: quando o indivíduo não registra, no eletroencefalógrafo, qualquer traço; isso significa que embora ainda haja sinais vitais em alguns órgãos, a conexão encéfalo-cérebro está definitivamente eliminada. Jamais tal quadro reverte.

Obs.: o encéfalo faz parte do sistema nervoso central e de seus envoltórios contidos na caixa craniana, incluindo cérebro, cerebelo e bulbo raquidiano;

2ª - Morte cerebral: é aquela a qual o indivíduo igualmente não apresenta traços gráficos de atividade cerebral nem há mais qualquer sinal vital em nenhum dos seus órgãos.

“Dessa forma, em síntese, e com o máximo respeito ao Senhor da Vida, podemos filosofar que a morte encefálica, engendrada nos meandros da Suprema Bondade e Amor, evidencia a Sabedoria do Pai, criando condições para o porvir da Humanidade, quando chegasse a era dos transplantes – a nossa era!”.

Passada a palavra para Humberto, este dissertou:

“Do ponto de vista espírita, também temos algumas ilações sobre a morte. Em primeiro lugar, para falar da morte, vamos falar da vida. Lecionam os Espíritos esclarecidos, à questão 344 de "O Livro dos Espíritos", de Allan Kardec, que a vida terrena se inicia na concepção, completando-se no nascimento. Além disso, acrescentam aqueles Engenheiros da reencarnação que desde o nascimento somos assessorados espiritualmente por um Protetor do mundo dos Espíritos”.

Após ligeira pausa, prosseguiu:

“Fizemos este preâmbulo para demonstrar que a vida física não tem início rígido quando do primeiro vagido do bebê, que

embora sendo um instante de glória suprema do indivíduo, talvez pode expressar num adeus, o sentimento de perda do sagrado e super protetor ambiente em que estava e do qual saiu para ver a luz e trilhar um longo futuro de novos embates”.

Olhou por alguns instantes para o público e seguiu:

“Idêntico ao fenômeno da vida, inexoravelmente, há um outro, a morte. Há um paralelismo divino nesses fenômenos, o reverso da vida física é a morte, mas, por outro lado, o nascimento do bebê talvez possa ser considerado como o reverso da vida no plano espiritual. É comum os desencarnantes – grande parte deles – emitirem um suspiro, que tanto pode significar um atestado de alívio quanto à tristeza de um adeus. Num e noutro caso – reencarnação e desencarnação –, temos que o indivíduo deixa um ambiente e vai para outro, onde a Vida, incessante e pujante em ambos, lhe ofertará novas chances de aprendizado, visando a seu crescimento moral”.

Aguardando que o público presente assimilasse tais conceitos espíritas, o expositor logo retomou:

“Recorrendo sempre aos proveitosos ensinamentos contidos em "O Livro dos Espíritos", vamos encontrar ali, na Parte 2ª, capítulo 3 - "*Da volta do Espírito, extinta a vida corpórea, à vida espiritual*", no subtema "*Separação da alma e do corpo*", importantíssimos fundamentos sobre o que aqui estamos tratando, vindos dos Espíritos iluminados que confirmaram a Kardec:

- na questão nº 154, não é dolorosa a separação da alma e do corpo;

- na questão nº 156, "*na agonia, a alma, algumas vezes, já tem deixado o corpo; nada mais há que a vida orgânica. O homem já não tem consciência de si mesmo; entretanto, ainda lhe resta um sopro de vida orgânica. O corpo é a máquina que o coração põe em movimento. Existe vida orgânica enquanto o coração faz circular nas veias o sangue, para o que não necessita da alma*".

Após pequena interrupção, houve o prosseguimento:

“Aplicando essas transcendentais assertivas ao atual aproveitamento de órgãos de uma pessoa com *morte encefálica*, assim definida pela Medicina, na qual o coração ainda funciona, unicamente porque está monitorado por máquina, nada objetiva consideremos que no indivíduo há *vida orgânica*, sendo que a alma já voltou à *vida espiritual*”.

Como muitas pessoas estavam interessadas em saber sobre a dor no Espírito do doador, Humberto esclareceu:

“Ainda sobre a dor que possa sentir o espírito, relativamente ao que aconteça com o corpo que lhe tenha servido, nunca poderemos nos esquecer de que, pela junção mental daquele a este, como no suicídio, por exemplo, há reverberação dolorosa na decomposição material. Certamente, num grau muito maior do que no eventual aproveitamento de órgãos, à revelia de quem dele serviu-se na vida física. Acrescentamos até que nos transplantes, as preces e boas vibrações dos beneficiados e seus amigos e familiares agem como poderoso analgésico às dores resultantes daquele apego”.

Num gesto de calma fechou os olhos para logo continuar:

“Após o nascimento, a criança é mais amparada espiritualmente por alguns anos, tendo em vista que o Espírito passou por um processo de esquecimento das vidas anteriores e nessa condição está apto a receber e assimilar novos conhecimentos. Após a morte, tal esquecimento não se dá; o Espírito não esquece a vida física cessante e mesmo, em muitos casos, nela permanece *mentalmente*, nem sequer tomando conhecimento do desenlace. Esse é o caso específico das pessoas apegadas aos bens terrenos e aos valores materiais. Precisamente aqui, podemos desenhar o perfil de quem tem condições de ser doador de órgãos após a morte: aquela pessoa desapegada de posses, sensível e boa, que dispensa parte de suas ocupações em benefício do próximo e, sobretudo, que tem consciência de que Deus, sendo o Amor integral, abençoa todos os atos por amor realizados. Assim, não depende de ser espírita o doador, depende,

isso sim, de ser confiante na Justiça Divina, desprendido e caridoso”.

Concluiu:

“A gratidão do receptor e dos seus familiares e amigos, além da própria admiração nem sempre manifestada de forma ostensiva, mas sentida com certeza, das equipes médicas dos transplantes, todas essas vibrações somadas, formam um feixe luminoso de alto poder energético, emitindo forte luz que se dirige ao Espírito do doador, desencarnado, propiciando-lhe indizível bem-estar. Podemos dizer, sem receio de contradita, que o doador é um *semeador de felicidades*. Feitas as contas, resulta um enorme saldo positivo para ele. Há melhor recompensa?”

Tão eloquentes foram as explicações de Humberto, calando fundo no coração e na mente de quase todos os presentes, que ninguém mais formulou nenhuma pergunta.

À saída, uma jovem confidenciou ao noivo:

– Puxa vida! Depois do que ouvi, dá uma vontade danada de doar o corpo todo, você não acha?

Entrando no clima, o rapaz brincou:

– Quando nos casarmos vamos fazer isso, um para o outro.

Sentindo uma pequena repreensão, seguida de afagos, agora emprestando sinceridade aos votos, a moça inquiriu:

– Vamos juntos, logo na segunda-feira cedo, declarar que somos doadores?

– Eu estava justamente pensando nisso!

Tão descontraídos estavam que não perceberam que algumas pessoas ouviram seu carinhoso diálogo, Ari, Luíza, Ane, Angelina, Meire e Américo.

Ari e seus familiares estavam emocionadíssimos.

Até parecia que aquela noite de bênçãos fora preparada para eles.

O doutor Renato abraçou-os, atencioso e contente por vê-los ali.

Luíza e o marido, tendo a realidade dos dois planos, o material e o espiritual, escancarada à frente de suas vidas, até então afastadas do Reino de Deus, tomaram uma decisão, assim como há pouco fizera o jovem casal:

– Nunca pensei – confessou Ari – que o Espiritismo navegasse nesse mar de tão profundos conhecimentos! Estou impressionado e feliz.

– Eu também, nem sabia dessas coisas, tanto quanto agora me sinto muito mais confortada com tudo o que nos aconteceu – solidarizou-se Luíza.

– De hoje em diante, vou estudar os fundamentos da Doutrina dos Espíritos, pois além de considerar bastante lógicas as informações que foram transmitidas, encontrei conforto nelas.

Luíza, num gesto de concordância, ainda complementou:

– Há uma coisa que não tem naquele Centro Espírita e achei ótimo.

Ari sempre fora o homem que gostava de refletir sobre os paradoxos, mas aquele que sua esposa apresentara ele não o decifrou. Inquiriu:

– Bem, se não tem, como é que você pode ter gostado?

– Lá não tem espelhos.

– Nem mármore...

Não houve necessidade de detalhes.

Reciprocamente, ambos captaram quanto estavam mudados.

## 16 Três Marias

Algum tempo depois, coincidindo com o casamento de Meire e Américo, uma espetacular notícia viria inundar de alegria o lar de Ari, a gravidez de Ane desenvolvia-se com bom andamento a despeito dos trigêmeos, ou melhor, das trigêmeas.

Sob recomendação médica, Ari deveria manter-se afastado dos negócios por seis meses, a contar da data da sua cirurgia.

Luíza preferiu ficar ao lado do marido, assistindo-o na convalescença.

Meire, a pedido da mãe, assumira as rédeas da empresa.

Livrara-se da toxicomania, de forma definitiva, por decisão própria, difícil, mas corajosa. Mais uma vez a *vontade* havia vencido a batalha contra o vício.

De forma surpreendente, para todos – todos, mesmo –, Meire vinha desincumbindo-se da responsabilidade com até então desconhecida competência administrativa, além de tino comercial. Dera ordens ao encarregado de "recursos humanos" para não recusar candidatos a emprego que fossem ex-toxicômanos. Aliás, com sabedoria e bondade, empregava-os, sim, porém encaminhando-os para estágio inicial de um ano junto às pedreiras onde o mármore verde era extraído. Lá, sob rigoroso esquema que implantara, não havia possibilidade de tramitar drogas e assim, aqueles que, na prática, não demonstrassem recuperação progressiva, geralmente se demitiam.

As duas amigas de Meire, que eram suas inquilinas, igualmente deixaram as drogas, com amplo apoio dela, que inclusive as empregou em sua empresa.

Gratas pelo generoso financiamento do apartamento, mas principalmente pela assistência moral, tornaram-se funcionárias dedicadas e amigas fiéis.

Quando as três meninas nasceram, o lar de Ari transformou-se num só reboiço. Até então, vinha ele recuperando-se bem do transplante, a ponto de ter iniciado breves jornadas de atividade na sua empresa, sempre próspera. Meire dera conta do recado, isto é, assumira as rédeas da direção comercial e industrial com raro senso de oportunismo, daí resultando bons lucros.

As irmãs adotivas de Ane, nos momentos que antecederam ao parto, por estranha simbiose começaram, elas também, a sentir dores abdominais. O doutor Américo, sempre atencioso e acompanhando o estado de saúde de todos, diagnosticou aquilo de "dores de gravidez psicológica".

Talvez tivesse razão, as dores que surgem espontâneas, sem ferimentos ou sem quaisquer outros danos, externos ou internos, na verdade, são impressões que transitam do perispírito ao organismo, via um bom *estafeta-condutor*, o sistema nervoso central. Cumpre destacar que no caso de ferimentos, ainda é o sistema nervoso central que leva a notícia ao cérebro e este a repassa para o cérebro perispiritual, desencadeando o processo da dor "física".

Até certo ponto, com a cautela que o delicado assunto impõe, talvez não seja exagero de nosso turno considerar o sistema nervoso central como sendo a parte mais materializada do perispírito, ou, ao contrário, a parte mais sutil da matéria orgânica, algo assim, como um entremeio de densidade entre um e outro daqueles corpos.

O que o corpo manifesta é reflexo do que o perispírito registra.

Está mais que provado que a matéria física não sente dor, embora seja nela que a resposta reflexiva ao estímulo se manifeste. Na verdade, o perispírito, sim, este que é a sede das sensações, como já vimos em "O Livro dos Médiuns", citado anteriormente.

Assim, Alva e Alice, co-partícipes daquela gravidez, nela concentraram suas vibrações, advindo, nelas, em retorno reverberativo, as dores que Ane sentia. De um jeito ou de outro, tiveram que receber analgésicos.



Impossível a Ari, aos serviçais e ao próprio doutor Américo, não acharem muita graça naquilo, embora disfarçassem.

Luíza, Meire e Angelina, alvoroçadas diante dos primeiros sintomas do parto, ficaram, elas também, carentes de algum cuidado, que o doutor Américo providenciou. Agora, era mesmo difícil a Ari não dar risadas, pois naquela casa até parecia que seis mulheres estavam prestes a dar à luz.

Conduzidos todos ao hospital – em duas ambulâncias –, em menos de uma hora ecoaram na sala de partos os altissonantes vagidos dos três saudáveis bebês.

A primeira manifestação sonora de um espírito que reinicia nova etapa terrena, seja à hora do dia ou da noite que for, é sempre algo comparável à festiva manifestação da natureza, na alvorada de uma nova manhã, em que aves canoras, alegres e céleres, cruzando os ares, conclamam a todos os seres que repousavam para o reinício da dinâmica física de mais um estágio de prosseguimento evolutivo, um novo dia. Para construir, incessantemente.

O anúncio de que tudo transcorreria bem funcionou como a liberação geral da barragem de uma *represa, cujas águas rolaram*, isto é, lágrimas de felicidade.

Choravam os bebês... e a mãe.

Choravam a avó, a bisavó, a tia, as "tias-mães".

Choravam até as três enfermeiras, cada uma com um bebê.

Ari, com o pensamento fixado no filho, sentindo-se em estado de sublime graça, sentia o coração qual taça a derramar amor na alma.

Chorava ele também.

De comum acordo com todos, as meninas se chamariam: Mariane, Marialva e Marialice.

Tempos virão em que os olhos humanos integralizarão seu potencial, admitindo visualizar determinadas ocorrências do Plano Espiritual. Em outras palavras, uns mais, outros menos, no futuro

todos seremos médiuns videntes, podendo testemunhar o desdobramento físico-espiritual de várias ações, de vários acontecimentos, em várias oportunidades.

Ali, só Angelina teve esse privilégio, presa de emoção pelo andamento de tão significativos fatos, em lágrimas e em preces, quase perdeu o controle quando viu Anderson, ladeado por dois enfermeiros, aproximar-se das filhas.

Beijou-as, terna e longamente.

Depois, uma a uma das pessoas, abraçou-as, com carinho.

Aproximou-se do pai, que chorava de intensa alegria.

Abraçou-o forte, fazendo com que o coração que pulsava no peito de Ari recebesse intensa radiação, traduzida por gotículas de luz que, saindo do tórax do filho iam aninhar-se no do pai.

A seguir, o neto olhou-a, enternecido.

Nada disse.

Nem precisava.

Seu olhar era só doçura e meiguice.

Angelina, em verdadeiro êxtase, viu que os olhos dele pareciam duas lanternas de foco brilhante e que, da cintura para cima, era como se houvesse lâmpadas acesas na região dos órgãos que doara.

Não resistindo à emoção, fixou o olhar no peito do neto.

Lá estava! Um outro coração, tão iluminado, que tanta luz cegou-a, momentaneamente.

Mesmo sem ver, percebeu que o neto se aproximara.

Beijou-a na testa e nas faces com delicadeza e carinho.

Quando as retinas voltaram à normalidade, Anderson já tinha partido.